

RELATÓRIO DA SITUAÇÃO DA MULHER EM CACHEU E OIO

Elaborado no âmbito do projeto:

“MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS”

Caracterização da situação da mulher e prevenção comunitária da VBG

2025





Agradecemos a todas as mulheres que, anónima e voluntariamente, se disponibilizaram a responder ao inquérito que deu origem ao presente estudo.

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Relatório da situação da mulher em Cacheu e Oio

COORDENAÇÃO: FEC | Fundação Fé e Cooperação

REDAÇÃO: Orquídea Ribeiro

COLABORAÇÃO: Rita Pais, Hugo Vaz Pedro e Nuno Tavares

REVISÃO: Orquídea Ribeiro, Hugo Vaz Pedro e Nuno Tavares

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO: Diogo Lencastre

EDIÇÃO: FEC | Fundação Fé e Cooperação

LOCAL DE EDIÇÃO: Lisboa, Portugal

DATA DA EDIÇÃO: Dezembro de 2025

TIRAGEM: 100 exemplares

IMPRESSÃO: Negócios Artes Gráficas, Lda

Realizado no âmbito do projeto “Mindjoria Pa Mindjer, I Mindjor Pa Tudú Djintis – Caracterização da situação da mulher e prevenção comunitária da VBG”, um Projeto implementado pela FEC, em parceria com a Rede Ajuda e financiamento do Camões, I.P..

Copyright © FEC | Fundação Fé e Cooperação

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro do Camões, I.P.. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade da FEC | Fundação Fé e Cooperação e não reflete necessariamente a posição do Camões, I.P..

PROMOTOR:



PARCEIRO:



FINANCIADOR:



ÍNDICE

PREFÁCIO	13
1. SUMÁRIO EXECUTIVO	15
2. VISÃO GERAL DO ESTUDO E METODOLOGIA APLICADA	19
3. RESULTADOS DO INQUÉRITO	31
3.1. Características Pessoais da Inquirida	31
Região de residência e faixa etária	31
Região de residência, etnia e religião	32
Região de residência, registo de nascimento e existência de deficiência	34
Educação	34
Nível de escolaridade	34
Proficiência linguística	35
Atividade económica	36
Emprego e atividade geradora de rendimentos	36
Estado marital/relação	37
Estatuto de família	37
Agregado Familiar	38
Casamento precoce e/ou forçado	38
Casamento precoce	38
Fecundidade e saúde reprodutiva	41
Fecundidade	41
Gravidez Precoce e Planeamento Familiar	41
Acesso aos média e utilização das tecnologias de informação e comunicação	42
3.2. VCM por parceiros	43
Violência Económica	43
Violência Psicológica	44
Violência Física	46
Violência Sexual	48
3.3. VCM por não parceiro	53
Violência Física	53
Violência Sexual	57
Tentativa de violação sexual	59
3.4. VCM por parceiro e/ou não parceiros	63
3.5. Experiências e percepções de VCM	65
Percepções sobre a MGF	65
MGF da inquirida	66
MGF das filhas	68
3.6. Conclusão da entrevista	74
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	75
5. ANEXOS	79
6. BIBLIOGRAFIA	111

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Esperança média de vida de uma rapariga ao nascer na Guiné-Bissau entre 1960 e 2018..	21
Gráfico 2 - Número e percentagem de mulheres inquiridas (n1=1022 e n2=522) distribuídas por região de residência..	32
Gráfico 3 - Número de mulheres inquiridas (n=522) por faixa etária e respetiva distribuição percentual por região de residência..	32
Gráfico 4 - Percentagem de mulheres inquiridas por frequência escolar (n=522)..	34
Gráfico 5 - Percentagem de mulheres inquiridas pelo último nível de escolaridade frequentado (n=522)..	34
Gráfico 6 - Percentagem de mulheres inquiridas que frequentou a escola, por faixa etária (n=522)..	35
Gráfico 7 - Percentagem de mulheres inquiridas que frequentou a escola, por religião (n=522)..	35
Gráfico 8 - Percentagem de mulheres inquiridas que frequentou a escola, por região (n=522)..	35
Gráfico 9 - Percentagem de mulheres inquiridas ao nível da língua mais falada no dia-a-dia e ao nível da proficiência linguística (n=522)..	35
Gráfico 10 - Percentagem de mulheres inquiridas por tipo de rendimentos (n=522)..	36
Gráfico 11 - Percentagem de mulheres inquiridas que gerem os seus rendimentos (n=522)..	37
Gráfico 12 - Percentagem de mulheres inquiridas que referem ter conta bancária (n=522)..	37
Gráfico 13 - Percentagem de mulheres inquiridas por estado marital (n=522)..	37
Gráfico 14 - Distribuição da idade com que a mulher se casou pela primeira vez (n=244) e da idade que o marido tinha quando se casaram (n=28)..	38
Gráfico 15 - Percentagem de mulheres que casaram com menos de 16 anos e com menos de 18 anos (n=703)..	39
Gráfico 16 - Percentagem de mulheres inquiridas por poder de decisão no próprio casamento (n=522)..	40
Gráfico 17 - Percentagem de mulheres inquiridas por método de prevenção da gravidez utilizado (n=522)..	42
Gráfico 18 - Percentagem de mulheres inquiridas com acesso aos média e utilização das tecnologias de informação e comunicação (n=522)..	42
Gráfico 19 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram ser vítimas de VCM económica por parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=507)..	43
Gráfico 20 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram ser vítimas de VCM psicológica por parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=507)..	45
Gráfico 21 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram ser vítimas de VCM física por parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=507)..	46
Gráfico 22 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram ser vítimas de VCM sexual por parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=507)..	48
Gráfico 23 - Percentagem de mulheres inquiridas vítimas de VCM por parceiro nos seus diferentes domínios (n=507)..	50
Gráfico 24 - Percentagem de mulheres inquiridas vítimas de VCM por parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=507)..	51
Gráfico 25 - Percentagem de mulheres inquiridas por número de tipo de VCM por parceiro reportados (n=348)..	51
Gráfico 26 - Percentagem de mulheres inquiridas que sofreram de VCM por parceiro (n=507) no total de mulheres inquiridas) dentro das seguintes características sócio-demográficas: faixa etária, região, etnia, religião, escolaridade, último ciclo escolar que frequentou e estado civil..	52
Gráfico 27 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram ser vítimas de VCM física por não parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=522)..	53

Gráfico 28 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram o tipo de relação com o agressor por VCM física por não parceiro (n=213).	53
Gráfico 29 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram qual o elo de relação com o agressor da qual foram vítima de violência física por não parceiro (n=213).	54
Gráfico 30 - Distribuição percentual de mulheres inquiridas da relação com os múltiplos agressores da qual foram vítima de violência física por não parceiro (n=213).	54
Gráfico 31 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram qual a frequência que o ato de violência física ocorreu desde os 15 anos e nos últimos 12 meses (n=213).	55
Gráfico 32 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram qual a severidade dos ferimentos que resultaram do ato de violência física (n=213).	56
Gráfico 33 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram se os ferimentos resultantes ocorreram nos últimos 12 meses (n=213).	56
Gráfico 34 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram ser vítimas de VCM sexual por não parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=522).	57
Gráfico 35 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram qual o elo de relação com o agressor do qual foram vítimas de violência sexual por não parceiro (n=20).	58
Gráfico 36 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram qual a frequência que o ato de violência física ocorreu desde os 15 anos e nos últimos 12 meses (n=20).	58
Gráfico 37 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram qual o elo de relação com o agressor da qual houve tentativa de violação sexual por não parceiro (n=18).	59
Gráfico 38 - Percentagem de mulheres inquiridas vítimas de VCM por não parceiro nos seus diferentes domínios (n=522).	60
Gráfico 39 - Percentagem de mulheres inquiridas vítimas de VCM por não parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=522).	61
Gráfico 40 - Percentagem de mulheres inquiridas por número de tipo de VCM por não parceiro reportados (n=222).	61
Gráfico 41 - Percentagem de mulheres inquiridas que sofreram de VCM por não parceiro (n=522) dentro das seguintes características sócio-demográficas: faixa etária, região, etnia, religião, escolaridade, último ciclo escolar que frequentou e estado civil.	62
Gráfico 42 - Percentagem de mulheres inquiridas vítimas de VCM por parceiro e/ou não parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=522).	63
Gráfico 43 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram algum tipo de VCM parceiro e/ou não parceiro reportados (n=405).	63
Gráfico 44 - Percentagem de mulheres inquiridas que sofreram de VCM por parceiro (n=405) dentro das seguintes características sócio-demográficas: faixa etária, região, etnia, religião, escolaridade, último ciclo escolar que frequentou e estado civil.	64
Gráfico 45 - Percentagem de mulheres inquiridas alvo de circuncisão/excisão genital (n=522).	66
Gráfico 46 - Percentagem de mulheres inquiridas alvo de circuncisão/excisão genital, por faixa etária.	67
Gráfico 47 - Percentagem de mulheres inquiridas por respostas às perguntas relacionadas com a atitude face a violência doméstica (n=522).	69
Gráfico 48 - Número de mulheres inquiridas que denunciaram às autoridades algum dos incidentes de violência reportados e respetivas atitudes das autoridades face à denúncia (n=10).	71
Gráfico 49 - Número de mulheres inquiridas que não denunciaram às autoridades algum dos incidentes de violência reportados e as respetivas razões (n=377).	71
Gráfico 50 - Número de mulheres inquiridas que acham que a polícia devia ter feito mais alguma coisa para ajudá-la (n=10).	72
Gráfico 51 - Percentagem de mulheres inquiridas que referem ter ou não conhecimento de alguma agência ou serviço que preste apoio a mulheres com experiência de situações de violência (n=522) e se sim quais agências ou serviços (n=26).	73
Gráfico 52 - Percentagem de mulheres inquiridas que referem como se sentiram após entrevista e após falar destas coisas (n=522).	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição da população geral por faixa etária em 1979, 1991 e 2009.	22
Tabela 2 - Distribuição da população por região, setor e localidades das 20 comunidades alvo por sexo (Censos 2009).	23
Tabela 3 - Evolução da população residente por região: Censos de 1991 e 2009 (Fonte: RGPH 2009 e anuário estatístico Guiné Bissau em número 2015).	24
Tabela 4 - Evolução da taxa de urbanização e ruralidade por região: Censos de 1991 e 2009 e respetiva TCMA.	25
Tabela 5 - Estimativas do tamanho amostral por região, setor e tabanca desagregada por faixa etária relativas à população alvo para uma margem de erro de 4% e intervalo de confiança a 95%.	26
Tabela 6 - Número e percentagem de mulheres inquiridas por região e por etnia (n=522).	33
Tabela 7 - Número de mulheres inquiridas por religião e por etnia (n=522).	33
Tabela 8 - Número e percentagem de mulheres inquiridas por região e por registo de nascimento e deficiência (n=522).	34
Tabela 9 - Número e percentagem de mulheres que indicaram quem decidiu o seu casamento (n=368).	39
Tabela 10 - Número e percentagem de mulheres com informação relativa a filhas (n=522).	40
Tabela 11 - Número e percentagem de mulheres com informação sobre planeamento familiar (n=522).	41
Tabela 12 - Distribuição percentual das seguintes caraterísticas sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=156) no grupo de mulheres que não reportaram VCM económica por parceiro nos últimos 12 meses e nas que reportaram.. . . .	44
Tabela 13 - Distribuição percentual das seguintes caraterísticas sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=287) no grupo de mulheres que não reportaram VCM psicológica por parceiro nos últimos 12 meses e nas que reportaram.	45
Tabela 14 - Número e percentagem de mulheres que indicaram a frequência do ato de VCM física por parceiro nos últimos 12 meses (n=123).	47
Tabela 15 - Distribuição percentual das seguintes caraterísticas sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=175) no grupo de mulheres que não reportaram VCM física por parceiro nos últimos 12 meses e nas que reportaram.. . . .	47
Tabela 16 - Número e percentagem de mulheres que indicaram a frequência do ato de VCM sexual por parceiro nos últimos 12 meses (n=42).	49
Tabela 17 - Distribuição percentual das seguintes caraterísticas sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=44) no grupo de mulheres que não reportaram VCM sexual por parceiro nos últimos 12 meses e nas que reportaram.	49
Tabela 18 - Número e percentagem de mulheres inquiridas vítimas de algum tipo de violência por parceiro no que concerne à denúncia às autoridades e/ou a procura de ajuda (n=348).. . . .	50
Tabela 19 - Distribuição percentual das seguintes caraterísticas sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=507) no grupo de mulheres que não reportaram VCM por parceiro e nas que reportaram.	52
Tabela 20 - Número e percentagem de mulheres inquiridas vítimas de violência física por não parceiro no que concerne a denúncia às autoridades e/ou a procura de ajuda (n=213).. . . .	56
Tabela 21 - Número e percentagem de mulheres inquiridas vítimas de violência física por não parceiro no que concerne a localização onde ocorreu o ato violento (n=213).	57
Tabela 22 - Número e percentagem de mulheres inquiridas vítimas de violência física por não parceiro no que concerne a denúncia às autoridades e/ou a procura de ajuda (n=18).	59
Tabela 23 - Número e percentagem de mulheres inquiridas vítimas de violência física por não parceiro no que concerne a localização onde ocorreu a tentativa de violação sexual (n=18).	60
Tabela 24 - Distribuição percentual das seguintes caraterísticas sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=522) no grupo de mulheres que não reportaram VCM por não parceiro e nas que reportaram.	62

Tabela 25 - Distribuição percentual seguintes características sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=522) no grupo de mulheres que não reportaram VCM (parceiro e/ou não parceiro) e nas que reportaram.	64
Tabela 26 - Número e percentagem de mulheres inquiridas no que concerne as suas percepções relativamente à prática de “circuncisão feminina” (n=522).. . . .	65
Tabela 27 - Número e percentagem de mulheres inquiridas que considera que as meninas poderão ter algum benefício se forem circuncisadas e indicação da razão (n=48).	65
Tabela 28 - Distribuição percentual seguintes características sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado civil (n=522) no grupo de mulheres que não foram excisadas e as que foram.	66
Tabela 29 - Número e percentagem de mulheres inquiridas no que concerne questões sobre a circuncisão feminina (n=239).	67
Tabela 30 - Número e percentagem de mulheres inquiridas que indicou quem realizou a mutilação (n=239).	67
Tabela 31 - Número e percentagem de mulheres inquiridas que indicou se tem filhas e se estas foram ou não mutiladas (n=522).. . . .	68
Tabela 32 - Número e percentagem de mulheres inquiridas no que concerne questões sobre a mutilação feminina das filhas que foram mutiladas (n=84).	68
Tabela 33 - Distribuição percentual seguintes características sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=522) no grupo de mulheres que não concordam que o marido deva bater ou espancar em nenhuma das circunstâncias acima enumeradas e no grupo das mulheres que concordam.. . . .	70
Tabela 34 - Distribuição percentual dos diferentes tipos de VCM por parceiro e/ou não parceiro (n=522) no grupo de mulheres que não concordam que o marido deva bater ou espancar em alguma das circunstâncias acima enumeradas e no grupo das mulheres que concordam.	70
Tabela 35 - Número e percentagem de mulheres inquiridas no que concerne questões sobre a apresentação de denúncia/acusação (n=10).	72



LISTA DE ACRÓNIMOS

CEDAW Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres

CICL Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.

EB Ensino Básico

EP Erro Padrão

FEC Fundação Fé e Cooperação

GD Gestora de Dados

GICJU Gabinete de Informação e Consulta Jurídica

IC Intervalo de Confiança

INE-GB Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau

MGF Mutilação Genital Feminina

MICS Inquérito de Indicadores Múltiplos (Multiple Indicator Cluster Survey)

NR Não Respondeu

OMS Organização Mundial da Saúde

ONG Organização Não Governamental

RA Rede Ajuda

RGPH Recenseamento Geral da População e Habitação

SAB Setor Autónomo de Bissau

SPSS Statistical Package for the Social Sciences

TMCA Taxa Média de Crescimento Anual

TPS Técnico de Proteção Social

VBG Violência Baseada em Género

VCM Violência Contra as Mulheres

VCMP Violência Contra a Mulher por Parceiro



PREFÁCIO

A Embaixada de Portugal em Bissau associa-se, com renovada esperança, à divulgação deste relatório, elaborado no âmbito do projeto “Mindjoria pa Mindjer, i Mindjor pa Tudú Djintis - Caracterização da Situação da Mulher e Prevenção Comunitária da Violência Baseada no Género”, implementado pela FEC – Fundação Fé e Cooperação, organização não governamental para o desenvolvimento portuguesa, em parceria com as entidades guineenses Rede Ajuda (RA) e o Gabinete de Informação e Consulta Jurídica GICJU), com financiamento de Portugal, através do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.. Este documento, que resulta de um vasto e rigoroso inquérito realizado a 522 mulheres das regiões de Cacheu e de Oio, constitui uma das principais atividades previstas no projeto.

Um exercício exemplar e cuidadosamente calibrado de diagnóstico social, que favorece a visibilidade do papel das mulheres guineenses, das suas estratégias de resiliência, das suas lutas e conquistas, bem como dos desafios que persistem na promoção da igualdade de género e dos direitos humanos na Guiné-Bissau. O relatório ilumina, ainda, os desafios constantes que continuam a marcar o quotidiano feminino: a desigualdade de oportunidades, a normalização social da violência, a persistência de práticas nefastas e as fragilidades institucionais no acesso à proteção e à justiça.

Reconhecer, analisar e difundir dados sobre violência baseada no género, incluindo o casamento precoce e forçado, a mutilação genital feminina, o abuso sexual, a violência conjugal e a desigualdade no acesso à educação, bem como limitações no usufruto de direitos económicos e cívicos, constitui um imperativo ético de toda a comunidade internacional, assim como das Organizações da Sociedade Civil que, à semelhança das entidades parceiras deste projeto, desempenham um papel essencial na defesa dos direitos das mulheres e das raparigas.

O presente relatório, fundamentado numa recolha minuciosa de informação e num conjunto robusto de indicadores, aponta caminhos no sentido de políticas públicas efetivas, estratégias de intervenção comunitária e novas sinergias entre o Estado, a sociedade civil e os parceiros de desenvolvimento, contribuindo diretamente para os objetivos estruturantes do projeto “Mindjoria pa Mindjer” e para intervenções mais eficazes, culturalmente sensíveis e focadas na prevenção e no empoderamento das mulheres.

Ao longo dos anos, o trabalho constante da Cooperação Portuguesa na Guiné-Bissau tem evidenciado o compromisso de Portugal em contribuir ativamente para o fortalecimento dos mecanismos locais de proteção, para o empoderamento económico, cívico e educativo das mulheres e para a promoção de uma cultura de justiça e dignidade que rejeite todo e qualquer tipo de violência.

Permito-me, assim, lançar um repto a todas as leitoras e a todos os leitores deste relatório, para que o usem como uma ferramenta de reflexão comprometida, ação corajosa e mobilização coletiva em prol da igualdade e da inclusão social, contribuindo para quebrar ciclos de violência e ampliar horizontes de autonomia e dignidade para todas as mulheres e raparigas guineenses.

Como Embaixador de Portugal em Bissau, saúdo todas as mulheres guineenses que, individual ou coletivamente, são líderes silenciosas da transformação social e agentes de esperança no presente e no futuro desta nação.

Este relatório é um humilde tributo à sua resiliente determinação.

MIGUEL CRUZ SILVESTRE
Embaixador de Portugal em Bissau



1.

SUMÁRIO EXECUTIVO

O presente relatório apresenta os principais dados de um estudo realizado através da aplicação de um inquérito de diagnóstico realizado sobre a situação das mulheres na Guiné-Bissau, nomeadamente nas regiões de Cacheu e Oio, no âmbito do projeto “Mindjoria pa Mindjer, i Mindjor pa Tudu Djintis - Caracterização da Situação da Mulher e Prevenção Comunitária da Violência Baseada no Género (VBG)”, implementado pela FEC, em parceria com a Rede Ajuda (RA) e o Gabinete de Informação e Consulta Jurídica (GICJU) e financiado pelo Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.. O projeto tem como objetivo promover mudanças sociais positivas nas comunidades das regiões de Cacheu e Oio, com foco na erradicação de comportamentos discriminatórios e de múltiplas formas de violência, incluindo a violação dos direitos das crianças, violência doméstica, discriminação de género em diferentes ambientes, e o casamento precoce e forçado. Através da sensibilização e da capacitação, o projeto procura impactar positivamente o desenvolvimento social, promovendo uma cultura de igualdade e justiça social.

O objetivo geral do projeto é contribuir para a transformação de mulheres e homens em agentes de mudança, incentivando uma postura ativa contra normas sociais discriminatórias, estereótipos de género e conflitos associados aos papéis de género que colocam em risco a integridade e o bem-estar das mulheres e meninas, tendo como objetivo específico melhorar o conhecimento da população da Guiné-Bissau sobre a VBG, fortalecendo as bases para uma sociedade mais justa e igualitária.

Para alcançar as suas metas, o projeto pretende caracterizar e divulgar a situação das mulheres nas regiões de Cacheu e Oio, ampliando o conhecimento sobre a realidade de género nessas regiões e sensibilizar as comunidades locais sobre a problemática da VBG, estimulando discussões presenciais e reflexões que possam desencadear mudanças de comportamento. De forma a atingir estes resultados está a ser implementado um conjunto de atividades.

Este relatório surge como uma das atividades do projeto através da execução de um inquérito sobre a Situação da Mulher com a realização de um levantamento de dados nas regiões de Cacheu e Oio para mapear e caracterizar a situação das mulheres no que respeita à VBG. Este inquérito supervisionado pela TPS tem como base o modelo aplicado no projeto “Nô na cuida de nô vida, Mindjer – Emancipação e Direitos das meninas e mulheres na Guiné-Bissau”¹ com as adaptações decorrentes das lições aprendidas e da necessidade dos ajustes que melhor enquadram o inquérito à realidade sociocultural das Regiões de Cacheu e Oio. Esta ação deu origem à elaboração do presente “Relatório de Caracterização da situação da mulher nas regiões de Cacheu e Oio”.

Foi no âmbito desta ação que foi aplicado um inquérito a 522 mulheres, em 20 comunidades alvo do projeto, 10 tabancas na região de Cacheu e outras 10 tabancas em Oio, por parte de 2 Formadores Sociocomunitários formados para o efeito, permitindo um melhor conhecimento das comunidades abrangidas pelo projeto e uma caracterização das mulheres inquiridas, no que

¹ Financiado pelo Camões, I.P., Kindermissionwerk e União Europeia, tendo sido executado entre fevereiro de 2018 e janeiro de 2021. A Associazione Mani Tese coordenou a ação juntamente com a FEC, a Ente Nazionale Giuseppini del Murialdo (ENGIM), o Gabinete de Estudos, Informação e Orientação Jurídica (GICJU) e a Rede Ajuda Cooperação e Desenvolvimento (RA).

se refere à Violência Baseada em Género (VBG)² e concretamente à Violência Contra as Mulheres (VCM)³.

A violência contra as mulheres (VCM) e raparigas causa dor, deficiência e morte a um grande número de meninas e mulheres todos os dias, em todos os países do mundo, atravessando fronteiras culturais, geográficas, religiosas, sociais e económicas. A OMS aborda o problema da violência como *“o uso intencional de força física ou poder, ameaçado ou real, contra si mesmo, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha uma alta probabilidade de resultar em ferimentos, morte, danos psicológicos, mal desenvolvimento ou privação.”*⁴

A elaboração deste inquérito teve lugar enquanto instrumento de caracterização e diagnóstico geral da situação das mulheres das comunidades alvo do projeto, no que se refere à VCM. Através da aplicação do inquérito procurou-se reunir dados quantitativos, antes inexistentes, sobre o tema, tendo sido possível obter um número considerável de inquéritos completos (a 522 mulheres), permitindo realizar comparações e desagregar informação quando considerado relevante entre as diferentes religiões (Islamismo, Cristianismo e Animismo), etnias (Fula, Mandinga, Nalu, Balanta e Biafada), regiões (Cacheu e Oio), faixas etárias (entre os 15 e os 59 anos de idade) e nível de escolaridade.

O inquérito divide-se em 6 partes, sendo as 4 primeiras dedicadas às questões a colocar às inquiridas; a 5ª parte referente à conclusão da entrevista e a última a considerações finais e recomendações.

Numa primeira parte, fez-se a identificação do inquérito através da atribuição de um código, uma vez que o inquérito foi aplicado anonimamente. Pretendeu-se obter informação acerca do consentimento do uso dos dados para fins estatísticos e caracterizar sociodemograficamente as mulheres inquiridas, tendo em conta a idade, a região, a etnia, a religião, a atividade económica, o estado civil e a saúde sexual e reprodutiva. No que se refere ao estudo 1, realizado no âmbito do projeto anteriormente mencionado, aproximadamente dois terços das mulheres entrevistadas (615) vivem nas regiões do Sul – Quínara e Tombali – e um terço (407) vive nas regiões do Leste – Bafatá e Gabu. No estudo 2, cerca de metade das mulheres entrevistadas (278) vivem na região de Cacheu e a outra metade (244) vive na região de Oio. Em cada uma das regiões, a distribuição das mulheres por faixa etária é semelhante e a idade média da amostra global foi de 32 anos, com um desvio padrão de ± 11 anos. No estudo 1 e no estudo 2 a idade média da amostra global foi também de 32 anos, com um desvio padrão de ± 11 anos, distribuição igual em cada uma das regiões. Em termos globais, importa destacar que 74,1% das mulheres inquiridas situa-se entre os 20 e os 44 anos, pelo que a amostra recolhida é bastante robusta para caracterizar o período de vida fértil das mulheres. É de ressaltar que, nesta caracterização, relativamente ao estado marital, se recolheu dados que concorrem também para a identificação de uma das práticas nefastas praticadas no contexto do país e que se prende com o casamento forçado ou precoce - uma parte expressiva das mulheres inquiridas encontra-se em casamentos étnicos, muitas vezes realizados sem o seu pleno consentimento e em idades precoces, perpetuando ciclos de desigualdade e vulnerabilidade. Esta prática está frequentemente associada a uma menor frequência escolar, ao abandono precoce do sistema educativo e à perpetuação da dependência económica e social em relação ao parceiro. Os dados mostram ainda que o casamento precoce está correlacionado com uma maior exposição a diversas formas de violência por parceiro íntimo, nomeadamente violência psicológica, física e sexual. Apesar da existência de um quadro legal que visa proteger os direitos das mulheres, incluindo normas sobre a idade mínima para o casamento, a persistência destes casamentos indica lacunas na sua aplicação e fiscalização, bem como a necessidade

² A Violência Baseada no Género (VBG) é a violência que é dirigida contra uma pessoa com base no género. Constitui uma violação do direito fundamental à vida, à liberdade, à segurança, à dignidade, à igualdade entre mulheres e homens, à não discriminação e à integridade física e mental. (Conselho da Europa, 2012).

³ A Violência Contra as Mulheres é qualquer ato de violência baseada no género que resulte, ou possa resultar, em danos físicos, sexuais, mentais ou sofrimento às mulheres, incluindo ameaças de tais atos, coação ou privação arbitrária de liberdade, seja na vida pública ou privada (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1993).

⁴ WHO global consultation on violence and health, 1996

urgente de ações de sensibilização comunitária, reforço das capacidades institucionais e criação de mecanismos de proteção eficazes para meninas em risco.

A segunda parte do inquérito debruça-se sobre a Violência Contra a Mulher (VCM) por Parceiro, de acordo com indicadores que compõem este tipo de inquéritos ao nível internacional⁵. No âmbito da VCM por Parceiro, foram recolhidos dados sobre 4 tipologias de violência: i) violência económica, ii) violência psicológica, iii) violência física e iv) violência sexual, associadas a indicadores de frequência – nº de vezes para cada evento e divididos entre dois períodos – nos últimos 12 meses e anteriormente a este período. Os dados revelam uma prevalência alarmante de violência: 77,6% das mulheres inquiridas reportaram ter sido vítimas de algum tipo de violência. A violência por parceiro íntimo surge como a mais comum com destaque para a violência psicológica (57,5%), física (35,4%) e sexual (8,8%).

A terceira parte do inquérito direccionou-se à Violência Contra a Mulher por não Parceiro, onde se recolheu dados sobre 2 tipologias de violência – i) violência física e ii) violência sexual – uma vez que a violência psicológica e económica, por um lado acontecem por um período de tempo e não em casos isolados e, por outro, em relacionamentos de interdependência ou convivência na mesma residência. Uma vez que a violência física e sexual podem ter diferentes agressores, foi solicitado à inquirida que identificasse o ou os agressores e a localização – onde decorreram os atos de violência. A violência por não parceiro também está presente de forma significativa, com 40% das mulheres a reportarem violência física e 3,8% violência sexual fora do contexto conjugal. Estes números refletem um padrão de violência sistémica e sustentada, profundamente enraizado nas relações sociais e familiares.

A quarta parte do inquérito é dedicada às Experiências e Perceções acerca da Violência Contra as Mulheres. Um dos dados mais preocupantes refere-se à persistência da mutilação genital feminina. Quase metade das mulheres (45,8%) declarou ter sido submetida à mutilação, maioritariamente por Fanatecas, sendo que esta prática se mantém mesmo em gerações mais jovens, contrariando a expectativa de declínio desde a promulgação da Lei n.º 14/2011 que criminaliza a MGF. Esta persistência levanta sérias dúvidas quanto à efetiva aplicação da lei e à eficácia das estratégias de erradicação em vigor. Entre as mulheres com filhas, 23,6% afirmaram que as suas filhas também foram mutiladas, o que demonstra a continuidade intergeracional da prática.

Outro aspeto relevante do inquérito é a perceção sobre a legitimidade da violência doméstica. Cerca de 42,9% das inquiridas consideraram justificável que o marido agrida a esposa em pelo menos uma circunstância. Esta normalização cultural da violência encontra reflexo direto nas vivências das próprias mulheres: aquelas que aceitam justificações para a violência revelam taxas mais elevadas de vitimização, sobretudo a nível psicológico e físico. Isto demonstra como os sistemas de crenças tradicionais continuam a reproduzir e a legitimar comportamentos abusivos no seio familiar.

Na quinta parte do inquérito, as inquiridoras concluíram a entrevista e solicitaram às inquiridas a autorização para eventual contacto por parte das supervisoras da atividade. As inquiridas foram questionadas sobre como se sentiam após a entrevista, tendo 91% delas afirmado que se sentiam bem/melhor.

O relatório inclui um capítulo final com considerações finais, recomendações, reflexões e caminhos futuros que decorrem da aprendizagem e lições tiradas deste processo de aplicação de inquérito e que visam proporcionar informação detalhada e atualizada aos diferentes atores que trabalham na área da violência contra a mulher e na proteção da vítima a intervirem com conhecimento fundamentado da realidade, bem como orientar instituições públicas em medidas e políticas na área, e financiadores no investimento a diversas ações.

O inquérito, composto por 74 questões que se desdobram em 287 campos de informação, permitiu uma recolha considerável de dados que são apresentados neste relatório de acordo com a

⁵ https://unstats.un.org/unsd/gender/docs/guidelines_statistics_vaw.pdf

ordem do questionário, facilitando a leitura e a sistematização da informação, e a desagregação de públicos-alvo foi apenas aplicada nas questões em que se visava uma análise mais profunda.

A resposta institucional à violência continua extremamente frágil. Apenas 2,5% das vítimas procuraram as autoridades, sendo a maior parte dos casos resolvida informalmente ou ignorada. Entre os raros casos reportados, a atuação dos serviços públicos foi limitada ou inexistente, reforçando a desconfiança das vítimas no sistema judicial. Adicionalmente, apenas 5% das mulheres inquiridas afirmam conhecer algum serviço de apoio a vítimas, o que evidencia a invisibilidade ou inacessibilidade dos mesmos. A Liga Guineense dos Direitos Humanos e os Centros de Acesso à Justiça (CAJ) são as poucas referências conhecidas, o que aponta para a necessidade urgente de maior descentralização e divulgação desses serviços.

Face a este cenário, os desafios enfrentados pelas mulheres são múltiplos: desde a normalização cultural da violência e a perpetuação da MGF, até à ausência de uma resposta institucional eficaz e à fragilidade dos mecanismos de proteção social. As desigualdades estruturais, baseadas no género, na etnia, na religião e na escolaridade, continuam a condicionar fortemente o acesso das mulheres aos seus direitos e à justiça.

Neste contexto, o relatório recomenda o reforço do enquadramento jurídico existente, nomeadamente através da implementação eficaz da Lei n.º 6/2011, bem como a criação de novos mecanismos legais e operacionais que combatam a violência por parceiro íntimo. É igualmente urgente investir em educação e transformação de normas sociais, promovendo campanhas de sensibilização e integrando a igualdade de género nos currículos escolares. O reforço da resposta institucional deve passar pela criação de serviços de apoio integrados e especializados, como casas de abrigo, apoio psicológico e jurídico gratuito, e formação de agentes públicos em atendimento humanizado.

Adicionalmente, propõe-se a criação de sistemas nacionais de recolha de dados sobre VCM e MGF, bem como o fomento de estudos qualitativos que explorem as dinâmicas culturais e sociais da aceitação da violência. Por fim, o empoderamento económico e educativo das mulheres deve ser promovido como via de prevenção, através de programas de alfabetização, formação profissional e geração de rendimento.

Os dados aqui apresentados refletem a urgência de uma abordagem integrada, intersetorial e culturalmente sensível ao combate à Violência Baseada em Género. Apesar dos avanços legislativos, as práticas continuam enraizadas e os mecanismos de proteção ainda são insuficientes. A erradicação da VCM e da MGF exige, por isso, uma atuação coordenada entre Estado, sociedade civil e comunidades, onde a transformação de normas e o empoderamento das mulheres se tornem pilares centrais de uma estratégia nacional de promoção da igualdade e dos direitos humanos.

2. VISÃO GERAL DO ESTUDO E METODOLOGIA APLICADA

O estudo assentou na construção e aplicação de um inquérito⁶, cuja elaboração teve como enquadramento internacional o trabalho desenvolvido e recomendações de diversas organizações internacionais, das quais se destacam a OMS e as Nações Unidas. Tendo como pano de fundo esta base, foram consideradas as especificidades do contexto da Guiné-Bissau enquanto país e também a individualidade de cada região onde foi aplicado.

OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste estudo é conhecer a realidade das mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos⁷, nas comunidades alvo do projeto nas regiões de Cacheu e Oio, tendo sido anteriormente aplicado nas regiões de Bafatá, Gabu, Quínara e Tombali, no que diz respeito à Violência Contra as Mulheres, por parceiro e não parceiro, através da aplicação de um inquérito (Relatório da Situação da mulher Vol. I⁸).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- caracterizar o perfil da mulher vítima de violência;
- identificar, classificar e caracterizar os tipos de violência contra a mulher;
- identificar a relação da vítima com o agressor (parceiro e não parceiro);
- conhecer a severidade e frequência dos diferentes tipos de violência contra a mulher;
- recolher dados relativos à denúncia junto das autoridades;
- recolher dados relativos à procura de ajuda por parte das vítimas;
- recolher dados sobre a experiência e a perceção das mulheres em relação à VCM;
- recolher dados relativos ao conhecimento das mulheres dos serviços de apoio à vítima.

Para concretizar estes objetivos, foi utilizado um conjunto de indicadores estatísticos usados internacionalmente⁹ e adaptados à realidade do país:

1. taxa total e por idade específica das mulheres submetidas a violência física nos últimos 12 meses, por severidade da violência, relação com o agressor e frequência;
2. taxa total e específica de idade das mulheres submetidas a violência física durante a vida, por severidade da violência, relação com o agressor e frequência;

⁶ ANEXO I - Inquérito

⁷ Escolha de intervalo de idades feita tendo em conta a maioridade legal no país, juntamente com a interseção entre a esperança média de vida das mulheres no país, de acordo com dados do Banco Mundial (2019), e os intervalos de idade apresentados no MICS 6 2018-19 (Multiple Indicator Cluster Services).

⁸ Relatório da Situação da Mulher Vol.I

⁹ <https://unstats.un.org/unsd/statcom/doc09/2009-13-GenderStats-E.pdf>

3. taxa total e específica de idade de mulheres submetidas a violência sexual nos últimos 12 meses, por severidade da violência, relação com o agressor e frequência;
4. taxa total e específica de idade das mulheres submetidas a violência sexual durante a vida, por severidade da violência, relação com o agressor e frequência;
5. taxa total e específica por idade de mulheres alguma vez submetidas a violência sexual e / ou física por atual ou ex-parceiro íntimo nos últimos 12 meses, por frequência;
6. taxa total e específica por idade de mulheres alguma vez submetidas a violência sexual e / ou física por atual ou ex-parceiro íntimo durante a vida, por frequência;
7. taxa total e específica de idade das mulheres submetidas a violência psicológica nos últimos 12 meses pelo parceiro íntimo;
8. taxa total e específica por idade de mulheres submetidas a violência económica nos últimos 12 meses pelo parceiro íntimo;
9. taxa total e específica por idade, de mulheres que casaram antes dos 15 anos;
10. taxa total e específica por idade, de mulheres que casaram antes dos 18 anos;
11. taxa total e específica por idade, de mulheres que tiveram uma gravidez precoce (menos de 18 anos de acordo com o MICS ¹⁰);
12. taxa total e específica por idade, de mulheres submetidas a mutilação genital feminina;
13. taxa total e específica por idade, de mulheres que procuraram ajuda;
14. taxa total e específica por idade, de mulheres que denunciaram às autoridades.

De referir que o estudo, num contexto como a Guiné-Bissau em que existem poucos dados sobre a violência contra as mulheres, pretende contribuir para aumentar o conhecimento disponível nesta área para os diferentes atores que trabalham na área da Violência Baseada em Género, em particular a Violência Contra Mulheres, nomeadamente, através de:

- disponibilização de dados aos organismos públicos, para que possam tomar decisões informadas no combate à violência contra mulheres;
- partilha de dados, junto das Organizações da Sociedade Civil que trabalham na promoção dos Direitos Humanos na Guiné-Bissau, para que possam melhorar os serviços de apoio às mulheres vítimas de violência;
- orientação para futuras estratégias de prevenção, sensibilização e intervenção contra a violência contra as mulheres, adequadas a cada comunidade;
- aumento da consciencialização, nas comunidades no seu geral, sobre esta temática, de modo a prevenir e desmistificar a Violência Baseada em Género.

POPULAÇÃO E AMOSTRAGEM

De forma a dar resposta ao objetivo geral do estudo – conhecer a realidade das mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos, nas 20 comunidades¹¹ alvo do projeto nas regiões de Cacheu e Oio, no que diz respeito à violência contra as mulheres, foi definida uma amostra de mulheres, cuja realidade fosse representativa da população feminina das comunidades onde o projeto intervém. Para tal, foi necessário:

- i) conhecer o tamanho aproximado da população e com essa informação e mediante técnicas estatísticas determinar o número de mulheres a inquirir e
- ii) selecionar as mulheres a serem inquiridas, recorrendo a técnicas de amostragem, uma vez que foi importante que cada mulher acima dos 18 anos e abaixo dos 59 anos tivesse a mesma oportunidade de ser inquirida e fazer parte do estudo.

¹⁰ MICS 6 - Multiple Indicator Cluster Services – Inquérito de Indicadores Múltiplos 2018-19, UNICEF

¹¹ 10 em Cacheu e 10 em Oio

Esta metodologia foi aplicada nas regiões de Quínara, Tombali, Gabu e Bafatá, em que foram inquiridas 1047 mulheres, num total de 47 comunidades, tendo dado origem ao Relatório da Situação da Mulher (Estudo 1), publicado em 2021. No presente relatório, tendo em conta as 20 comunidades, foram inquiridas 522 mulheres.

DESCRIÇÃO PROCESSO DE AMOSTRAGEM

Justificação da faixa etária alvo do estudo/população alvo

Com base na informação disponibilizada para a Guiné-Bissau pelo Banco Mundial podemos verificar que, para o ano de 2018 (último ano disponibilizado no momento do desenho do primeiro estudo realizado), a esperança média de vida de uma rapariga ao nascer foi de cerca de 59,9 anos (Gráfico 1). Pelo que consideramos que as faixas etárias alvo do estudo são entre os 18, idade que define a maioridade e os 59 anos de idade. De notar que as faixas etárias consideradas pelo censo apresentam uma categoria que tem como limite superior os 59 anos.

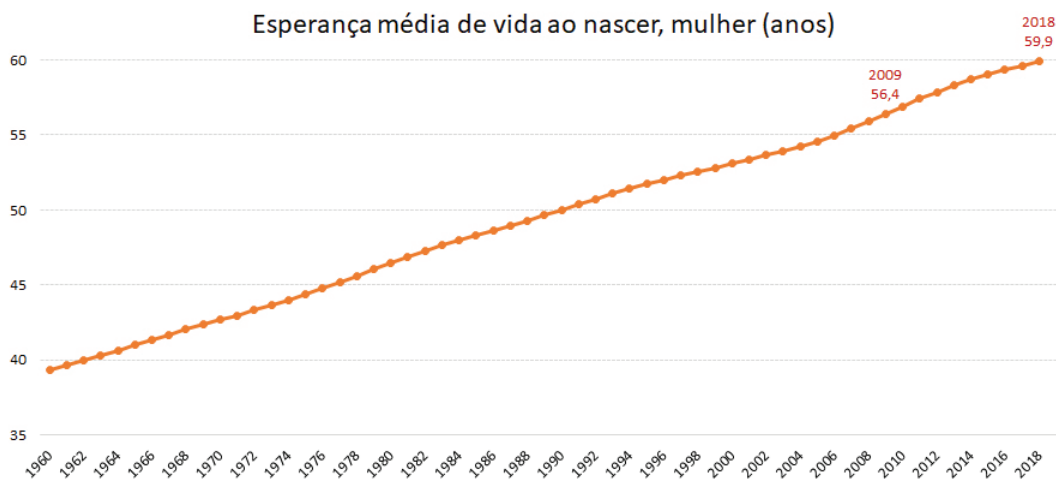


Gráfico 1 - Esperança média de vida de uma rapariga ao nascer na Guiné-Bissau entre 1960 e 2018¹².

De notar que, segundo dados do Anuário Estatístico “Guiné-Bissau em Números – 2015” fornecido pelo Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau (INE-GB), a distribuição da população geral por faixa etária em 1979, 1991 e 2009 é a seguinte:

¹² Fonte: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.DYN.LE00.FE.IN?locations=GW>

Tabela 1 - Distribuição da população geral por faixa etária em 1979, 1991 e 2009.

Grupo Etário	1979			1991			2009			
	Total	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	%Feminino
0-4	139 849	67 296	72 553	166 260	83 811	82 449	229 521	115 325	114 195	15%
5-9	123 938	59 639	64 299	170 700	86 519	84 181	208 483	104 938	103 545	14%
10-14	82 816	39 851	42 965	119 886	61 972	57 914	179 005	90 061	88 943	12%
15-19	74 384	35 794	38 590	93 073	44 649	48 424	171 509	84 075	87 435	12%
20-24	62 210	29 936	32 274	70 585	30 967	39 618	145 703	68 813	76 891	10%
25-29	66 828	32 158	34 670	72 338	30 912	41 426	127 414	58 633	68 781	9%
30-34	44 485	21 406	23 079	56 692	24 047	32 645	84 932	39 842	45 090	6%
35-39	42 970	20 677	22 293	47 272	21 392	25 880	73 887	34 203	39 684	5%
40-44	32 510	15 644	16 866	37 070	16 798	20 272	52 490	24 715	27 775	4%
45-49	27 460	13 214	14 246	30 357	14 819	15 538	48 230	22 716	25 513	3%
50-54	22 423	10 790	11 633	26 401	11 731	14 670	33 754	15 728	18 026	2%
55-59	14 724	7 085	7 639	16 428	8 129	8 299	26 457	13 141	13 316	2%
60-64	17 815	8 573	9 242	22 988	10 853	12 135	21 698	10 011	11 686	2%
65-69	10 117	4 868	5 249	14 220	7 630	6 590	15 865	7 368	8 496	1%
70-74	9 141	4 399	4 742	12 993	6 690	6 303	11 041	5 015	6 026	1%
75-79	5 897	2 838	3 059	7 059	3 968	3 091	7 966	3 514	4 452	1%
80+	11 554	5 559	5 995	14 881	7 673	7 208	11 277	4 728	6 549	1%
Total	789 121	379 726	409 395	979 203	47 256	506 643	1 449 230	702 826	746 404	100%

Para determinar a percentagem da população feminina com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos, considerou-se a divisão igualitária da faixa etária disponibilizada no Censos de 2009 (Tabela 1) que compreende as idades entre os 18 e 19 anos. Ou seja, em 2009 foram contabilizadas 87.435 mulheres com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, pelo que se considerou para cada idade dessa faixa etária, um quinto (1/5) desse valor, isto é, igual a 17.487 mulheres distribuídas por cada idade dessa faixa etária. Assim sendo, temos uma estimativa de 34.974 mulheres com idades entre os 18 e os 19 anos, perfazendo um total de mulheres entre os 18 e os 59 anos de 350.050. Podemos assim referir que aproximadamente 46,9% das mulheres apresentam idades entre 18 e 59 anos.

Distribuição da população das 20 tabancas alvo do estudo

Com base no Censos de 2009 (INE-GB) foi possível aferir o número de elementos que constituem cada tabanca alvo do estudo, desagregada por sexo, como se pode ver na tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição da população por região, setor e localidades das 20 comunidades alvo por sexo (Censos 2009).

20 (tabancas) comunidades alvo do projeto							
Região	Setor	Tabanca	Total	Mascu- lino	Feminino	% Mulheres nas 47 Taban- cas	Meio
Oio	Farim	Fataco Mandinga	457	218	239	52,3%	Rural
		Bafata Oio	1298	669	629	48,5%	Rural
	Mansaba	Mandongo	127	67	60	47,2%	Rural
		Mansonde	1254	586	668	53,3%	Rural
	Nhacra	Nhacra Teda	920	404	516	56,1%	Rural
	Mansoa	Sansanto	716	348	368	51,4%	Rural
		Lotche Mandinga	371	185	186	50,1%	Rural
	Bissorã	Wotine	569	273	296	52,0%	Rural
		Sarmone	144	65	79	54,9%	Rural
		Cidade de Bissorã Bairro Santa Luzia	1700	787	913	53,7%	Urbano
Cacheu	Cacheu	Capol	359	164	195	54,3%	Rural
		Cadjugute	913	468	445	48,7%	Rural
	Canchungo	Cidade de Canchungo Bairro Tchada	1480	754	726	49,1%	Urbano
		Pelundo	2358	1087	1271	53,9%	Rural
	Bula	Có-Cantintanha	104	46	58	55,8%	Rural
		Dabatiar	232	92	140	60,3%	Rural
	São Domingos	Lala I	278	139	139	50,0%	Rural
	Bigene	Ingorezinho	1553	747	806	51,9%	Rural
		Quinhicam	420	186	234	55,7%	Rural
		Cidade de Ingoré Bairro Nema 1	1015	479	536	52,8%	Urbano

Fonte: População por região, setor e localidades por sexo - Censos 2009.

Taxa média de crescimento médio anual com base nos dois últimos censos (1991 vs 2009)

Dado que as tabancas alvo do estudo estão inseridas maioritariamente num contexto rural e estão descentralizadas de Bissau, com base em dados presentes, nos Censos de 2009 e no anuário estatístico “Guiné Bissau em Números 2015”, fornecido pelo INE-GB, foi determinada a Taxa Média de Crescimento Médio Anual (TMCA)¹³ desagregada por região e por meio urbano e rural, de modo a calcular uma estimativa da população em 2024 das comunidades alvo.

Tabela 3 - Evolução da população residente por região: Censos de 1991 e 2009 (Fonte: RGPH¹⁴ 2009 e anuário estatístico Guiné Bissau em número 2015).

Região	População Global					
	1991		2009		Entre 1991 e 2009	
	Efetivos	%	Efetivos	%	TCM (%) ^a	TCMA (%)
Guiné-Bissau	979 209	100	1 449 230	100	48,0%	2,2%
Tombali	71 065	7,3	91 089	6,3	28,2%	1,4%
Quínara	42 966	4,4	60 777	4,2	41,5%	1,9%
Oio	155 312	15,9	215 259	14,9	38,6%	1,8%
Biombo	59 827	6,1	93 039	6,4	55,5%	2,5%
B/Bijagós	26 891	2,7	32 424	2,2	20,6%	1,0%
Bafatá	145 088	14,8	200 884	13,9	38,5%	1,8%
Gabu	136 101	13,9	205 608	14,2	51,1%	2,3%
Cacheu	146 570	15	185 053	12,8	26,3%	1,3%
SAB	195 389	20	365 097	25,2	86,9%	3,5%

Pela análise da tabela 4, podemos verificar que a evolução da taxa de urbanização e ruralidade, por região da Guiné-Bissau, é diferente de região para região e entre meio urbano e rural, determinada com base nos dados dos censos de 2009 e de 1991. Assim, foi tida em consideração, para cada tabanca alvo do inquérito, a respetiva localização geográfica, bem como o meio em que está inserida. Tendo em conta que as 20 tabancas, que se encontram localizadas nas regiões de Cacheu e Oio, se inserem maioritariamente em meio rural (excetuando 2 tabancas em Cacheu e um bairro em Oio inseridos em meio urbano), teremos em consideração os seguintes valores de TCMA para determinar uma estimativa da população nas respetivas tabancas para o ano de 2024 (ano em que se iniciou a aplicação deste inquérito): 2,2% em Oio; 1,2% em Cacheu, para meio rural e 0,0% em Oio e 1,7% em Cacheu, para meio urbano. De notar que, em 1991, a taxa de população a viver no meio rural era de 67% e em 2009 essa percentagem desceu para 60%, e no meio rural em 1991 a taxa de urbanização era de 33% e subiu, em 2009, para 40%.

¹³ TCMA= Taxa de Crescimento Médio Anual = $100 * [(Valor\ ano\ de\ 2009 / Valor\ ano\ de\ 1991)^{(1/n)} - 1]$; onde n é o número de anos que passou entre 2009 e 1991.

¹⁴ Recenseamento Geral da População e Habitação 2009.

Tabela 4 - Evolução da taxa de urbanização e ruralidade por região: Censos de 1991 e 2009 e respetiva TCMA.

	População urbana						População rural				
	1991 (33%)		2009 (40%)		TCMA (%)		1991 (67%)		2009 (60%)		TCMA (%)
	Efetivos	%	Efetivos	%			Efetivos	%	Efetivos	%	
Guiné-Bissau	323 741	33,1	573 533	39,6	3,2%	Guiné-Bissau	655 468	66,9	875 697	60,4	1,6%
Tombali	4 264	6	12 967	14,2	6,4%	Tombali	66 801	94	78 122	85,8	0,9%
Quínara	2 578	6	12 302	20,2	9,1%	Quínara	40 388	94	48 475	79,8	1,0%
Oio	32 616	21	32 907	15,3	0,0%	Oio	122 696	79	182 352	84,7	2,2%
Biombo	4 068	6,8	11 030	11,9	5,7%	Biombo	55 759	93,2	82 009	88,1	2,2%
B/Bijagós	1 646	6,1	9 118	28,1	10,0%	B/Bijagós	25 245	93,9	23 306	71,9	-0,4%
Bafatá	27 567	19	38 850	19,3	1,9%	Bafatá	117 521	81	162 034	80,7	1,8%
Gabu	25 859	19	51 211	24,9	3,9%	Gabu	110 242	81	154 397	75,1	1,9%
Cacheu	29 754	20,3	40 051	21,6	1,7%	Cacheu	116 816	79,7	145 002	78,4	1,2%
SAB	195 389	100	365 097	100	3,5%	SAB	0	0	0	0	-

População e amostra

Com base na TCMA, a estimativa global para população feminina nas comunidades alvo do estudo foi de 3.997 (Tabela 5), para o ano de 2024. Como referido anteriormente, cerca de 46,9% das mulheres guineenses apresentam idades entre os 18 e 59 anos. Pelo que, a estimativa para o tamanho da população global de mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos, para o ano de 2024, nas 20 comunidades alvo é de 3.997 mulheres.

Para determinar o tamanho da amostra foi considerado um nível de confiança de 95% e foi considerada uma margem de erro de 4%. Quanto maior a margem de erro menor será a precisão das estimativas dos valores estudados quando extrapolamos esses resultados da amostra para a população¹⁵.

Tendo-se optado por uma margem de erro de 4%, para um Intervalo de Confiança a 95%, importa referir que no estudo anterior essa margem de erro foi de 3%, não podendo ser aplicado neste caso, devido às contingências do projeto atual que determinaram um número máximo de inquéritos a aplicar inferior aos cerca de 842 questionários que seriam necessários aplicar com uma margem de erro de 3%. Assim sendo consideramos o peso de cada tabanca para a distribuição do número de inquéritos a realizar, num total de 522 mulheres a serem inquiridas. Na tabela que se segue, tabela 5, apresentamos a distribuição por tabanca do número de inquéritos a aplicar/recolher e a respetiva distribuição por faixa etária. Dado não existirem dados desagregados por faixa etária, sexo e tabanca, optou-se por considerar a distribuição percentual global por faixa etária obtida no Censos de 2009 para a Guiné-Bissau.

¹⁵ De referir que a margem de erro representa o número de pontos percentuais que os dados da população irão variar em relação aos resultados obtidos com a amostra recolhida, no caso inicial para determinar o tamanho da amostra com base no tamanho da população estimado e igual a 6.077 e considerando um valor igual a 5%. Ou seja, mediante os resultados obtidos com a amostra, a margem de erro para os verdadeiros valores na população é de +5% (acima) ou -5% (abaixo) da estimativa obtida na população. O nível de confiança ou a confiabilidade representa o grau de certeza (confiança), que neste caso foi considerado igual a 95%, com que o valor obtido para a amostra representa o mesmo ao analisar toda a população, dentro da margem de erro considerada.

Tabela 5 - Estimativas do tamanho amostral por região, setor e tabanca desagregada por faixa etária relativas à população alvo para uma margem de erro de 4% e intervalo de confiança a 95%.

			Total Estimado TCMA	Tamanho amostral para IC a 95% e variância 0,50 e EP de 4%	Número de pessoas por faixa etária								
			Faixa Etária 18-59 anos (46,9%)		18-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	50-54	55-59
Região	Sector	Tabanca	n=522		10%	22%	20%	13%	11%	8%	7%	5%	4%
Oio			244										
Oio	Farim	Fafaco Mandinga	112	15	1	3	3	2	2	1	1	1	1
		Bafata Oio	296	39	4	8	8	5	4	3	3	2	2
	Mansaba	Manbonco	28	4	1	1	1	0	1	0	0	0	0
		Mansonde	314	41	4	9	8	5	5	3	3	2	2
	Nhacra	Nhacra teda	243	32	3	7	6	4	3	3	2	2	2
	Mansoa	Sansanto	173	23	2	5	4	3	3	2	2	1	1
		Lotche mandinga	88	11	1	3	2	1	1	1	1	1	0
	Bissorã	Uatine??	139	18	2	4	4	2	2	1	1	1	1
		Sarmone	37	5	1	1	1	1	1	0	0	0	0
		Cidade de bissorã bairro santa luzia	428	56	6	12	11	7	6	5	4	3	2
Cacheu			278										
Cacheu	Cacheu	Capol	92	12	1	3	2	2	1	1	1	1	0
	Caio	Cadjugute	209	27	3	6	5	4	3	2	2	1	1
	Canchungo	Cidade de canchungo bairro tchada	341	45	4	10	9	6	5	4	3	2	2
		Pelundo	597	78	8	17	15	10	9	6	6	4	3
	Bula	Có-cantintanha	27	4	0	1	1	1	0	0	0	1	0
		Dabatiar	66	9	1	2	2	1	1	1	1	0	0
	São Domingos	Lala I	65	8	1	2	2	1	1	0	1	0	0
		Ingoresinho	379	49	5	11	10	6	5	4	4	2	2
	Bigene	Quinhicam	110	14	1	3	3	2	2	1	1	1	0
		Cidade de ingoré bairro nema 1	252	32	3	7	6	4	4	3	2	2	1
TOTAL OIO E CACHEU			3997	522	52	115	103	67	59	41	38	27	20

O objetivo da amostragem¹⁶ é proporcionar uma forma de avaliar as várias hipóteses em estudo sobre a população através de um número reduzido de observações, economizando tempo e recursos, e assumindo que a estrutura da população tem de ser consistente com a estrutura da amostra.

Para que a amostra seja representativa da população (que depende também dos cálculos do tamanho amostral¹⁷) e para que possamos fazer uma extrapolação dos resultados para a população, com base nesses resultados, é importante que a amostra seja recolhida recorrendo a métodos de amostragem probabilísticos (como, por exemplo, amostragem aleatória simples, amostragem aleatória estratificada, amostragem aleatória sistemática, amostra por cluster, entre

¹⁶ NOTA: Para que a abordagem à amostragem seja válida, a amostragem tem que ser aleatória. A representatividade de uma amostra é determinada primariamente pelo método utilizado e não pela dimensão da amostra. A dimensão da amostra determina apenas a precisão das estimativas populacionais obtidas com a amostra (dados apresentados acima).

¹⁷ Fórmula para determinar tamanho amostral (n) de uma população com tamanho N, com base num Intervalo de Confiança (IC) de 95%, que implica um z-score (Z) igual a 1,96, uma margem de erro (e) (5%, 4% e 3%) e com uma variância 0,50 (p):

$$n = \frac{\frac{z^2 \times p(1-p)}{e^2}}{1 + \frac{z^2 \times p(1-p)}{e^2 \times N}}$$

outras), ou seja, é necessário que a amostra seja aleatória, cada mulher a inquirir tem a mesma probabilidade de pertencer à amostra.

Ressalvando também as dificuldades de recolha no próprio terreno, tendo em conta, a falta de registo de todas as pessoas de cada tabanca alvo do estudo, considerou-se a recolha de dados através da combinação entre a amostragem aleatória sistemática e a amostragem aleatória consecutiva, que garante que toda a população de estudo tem a mesma probabilidade de pertencer à amostra.

Tendo em conta que a população estimada alvo de estudo é de 3.997 mulheres e que a amostra será constituída por 522 mulheres, a fração de amostragem é de aproximadamente 1 para 8. Ou seja, para proceder à amostragem, selecionamos um número aleatório entre 1 e 8, que neste caso foi de 5 e observamos e inquirimos a 5ª pessoa observada e a seguir observamos a 10ª pessoa observada como potencial inquirida e assim sucessivamente. O processo de seleção das potenciais inquiridas foi definido da seguinte forma: em cada tabanca, e considerando os respetiva área e densidade populacional, foram definidos com cada inquiridora diferentes pontos estratégicos, em diferentes dias e em distintos momentos (horas do dia). Isto é, cada tabanca foi dividida em diferentes áreas e nessas definiu-se um número de inquéritos dentro do global a aplicar e pontos onde iniciar essa recolha para cada região. Foi tido em atenção que esses pontos deviam ser locais que não colocassem em causa a segurança nem das inquiridas, nem das inquiridoras. Qualquer local com aglomerado de pessoas, como por exemplo, hortas comunitárias, igrejas, mesquitas foram tidos como pontos a evitar e não considerados pontos estratégicos por colocar em causa o anonimato e a segurança das inquiridoras e inquiridas.

Metodologia aplicada

A violência contra as mulheres é um tema muito sensível e facilmente se pode presumir que as mulheres não divulgarão experiências de violência. No entanto, estudos semelhantes e bastante detalhados realizados¹⁸ em vários países do mundo, mostraram que, quando entrevistadas em privado, de maneira sensível e sem julgamento, muitas mulheres reportam experiências de violência e consideram a sua participação benéfica. Neste sentido, a metodologia utilizada teve em consideração uma série de fatores que são suscetíveis de afetar a honestidade das inquiridas quando reportam comportamentos e atitudes sobre questões de género, incluindo, por exemplo: o modo de recolha de dados; as características do inquiridor; a interação inquiridor/inquirida; características sociodemográficas da inquirida; presença de terceiros; e perceção da ameaça de responder honestamente a perguntas.

Confidencialidade

A confidencialidade é fundamental e o cumprimento das regras que assegurassem o sigilo das informações recolhidas foi mandatório. As informações fornecidas pelas participantes são do foro íntimo e pessoal, pelo que o ato de revelação de detalhes dolorosos, acerca de episódios de abuso, a alguém fora do núcleo familiar, pode dar origem a outro episódio de violência, tendo em conta a complexidade da dinâmica de um relacionamento violento. Por isso, garantir a confidencialidade das informações recolhidas durante todos os passos do estudo foi fundamental. Neste sentido, num momento prévio às formações, a equipa do projeto envolvida na atividade, nomeadamente Inquiridoras e Técnica de Proteção Social / Gestora de Dados assinaram um acordo de confidencialidade¹⁹. Em simultâneo, nenhum nome foi escrito nos questionários ou em qualquer outro instrumento, tendo-se recorrido a uma identificação através de uma codificação, uma vez que os dados recolhidos foram apenas utilizados para fins estatísticos.

Formação de Inquiridoras

¹⁸ <https://www.ine.cv/dirvc/index.php/catalog/20>; <https://unstats.un.org/unsd/statcom/doc09/2009-13-GenderStats-E.pdf>

¹⁹ ANEXO II – Acordo de confidencialidade

A implementação do inquérito foi antecedida por um processo formativo da equipa de projeto envolvida, sobretudo das Inquiridoras, responsáveis pela aplicação dos inquéritos nas comunidades. As 2 inquiridoras contaram com uma formação de 40 horas, que incidiu sobre o inquérito e a respetiva metodologia de aplicação, facilitada pela Técnica de Proteção Social / Gestora de Dados do projeto, que decorreu em agosto de 2024.

Destaca-se que a facilitadora já tinha assumido a função de inquiridora e supervisora no estudo de caracterização anterior, levantamento realizado em 2020 e publicado em 2021.

A formação abordou a contextualização e visão geral do estudo, trabalhando competências ao nível dos objetivos do inquérito, das técnicas de entrevista, compreensão e preenchimento do questionário, capacitando para a proficiência na utilização do inquérito, com vista a uma recolha de dados o mais fidedigna possível. Para além disso, foram ainda trabalhados conteúdos acerca das diferentes formas de discriminação e violência contra raparigas e mulheres, bem como questões éticas e de segurança.

Este inquérito já havia sido testado entre 5 e 9 de outubro de 2020 aquando a realização do estudo 1, no sentido de identificar possíveis falhas ou erros a corrigir e finalizar todos os instrumentos que acompanham a aplicação do inquérito.

Funções da Inquiridora

Para cumprimento das suas funções, a inquiridora recebeu os seguintes instrumentos e materiais:

- Manual de inquiridor²⁰
- Questionário em crioulo²¹: documento para recolher os dados do inquérito.
- Diário de campo²²: instrumento de registo das suas tarefas.

Supervisão de Inquiridoras

Como mencionado, em todos os passos da aplicação do questionário, as inquiridoras foram acompanhadas e supervisionadas pela Técnica de Proteção Social / Gestora de Dados, que teve um papel importante e ativo, quer na formação, quer na monitorização dos dados, assegurando a qualidade dos mesmos. Esta supervisão previu a entrevista a algumas das mulheres inquiridas de forma aleatória, para garantir que o processo de seleção e a entrevista seriam conduzidos adequadamente.²³

Consentimento individual e participação voluntária

Todas as mulheres entrevistadas participaram voluntariamente no estudo, sem qualquer tipo de compensação monetária. No início de cada entrevista, a inquiridora seguiu o procedimento de consentimento que conferia à inquirida o poder de interromper a entrevista a qualquer momento ou ignorar qualquer pergunta à qual não desejasse responder.

Método de análise de dados

Para descrever e entender a amostra estudada, foram aplicadas estatísticas apropriadas para cada tipo de dado. As variáveis categóricas (como sexo, região, ou tipo de violência) foram apre-

²⁰ ANEXO III - O MANUAL DO INQUIRIDOR elaborado foi utilizado como um instrumento de formação, orientação e consulta permanente para apoiar toda a equipa envolvida na aplicação do inquérito, ao nível: i) do contexto e conceitos de VCM; ii) do questionário (estrutura, questões e seus objetivos); iii) métodos e técnicas de recolha de informação de forma a garantir o correto preenchimento do questionário (regras e procedimentos) iv) determinar as funções da inquiridora e, consequentemente, obter uma recolha de dados eficaz e fidedigna.

²¹ ANEXO IV – QUESTIONÁRIO DO ESTUDO “VIDA DI MINDJER”, incluindo as PERGUNTAS FICTÍCIAS DE SATISFAÇÃO DE VIDA

²² ANEXO V – DIÁRIO DE CAMPO DO INQUIRIDOR

²³ ANEXO VI – QUESTIONÁRIO DA SUPERVISORA

sentadas através das frequências absolutas (número de casos) e frequências relativas (porcentagens). Já as variáveis contínuas (como idade) foram descritas usando medidas como média, desvio-padrão, valor mínimo e máximo.

Para avaliar se existiam diferenças significativas entre grupos em variáveis categóricas, utilizamos o teste do Qui-Quadrado ou o teste exato do Qui-Quadrado, conforme a adequação dos dados. O nível de significância adotado foi de 0,05 (5%). Isso significa que:

- Quando o valor de p é maior ou igual a 0,05, não há evidências suficientes para afirmar que existe uma diferença estatística entre os grupos (ou seja, não rejeitamos a hipótese nula).
- Quando o valor de p é menor que 0,05, rejeitamos a hipótese nula e concluímos que existe uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, indicando uma relação entre as variáveis analisadas.

Os dados recolhidos foram inicialmente organizados e tratados no Microsoft Excel 2013 e, para a análise estatística, utilizamos o software IBM SPSS Statistics 30.

3.

RESULTADOS DO INQUÉRITO

3.1. CARATERÍSTICAS PESSOAIS DA INQUIRIDA

Foram recolhidos 522 inquéritos. De referir que as recusas e os questionários incompletos foram residuais, contabilizando-se 3 recusas (0,3% do total dos inquéritos) e 9 incompletos (0,9%), pelo que foram consideradas para análise as respostas de todas as 522 (100%) mulheres inquiridas. Tendo em conta a natureza e os objetivos do estudo, foram incluídas no questionário as seguintes variáveis: faixa etária, região de residência, etnia, religião, registo de nascimento, existência de deficiência, nível de escolaridade, proficiência linguística, aspetos relacionados com atividade económica, estado civil e composição do agregado familiar.

Região de residência e faixa etária

Cerca de 53% das mulheres entrevistadas são da região de Cacheu (278) e 47% da região de Oio (244), duas regiões do Norte da Guiné-Bissau (Gráfico 2). Em cada uma das regiões, a distribuição das mulheres por faixa etária é semelhante, uma vez que consistiu num dos critérios de recolha desagregada por faixa etária (Gráfico 3). A idade média da amostra global foi de 32 anos com um desvio padrão de ± 11 anos, distribuição igual em cada uma das regiões. Em termos globais, importa destacar que 74,1% das mulheres inquiridas situa-se entre os 20 e os 44 anos, pelo que a amostra recolhida é bastante robusta para caracterizar o período de vida fértil das mulheres. Refira-se ainda que fazem parte do grupo 52 mulheres de 18 e 19 anos (10% da amostra).

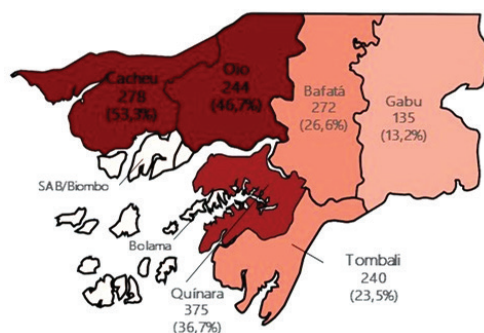


Gráfico 2 - Número e percentagem de mulheres inquiridas (n1=1022 e n2=522) distribuídas por região de residência.

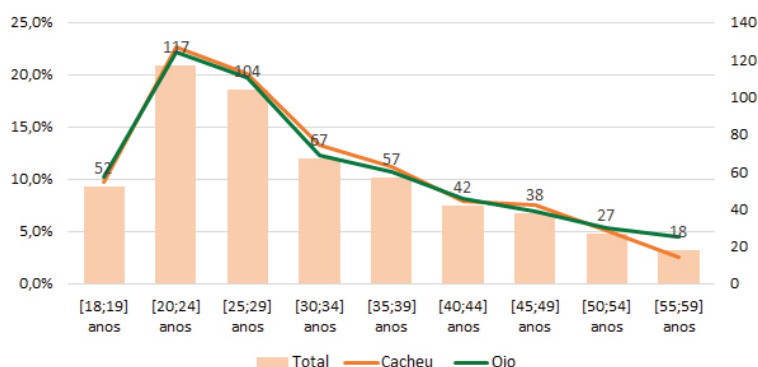


Gráfico 3 - Número de mulheres inquiridas (n=522) por faixa etária e respetiva distribuição percentual por região de residência.

Região de residência, etnia e religião

De todos os grupos étnicos da Guiné-Bissau, e tendo em conta as respostas das mulheres inquiridas nas regiões de Cacheu e Oio, os 3 grupos com maior percentagem são: Mandinga (17,6% Cacheu e 57% Oio), Manjaca (38,5% Cacheu) e Balanta (24,5 % Cacheu e 26,2% Oio). Esta distribuição está relacionada com as regiões administrativas das comunidades-alvo onde o projeto é implementado.

Conforme é possível observar na Tabela 6, a etnia Mandinga é a mais presente na amostra, representando 36% das mulheres inquiridas. No entanto, numa leitura região a região, verifica-se que em Cacheu a etnia com maior representação nas mulheres inquiridas é Manjaca (38,5%), seguida por Balanta (24,5%) e depois Mandinga (17,6%). Já na região de Oio a maioria das mulheres inquiridas é da etnia Mandinga (57%) seguida pela etnia Balanta (26,2%).

Tabela 6 - Número e percentagem de mulheres inquiridas por região e por etnia (n=522).

REGIÃO	BAFATÁ		GABU		QUÍNARA		TOMBALI		CACHEU		OIO		Total	
Etnia	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Balanta	42	15,4%	-	-	142	37,9%	28	11,7%	68	24,5%	64	26,2%	132	25,3%
Biafada	4	1,5%	-	-	121	32,3%	14	5,8%	1	0,4%	2	0,8%	3	0,6%
Bijagó	-	-	-	-	-	-	8	3,3%	1	0,4%	0	0,0%	1	0,2%
Fula	92	33,8%	111	82,2%	61	16,3%	115	47,9%	9	3,2%	11	4,5%	20	3,8%
Mancanha	-	-	-	-	6	1,6%	3	1,3%	17	6,1%	2	0,8%	19	3,6%
Mandinga	107	39,3%	24	17,8%	18	4,8%	6	2,5%	49	17,6%	139	57,0%	188	36,0%
Manjaca	4	1,5%	-	-	10	2,7%	4	1,7%	107	38,5%	0	0,0%	107	20,5%
Mansonca	16	5,9%	-	-	2	0,5%	3	1,3%	4	1,4%	18	7,4%	22	4,2%
Nalu	1	0,4%	-	-	7	1,9%	55	22,9%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Papel	2	0,7%	-	-	7	1,9%	4	1,7%	14	5,0%	1	0,4%	15	2,9%
Outra	4	1,5%	-	-	1	0,3%	-	-	8	2,9%	7	2,9%	15	2,9%
Total	272	100%	135	100%	375	100%	240	100%	100%		100%		522	100%

Esta constatação sobre a etnia das mulheres inquiridas é relevante na medida em que diferentes tradições podem contribuir para diferentes práticas nomeadamente no âmbito do casamento precoce, da saúde sexual e reprodutiva e da dimensão da VCM. Importa ter também em conta a religião que as mulheres indicam professar, uma vez que esta variável poderá também ter um peso relevante nos seus comportamentos.

Tabela 7 - Número de mulheres inquiridas por religião e por etnia (n=522).

Religião	Animista		Cristão		Evangélica		Muçulm.		Nenhuma		Outra		Total	
Etnia	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Balanta	3	2,3%	32	24,2%	24	18,2%	9	6,8%	58	43,9%	6	4,5%	132	25,3%
Biafada	-	-	-	-	-	-	3	100,0%	-	-	-	-	3	0,6%
Bijagó	-	-	-	-	-	-	1	100,0%	-	-	-	-	1	0,2%
Fula	-	-	-	-	-	-	20	100,0%	-	-	-	-	20	3,8%
Mancanha	-	-	15	78,9%	1	5,3%	1	5,3%	2	10,5%	-	-	19	3,6%
Mandinga	-	-	-	-	-	-	188	100,0%	-	-	-	-	188	36,0%
Manjaca	1	0,9%	48	44,9%	4	3,7%	42	39,3%	12	11,2%	-	-	107	20,5%
Mansonca	-	-	6	27,3%	-	-	16	72,7%	-	-	-	-	22	4,2%
Nalu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Papel	-	-	5	33,3%	3	20,0%	-	-	6	40,0%	1	6,7%	15	2,9%
outra	-	-	5	33,3%	-	-	8	53,3%	1	6,7%	1	6,7%	15	2,9%
Total	4	0,8%	111	21,3%	32	6,1%	288	55,2%	79	15,1%	8	1,5%	522	100%

A maioria das inquiridas refere professar a religião muçulmana, 55,2%, seguida pela cristã, 21,3%, evangélica, 6,1%, e animista, 0,8%. 15,1% referem professar outra religião e 15,1% referiram não professar nenhuma religião (Tabela 7). Cruzando os dados de etnia com a religião que as mulheres inquiridas afirmam professar, verifica-se que há uma elevada correspondência entre religiões e etnias. Todas as mulheres inquiridas da etnia fula (100%), Biafada (100%), Mandinga (100%) e a grande maioria das mulheres inquiridas da etnia Mansonca (72,7%) afirmam professar a religião islâmica. Já as mulheres Balanta dividem-se sobretudo entre o Cristianismo (24,2%) e nenhuma religião (43,9%). Por sua vez, os grupos étnicos menos representados na amostra são, na sua maioria, evangélica e animista (6,9% das mulheres do conjunto dessas etnias).

Região de residência, registo de nascimento e existência de deficiência

Inquiriu-se diretamente as mulheres quanto à problemática do registo civil²⁴. No total, das 522 mulheres inquiridas, 37,7% respondeu que não tinha registo de nascimento (Tabela 8). Apesar de semelhante em ambas as regiões, verifica-se que as mulheres inquiridas de Oio têm uma percentagem mais elevada sem registo de nascimento (44,7%) do que as mulheres de Cacheu (31,7%).

Tabela 8 - Número e percentagem de mulheres inquiridas por região e por registo de nascimento e deficiência (n=522).

REGIÃO	BAFATÁ		GABU		QUÍNARA		TOMBALI		CACHEU		OIO		Total	
Registo de Nascimento	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Não	126	46,3%	65	48,1%	145	38,7%	89	37,1%	88	31,7%	109	44,7%	197	37,7%
Sim	146	53,7%	70	51,9%	230	61,3%	150	62,5%	190	68,3%	135	55,3%	325	62,3%
NR	-	-	-	-	-	-	1	0,4%	-	-	-	-	-	-
Tem alguma deficiência	n	%	n	%	n	%	n	%					n	%
Não	268	98,5%	127	94,1%	361	96,3%	234	97,5%	278	100,0%	242	99,2%	520	99,6%
Sim	4	1,5%	8	5,9%	14	3,7%	6	2,5%	-	-	2	0,8%	2	0,4%
Total	272	100%	135	100%	375	100%	240	100%	278	100%	244	100%	522	100%

Das 2 (0,4%) mulheres inquiridas que referiram serem portadoras de alguma deficiência, uma indicou ter uma malformação na garganta, e a outra não respondeu.

EDUCAÇÃO

Nível de escolaridade

O nível de escolaridade tem, com frequência, influência nas práticas relativas às variáveis em análise na caracterização. Entre as 522 mulheres inquiridas, 335 (64,2%) indicaram ter frequentado a escola e 187 (35,8%) não frequentaram a escola²⁵ (Gráfico 4). Quanto ao nível de escolaridade, frequentaram o ensino primário (1º Ciclo do Ensino Básico (EB) 15,6% das mulheres inquiridas e apenas 16,8% das mulheres frequentaram o ensino secundário (Gráfico 5). Podemos também verificar que as gerações mais recentes têm taxas de frequência escolar maiores do que as gerações mais velhas (Gráfico 6).

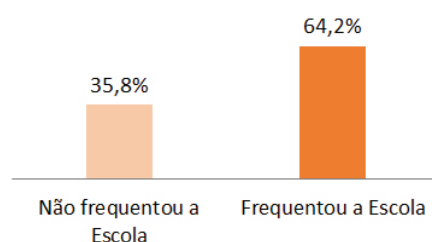


Gráfico 4 - Percentagem de mulheres inquiridas por frequência escolar (n=522).

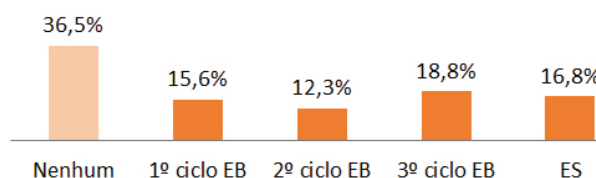


Gráfico 5 - Percentagem de mulheres inquiridas pelo último nível de escolaridade frequentado (n=522).

²⁴ Desde 2015, que o Governo guineense, em colaboração com o Fundo das Nações para a Infância (UNICEF) consagrou a gratuitidade do registo civil de nascimento, dos 0 aos 7 anos.

²⁵ De acordo com o artº 12, subsecção III da Lei 4/11 de Bases do sistema educativo – “1. O ensino básico é universal e obrigatório; 2. Até ao 6º ano de escolaridade totalmente gratuito; 3. A partir do 7º ano de escolaridade o ensino básico é tendencialmente gratuito, de acordo com as possibilidades económicas do Estado.”

Do ponto de vista da religião, as respostas indicam um grau de escolaridade significativamente inferior entre as mulheres animistas (Gráfico 7) – 25,0% foram à escola – muito abaixo dos dados recolhidos para mulheres que professam a religião evangélica (90,6%), cristã (89,2%) e muçulmana (48,6%).

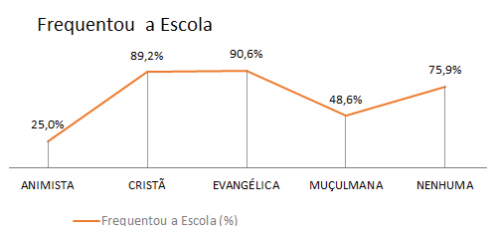


Gráfico 6 - Percentagem de mulheres inquiridas que frequentou a escola, por faixa etária (n=522).

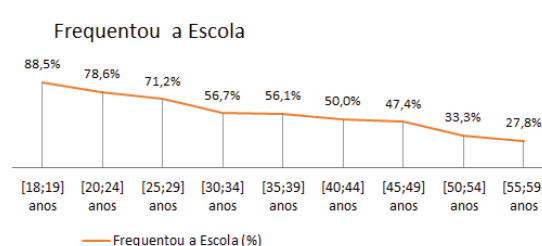


Gráfico 7 - Percentagem de mulheres inquiridas que frequentou a escola, por religião (n=522).

Quanto à região de residência, pode-se verificar que cerca de três em quatro mulheres residentes em Cacheu frequentaram a escola (73%), sendo esta percentagem mais alta do que na região de Oio em que duas em quatro mulheres frequentaram a escola (54,1%) (Gráfico 8).

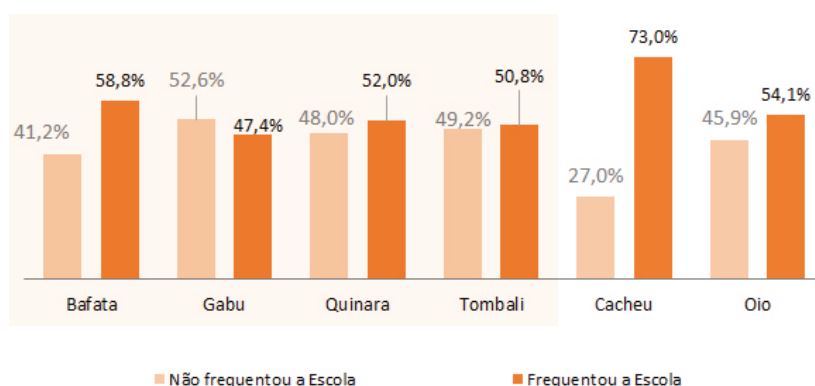


Gráfico 8 - Percentagem de mulheres inquiridas que frequentou a escola, por região (n=522).

Proficiência linguística

Pela análise do gráfico 9, das 522 mulheres inquiridas, podemos verificar que as línguas indicadas como sendo as mais faladas no dia-a-dia foram mandinga (30,7%), crioulo (29,5%), balanta (17,0%) e a língua manjaca (17,0%). Relativamente à proficiência linguística, na sua grande maioria, 98,7% das mulheres inquiridas, diz que compreende crioulo, mas apenas 39,3% refere que sabe ler; 45,8% refere que compreende português e 39,8% refere que sabe ler.

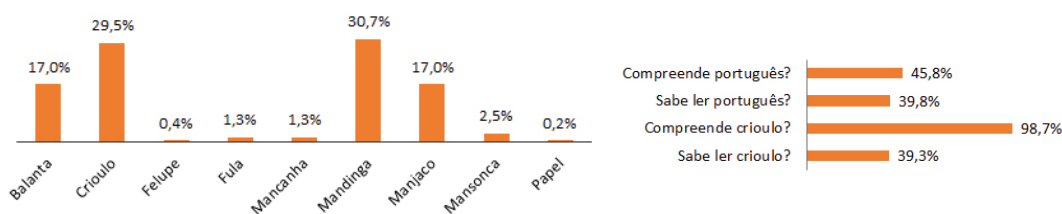


Gráfico 9 - Percentagem de mulheres inquiridas ao nível da língua mais falada no dia-a-dia e ao nível da proficiência linguística (n=522).

ATIVIDADE ECONÓMICA

Com as perguntas do foro económico, pretendeu-se aferir o grau de independência financeira da mulher, designadamente tentando perceber se exerce alguma atividade geradora de rendimentos e se a mulher é quem gere esses rendimentos.

Emprego e atividade geradora de rendimentos

Neste parâmetro, foi pedido às mulheres que indicassem, caso tivessem atividade geradora de rendimentos, se essa fonte advém de trabalho por conta própria, por conta de outrem e se tem outras fontes de rendimento. Em termos globais, 85,4% referiram trabalhar por conta própria e destas, 97,1% auferem algum tipo de rendimento, sendo que em 84,2% dos casos esse rendimento é auferido em dinheiro apenas; em 14,8% dos casos auferido apenas através de bens em género e em 0,9% dos casos em ambos os meios. Menos de um quarto das mulheres inquiridas (16,9%) declarou trabalhar por conta de outrem e destas, 93% referem auferir algum tipo de rendimentos, sendo na sua maioria auferido apenas em dinheiro, 73,1%, 24,4% em bens e géneros e em nenhuma referiu receber em bens, em géneros e em dinheiro (Gráfico 10).

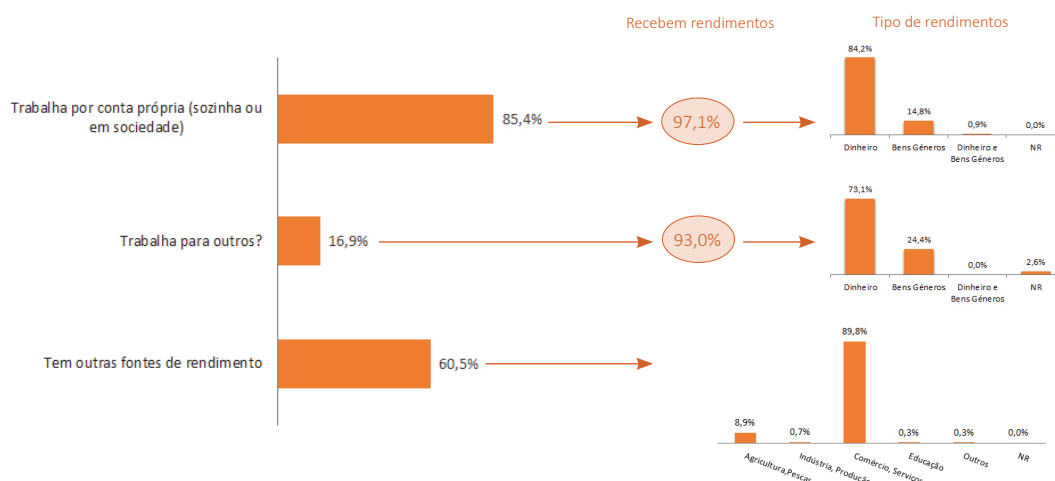


Gráfico 10 - Percentagem de mulheres inquiridas por tipo de rendimentos (n=522).

Referem ter outra fonte de rendimento 60,5% das mulheres inquiridas. No momento de especificar qual a outra fonte de rendimento, perante as alternativas apresentadas para resposta, 8,9% das mulheres inquiridas disseram trabalhar na área da agricultura, como, por exemplo, a produzir legumes, arroz, amendoim, caju, e pescas, entre outras; e 89,8% na comercialização, como por exemplo, na venda de caju, de frutas e legumes, de peixe, entre outras, e 0,7% trabalha na área da indústria.

Quanto à questão do poder de decisão sobre a gestão dos próprios rendimentos, inquiriu-se a mulher sobre se esta gere os rendimentos que ela aufer. Mais de metade assume gerir totalmente os rendimentos próprios (85,7%) (Gráfico 11). Há ainda 3,3% de mulheres que afirma ter conta no banco (Gráfico 12).

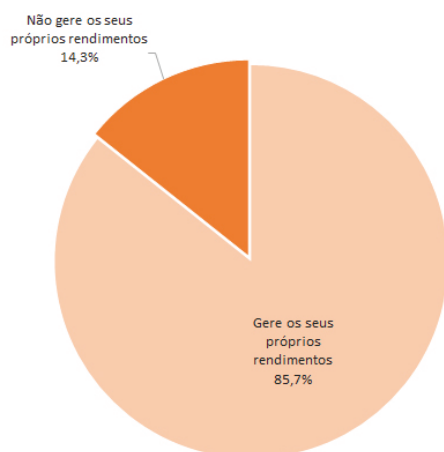


Gráfico 11 - Percentagem de mulheres inquiridas que gerem os seus rendimentos (n=522).

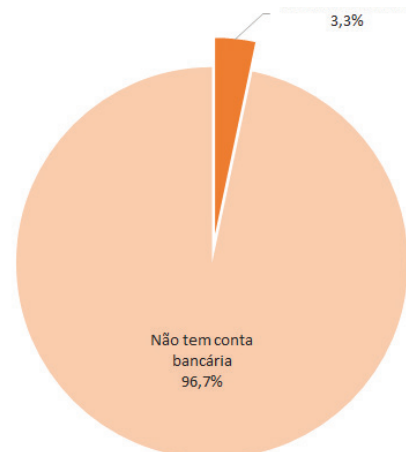


Gráfico 12 - Percentagem de mulheres inquiridas que referem ter conta bancária (n=522).

ESTADO MARITAL/RELAÇÃO

Estatuto de família

O estatuto de família enquanto estado marital/conjugal na Guiné-Bissau é uma variável com elevada complexidade de análise, uma vez que se verifica uma multiplicidade de situações possíveis, desde logo começando pelo facto de a larga maioria dos casamentos celebrados não serem civilmente registados, designando-se por casamentos étnicos ou tradicionais. Há também as situações específicas das *combossas* (mulheres que casam com um homem já casado) e das mulheres herdadas (mulheres que, ficando viúvas, se veem obrigadas a casar com um dos irmãos do falecido marido, de forma a poderem continuar a deter os bens pelos quais trabalharam ao longo da sua vida, como a casa, a horta²⁶ entre outros). No Gráfico 13, observa-se a situação conjugal das mulheres inquiridas, de onde se destaca uma maioria casada por casamento étnico (66,1%), destas, 38,6% estão num casamento étnico com *combossas*, 2,6% como herdadas e 58,8% estão num casamento étnico sem *combossa*.

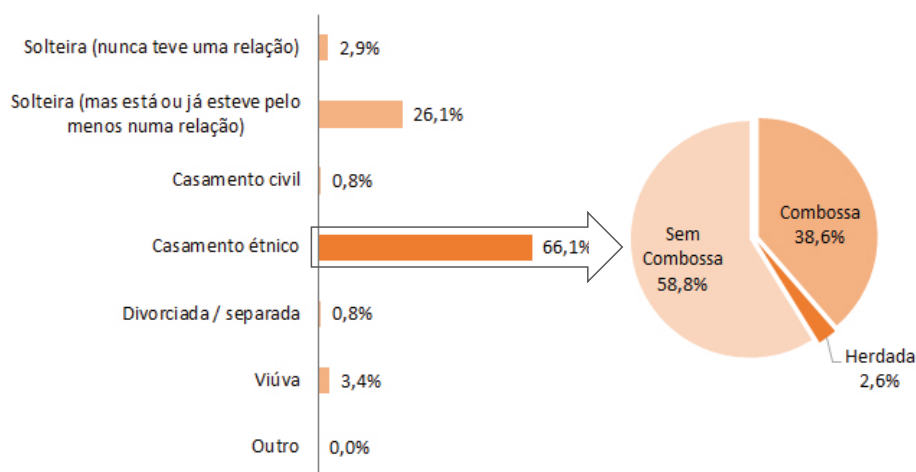


Gráfico 13 - Percentagem de mulheres inquiridas por estado marital (n=522).

²⁶ Por "horta" depreende-se "horta de caju" ou seja, um pomar de árvores de caju. Este fruto é a maior cultura de rendimento da Guiné-Bissau e da qual depende a maior parte dos rendimentos dos guineenses. A posse de uma "horta de caju" significa uma maior possibilidade de autonomia económica.

De referir que, apenas 2,9% são solteiras e nunca estiveram numa relação e 26,1% são solteiras e estiveram ou estão atualmente numa relação. Apenas 0,8% referem estar num casamento civil; 0,8% são divorciadas e 3,4% são viúvas.

Agregado Familiar

Quanto ao número de adultos, homens e mulheres que compõem o respetivo agregado familiar, bem como o número de crianças, femininas e masculinas, as mulheres inquiridas têm, em média, 4 (± 2) mulheres adultas no agregado familiar e 3 (± 3) homens adultos. No total do número de adultos, o agregado familiar é composto por 7 adultos em média (± 4), variando entre 1 e 32 no máximo. No que concerne ao número de crianças, em média o agregado familiar é composto por 3 (± 3) crianças do sexo masculino e 3 (± 3) do sexo feminino, tendo, no global, em média 7 (± 5) crianças no agregado familiar, variando entre as 0 e 36 crianças no máximo.

CASAMENTO PRECOCE E/OU FORÇADO

Casamento precoce

No âmbito do casamento precoce e/ou forçado, o inquérito realizado continha duas perguntas nesse sentido: uma relativa à idade com que a mulher se casou pela primeira vez e outra questionando quem decidiu o casamento. Foi colocada diretamente a questão à mulher inquirida sobre com que idade se casou pela primeira vez e, com base nas idades indicadas, foi determinado, quer o número de mulheres que se casou em idade precoce²⁷, isto é, antes dos 16 anos, quer o número de mulheres que se casaram antes dos 18 anos. Das 522 mulheres inquiridas, 507 estão ou já estiveram numa relação e destas, apenas 244 responderam a esta questão. Colocou-se também a questão de qual a idade do marido quando se casaram, onde se obtiveram apenas 28 respostas. A idade média com que a mulher se casou pela primeira vez foi de 19 (± 4) anos, variando entre os 13 e os 33 anos de idade. O homem/marido tem em média 35 (± 13) anos, variando as respostas entre os 20 e os 77 anos (Gráfico 14).

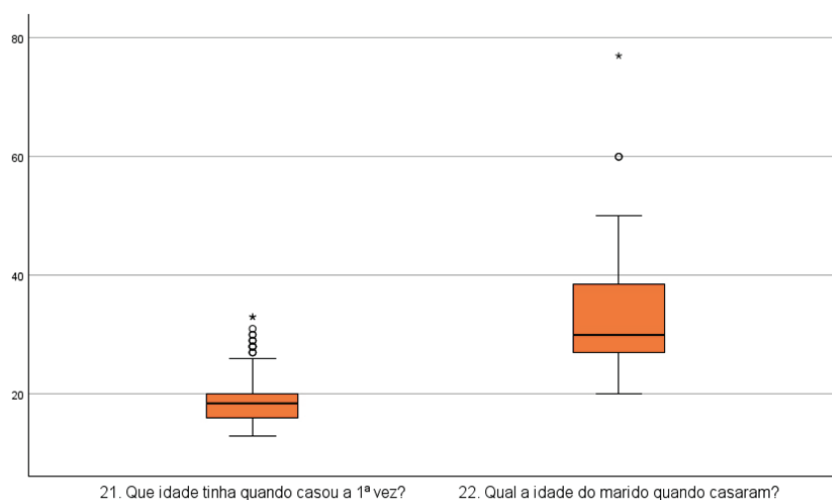


Gráfico 14 - Distribuição da idade com que a mulher se casou pela primeira vez (n=244) e da idade que o marido tinha quando se casaram (n=28).

²⁷ De acordo com a legislação guineense, a idade mínima para casar são os 16 anos até à data da realização do inquérito. Em simultâneo, a Guiné-Bissau ratificou todas as convenções internacionais sobre os direitos das crianças que estipulam que a idade mínima para casar são os 18 anos.

Das 244 respostas obtidas quanto à idade com que a mulher se casou pela primeira vez, 50 (20,5%) casaram precocemente (com idade inferior aos 16 anos) e 94 (38,5%) casaram com menos de 18 anos (Gráfico 15). De notar que estes dados foram analisados tendo em conta os indicadores de casamento precoce pelo MICS.

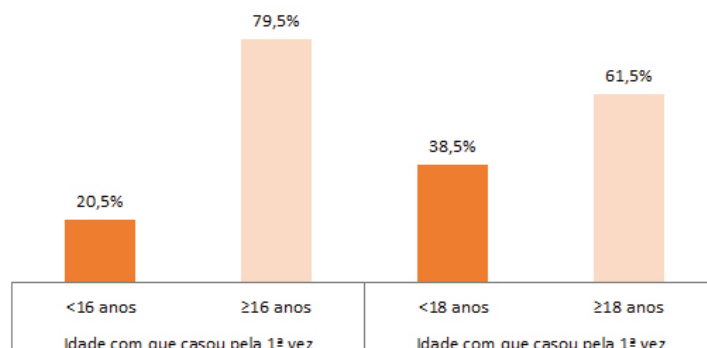


Gráfico 15 - Percentagem de mulheres que casaram com menos de 16 anos e com menos de 18 anos (n=703).

No que diz respeito ao casamento forçado, foi colocada apenas uma questão sobre quem decidiu o casamento, tendo respondido a esta questão 368 mulheres. Pode verificar-se nas diferentes respostas na tabela 9, que apenas em 8 (2,2%) casos foi a própria mulher a decidir e em 93 (25,3%) casos foi o próprio casal. Na grande maioria, em 222 (60,3%) casos, quem decidiu o casamento foi a família direta da inquirida.

Tabela 9 - Número e percentagem de mulheres que indicaram quem decidiu o seu casamento (n=368).

Quem decidiu o casamento?	N	%
A própria	8	2,2%
O casal	93	25,3%
Familiares diretos	222	60,3%
Familiares indiretos	41	11,1%
Pessoas externa à família	4	1,1%

Das mulheres inquiridas, na sua maioria, 59%, responderam ter filhas e destas 26,6% indicaram que já casaram (Tabela 10). Destas 3 (5,2%) foi a própria filha que decidiu e 18 (23,1%) foi a filha e o seu companheiro que decidiram. Grande parte foi o pai que decidiu (37; 48,8%). A idade média com que as filhas casaram, em 44 respostas dadas, foi de 18 (± 4) anos, variando entre os 12 e os 30 anos de idade.

Tabela 10 - Número e percentagem de mulheres com informação relativa a filhas (n=522).

	n	%
24. Tem filhas?		
Não	98	18,8%
Sim	308	59,0%
Não resposta/omissão	116	22,2%
24.1. SE Sim, algumas das suas filhas já casou?		
Não	222	72,1%
Sim	82	26,6%
Não resposta/omissão	4	1,3%
24.3. Quem decidiu o casamento?		
Não Respondeu/Omissão	1	1,3%
A própria	3	5,2%
Mãe	1	1,3%
Mãe e irmão do Pai	1	1,3%
O casal	18	23,1%
Pai	37	48,8%
Pais	13	16,7%
O Pai dela e avó	1	1,3%
Pai e Tios	1	1,3%

As mulheres foram inquiridas quanto à sua opinião no que concerne o seu poder de decisão em relação ao casamento. Quase todas acham que devem decidir se querem casar, 94,4%; decidir quando querem casar, 92,3%, e decidir com quem casar, 94,1% (Gráfico 16).

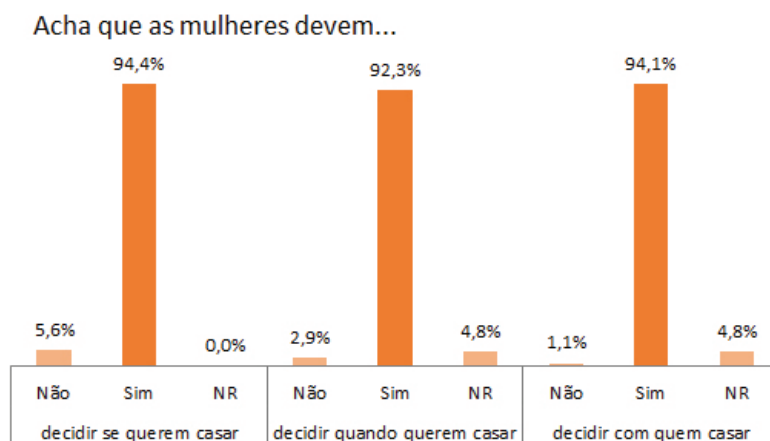


Gráfico 16 - Percentagem de mulheres inquiridas por poder de decisão no próprio casamento (n=522).

FECUNDIDADE E SAÚDE REPRODUTIVA

A recolha do conjunto de perguntas relacionado com fecundidade e saúde reprodutiva teve por objetivo caracterizar a situação das mulheres inquiridas no que diz respeito à sua saúde sexual e reprodutiva e ao planeamento familiar.

Fecundidade

Das 522 mulheres inquiridas, 505 (96,7%) referiram já ter tido relações sexuais e 431 (85,5%) já tinham alguma vez engravidado, sendo que 417 (97,4%) deram à luz. No momento da aplicação do inquérito, 42 (8,3%) mencionaram estar grávidas. Das 522 inquiridas, a maioria – 422 (80,8%) não recorria, no momento, a qualquer método contraceutivo, no entanto, 287 (55,0%) mencionou ter oportunidade de decidir quando engravidar (Tabela 11).

Tabela 11 - Número e percentagem de mulheres com informação sobre planeamento familiar (n=522).

	n	%
26. Já teve relações sexuais?		
Não	14	2,7%
Sim	505	96,7%
Não resposta/omissão	3	0,6%
27. Já alguma vez engravidou?		
Não	73	14,5%
Sim	431	85,5%
27.2. Alguma vez deu à luz?		
Não	11	2,6%
Sim	417	97,4%
27.4 Está grávida neste momento?		
Não	466	91,7%
Sim	42	8,3%
28. Neste momento, utiliza algum método para evitar uma gravidez?		
Não	422	80,8%
Sim	97	18,6%
Não resposta/omissão	3	0,6%
29. Tem oportunidade de planear e decidir quando quer engravidar?		
Não	235	45,0%
Sim	287	55,0%

Relativamente à idade em que referem ter tido a primeira relação sexual, responderam 364 e destas, em média, tiveram a primeira relação sexual com 16 anos, sendo a idade mais jovem registada de 7 anos de idade e a mais elevada de 30. Maioritariamente, as inquiridas referiram que esta primeira experiência ocorreu com o marido (218; 56,3%), seguindo-se o namorado (286; 42,9%), 3 (0,6%) pessoas não responderam e uma (0,2%) referiu o vizinho. 316 mulheres responderam sobre a idade que tinham quando engravidaram pela primeira vez, obtendo-se uma média de 19 anos, sendo que a idade mais jovem registada é de 13 anos e a mais elevada de 38 anos.

Gravidez Precoce e Planeamento Familiar

No âmbito da gravidez precoce 34,5% das mulheres indicaram ter engravidado pela primeira vez antes dos 18 anos (Gráfico 17).

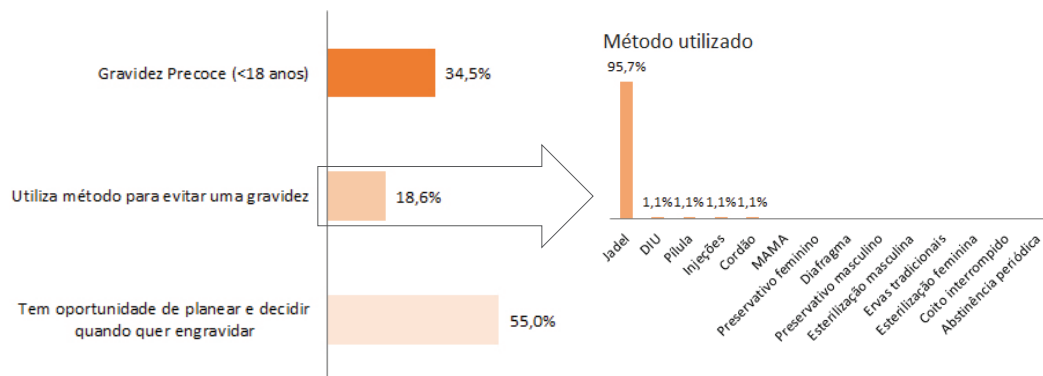


Gráfico 17 - Percentagem de mulheres inquiridas por método de prevenção da gravidez utilizado (n=522).

No que diz respeito a métodos de planeamento familiar, na globalidade do inquérito, cerca de três em cada quatro mulheres afirmaram não utilizar qualquer tipo de método de planeamento familiar (81,4%). Podemos assim verificar que apenas 18,6% das mulheres referiram usar um método de prevenção da gravidez. Considerando os métodos de prevenção da gravidez assinados, o implante Jadel é o método mais utilizado (95,7%) (Gráfico 17).

Na sua maioria, 55%, afirmaram terem oportunidade de planejar e decidir quando querem engravidar.

ACESSO AOS MÉDIA E UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

No que concerne o acesso a meios de informação e comunicação, podemos verificar que, na sua grande maioria, o meio de comunicação mais usado é o rádio. 56,1% das mulheres inquiridas costumam ouvir rádio e cerca de quatro em cada dez mulheres costuma ver televisão (40,4%) (Gráfico 18). Quanto ao uso de computadores e acesso à internet apenas 3,8% e 30,5% das mulheres inquiridas referiu ter acesso, respetivamente. Mais de dois terços das mulheres inquiridas referem ter telemóvel próprio (80,8%), sendo que, das 100 mulheres que não têm telemóvel próprio, 78% refere ter acesso a um telemóvel em caso de necessidade.

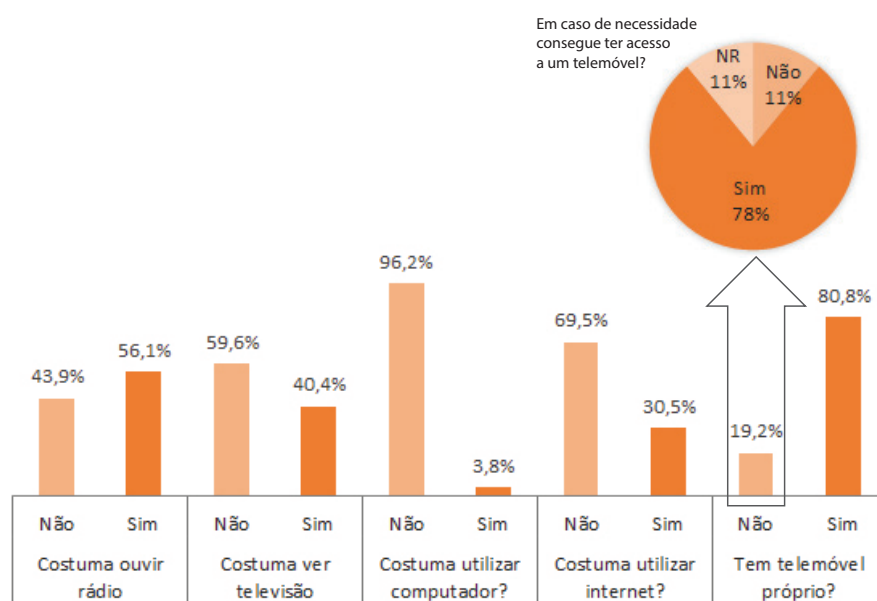


Gráfico 18 - Percentagem de mulheres inquiridas com acesso aos média e utilização das tecnologias de informação e comunicação (n=522).

3.2. VCM POR PARCEIRO

Na dimensão da proteção social, pretende-se aferir o grau de exposição das mulheres a um conjunto de situações de risco e de práticas nefastas, que constituem a violência contra a mulher por parceiro, designadamente o tipo de violência sofrida: a violência económica, psicológica, física e sexual. Estas variáveis foram segmentadas por faixa etária: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital.

Em termos globais, das 522 entrevistadas, 15 são solteiras que nunca estiveram numa relação, pelo que ficamos com uma amostra de 507 mulheres a quem se aplica a parte do questionário associado à VCM por parceiro. Passamos de seguida a descrever cada um dos diferentes tipos de VCM por parte de parceiro.

Violência Económica

Foi aplicada uma bateria de perguntas que nos permitiram aferir se a mulher inquirida foi vítima de violência económica. Se respondeu positivamente a pelo menos uma das sub-questões da questão 35, considera-se que esta tenha sido vítima de VCM económica por parceiro. A inquirida foi questionada se já foi submetida a este tipo de violência e, se sim, se foi vítima deste tipo de violência nos últimos 12 meses.

Das 507 mulheres inquiridas, 351 (69,2%) responderam negativamente a todas as questões associadas a violência económica e 156 (30,8%) reportaram ter sofrido de violência económica por parceiro. Deste total, 57,1% são de Oio e 42,9% são de Cacheu (Gráfico 19). Se analisarmos os dados no universo de cada região, verificamos que as mulheres inquiridas em Oio reportaram sofrer mais de violência económica, 37,2% das inquiridas, do que as de Cacheu (25,0%), sendo essa diferença estatisticamente significativa ($p=0,003$).

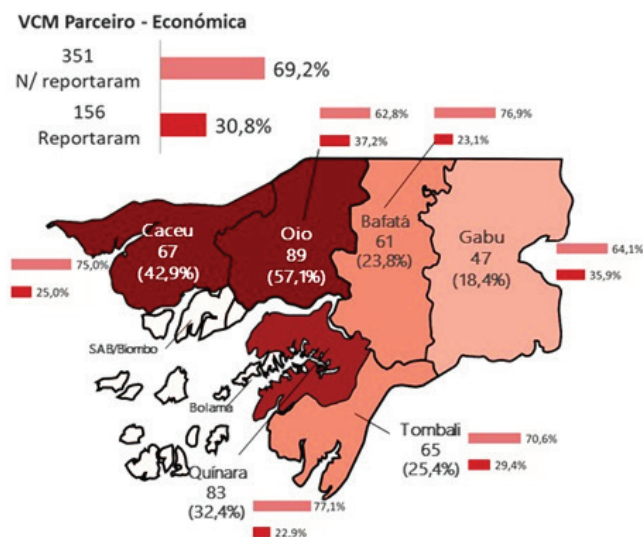


Gráfico 19 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram ser vítimas de VCM económica por parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=507).

Das 156 mulheres que reportaram VCM económica pelo parceiro durante a vida, pretendeu-se aferir quantas destas foram vítimas desse tipo de VCM nos últimos 12 meses. Verificou-se que, na sua maioria, 126 (80,8%) foram vítimas de VCM económica por parceiro nos últimos 12 meses. No que se refere ao perfil da vítima, não se encontram diferenças estatisticamente significativas entre as mulheres que reportaram terem sofrido de VCM económica por parceiro no último ano e as que não reportaram, quanto à idade, religião, escolaridade, nível de escolaridade e estado marital. O que distingue as mulheres que não reportaram das que reportaram, por se encontrarem

diferenças estatisticamente significativas, é a região – 60,0% das que não reportaram nos últimos 12 meses são de Cacheu *versus* das que reportaram 61,1% são de Oio ($p=0,036$), e ao nível da etnia em que 40,0% das que não reportaram são de etnia Mandinga *versus* das que reportaram 39,7% são Balanta ($p<0,001$) (Tabela 12).

Tabela 12 - Distribuição percentual das seguintes características sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=156) no grupo de mulheres que não reportaram VCM económica por parceiro nos últimos 12 meses e nas que reportaram.

	NÃO REPORTARAM Nos últimos 12 meses n=30 (19,2%)	REPORTARAM Nos últimos 12 meses n=126 (80,8%)	p*
Idade	20,0% [25, 29] anos 16,7% [20, 24] anos	19,8% [25, 29] anos 19,8% [30, 24] anos	0,938**
Região	60,0% Cacheu 40,0% Oio	38,9% Cacheu 61,1% Oio	0,036
Etnia	40,0% Mandinga 26,6% Manjaca 13,3% Balanta	39,7% Balanta 38,9% Mandinga 5,6% Manjaca	<0,001**
Religião	63,3% muçulmana 16,7% cristã	49,2% muçulmana 23,0% nenhuma	0,248
Escolaridade	53,3% com escolaridade	62,7% com escolaridade	0,345
Nível de escolaridade	48,3% nenhum 6,9% 2º ciclo	39,2% nenhum 7,5% ensino secundário	0,591
Estado marital	73,3% casamento étnico 26,7% solteira (mas está ou já esteve pelo menos numa relação)	79,4% casamento étnico 1,6% casamento civil	0,153**

*Teste de independência do qui-quadrado; ** Teste Exacto do qui-quadrado.

Violência Psicológica

À semelhança da VCM económica por parceiro, foi também aplicada uma bateria de perguntas que permitiu aferir se a mulher inquirida foi vítima de violência psicológica. Se respondeu positivamente a pelo menos uma das sub-questões das questões 36 e 37, considera-se que esta tenha sido vítima de VCM psicológica por parceiro, sendo esta inquirida se foi submetida a este tipo de violência e, se sim, se decorreu nos últimos 12 meses.

Das 507 mulheres inquiridas, 220 (43,4%) responderam negativamente a todas as questões associadas a violência psicológica e 287 (56,6%) reportaram ter sofrido de violência psicológica por parceiro. Destas que reportaram VCM, 56,8% são de Cacheu e 43,2% são de Oio (Gráfico 20). Se analisarmos os dados no universo de cada região, verificamos que as mulheres inquiridas em Cacheu reportaram sofrer mais de violência psicológica, 60,8% das inquiridas, do que as de Oio (51,9%), sendo essa diferença estatisticamente significativa ($p=0,043$).

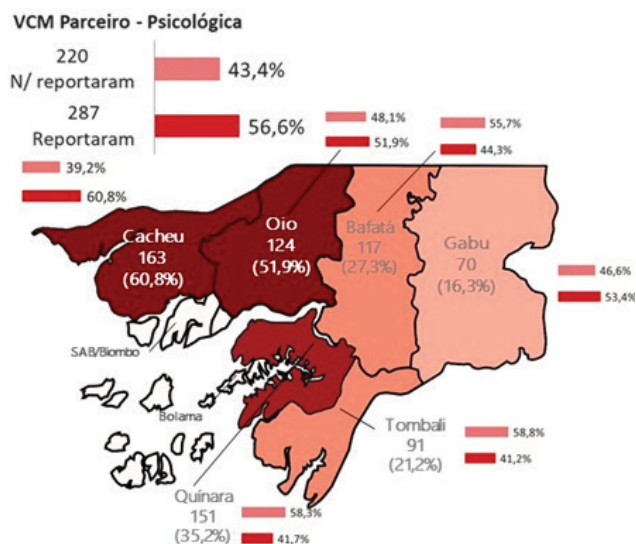


Gráfico 20 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram ser vítimas de VCM psicológica por parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=507).

Das 287 mulheres que reportaram VCM psicológica pelo parceiro durante a vida, pretendeu-se aferir destas, quantas foram vítimas desse tipo de VCM nos últimos 12 meses. Verificou-se que na sua maioria 200 (69,7%) foram vítimas de VCM psicológica por parceiro nos últimos 12 meses. Relativamente ao perfil da vítima, não se encontram diferenças estatisticamente significativas entre as mulheres que reportaram terem sofrido de VCM psicológica por parceiro no último ano e as que não reportaram, quanto à idade, nível de escolaridade e estado marital. O que distingue as mulheres que não reportaram das que reportaram, por se encontrarem diferenças estatisticamente significativas, é a região – 81,6% das que não reportaram nos últimos 12 meses são de Cacheu *versus* das que reportaram 54,0% são de Oio ($p < 0,001$), e ao nível da etnia em que grande parte das que não reportaram são de etnia Manjaca, 44,8%, *versus* as que reportaram, que são na sua grande parte Mandinga, 34,5%, seguida por Balanta em 34,0% ($p < 0,001$). Ao nível da escolaridade, ambos os grupos e mulheres que não reportaram sofrer de VP no último ano e as que reportaram têm algum nível de escolaridade (56,3% *vs.* 71,5%), no entanto as diferenças são estatisticamente significativas ($p = 0,014$) (Tabela 13).

Tabela 13 - Distribuição percentual das seguintes características sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=287) no grupo de mulheres que não reportaram VCM psicológica por parceiro nos últimos 12 meses e nas que reportaram.

	NÃO REPORTARAM Nos últimos 12 meses n=87 (30,3%)	REPORTARAM Nos últimos 12 meses n=200 (69,7%)	p^*
Idade	20,7% [20, 24] anos 20,7% [25, 29] anos 16,1% [45, 49] anos	23,5% [20, 24] anos 21,5% [25, 29] anos 16,5% [30, 34] anos	0,444
Região	81,6% Cacheu 18,4% Oio	54,0% Oio 46,0% Cacheu	<0,001
Etnia	44,8% Manjaca 20,7% Mandinga 18,4% Balanta	34,5% Mandinga 34,0% Balanta 12,0% Manjaca	<0,001**
Religião	48,3% muçulmana 33,3% cristã	51,5% muçulmana 19,5% cristã	0,010**
Escolaridade	56,3% com escolaridade	71,5% com escolaridade	0,014**
Nível de escolaridade	20,7% ensino secundário 9,2% 2º ciclo	20,2% 3º ciclo 15,5% 2º ciclo	0,105
Estado marital	66,7% casamento étnico 0,0% casamento civil	69,0% casamento étnico 1,0% casamento civil	0,323**

*Teste de independência do qui-quadrado; ** Teste Exacto do qui-quadrado.

Violência Física

No que concerne à VCM física, considerou-se que a mulher inquirida foi vítima desse tipo de violência se respondeu positivamente a pelo menos uma das sub-questões da questão 38, e considera-se que esta tenha sido vítima de VCM física por parceiro, sendo ainda inquirida se foi submetida a este tipo de violência nos últimos 12 meses.

Das 507 mulheres com parceiro inquiridas, 332 (65,5%) responderam negativamente a todas as questões associadas a violência física e 175 (34,5%) reportaram ter sofrido de violência física por parceiro. Destas que reportaram VCM física, 48,0% são de Cacheu e 52,0% são de Oio (Gráfico 21). Se analisarmos os dados no universo de cada região, verificamos que as mulheres inquiridas em Oio reportaram maior percentagem de violência física, 38,1%, do que as de Cacheu, 31,3%, não sendo essa diferença estatisticamente significativa ($p=0,111$). De referir que, das 369 mulheres inquiridas que reportaram VCM física, quanto à severidade, o ato foi moderado em 142 (81,1%) dos casos e em 33 (18,9%) casos foi grave²⁸.

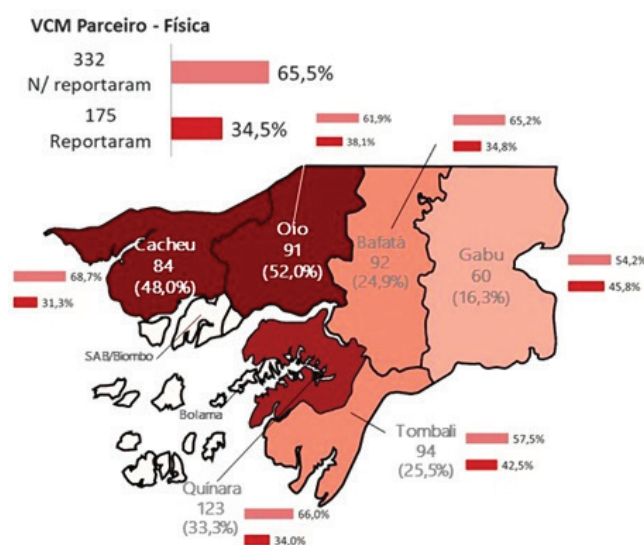


Gráfico 21 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram ser vítimas de VCM física por parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=507).

Das 175 mulheres que reportaram VCM física pelo parceiro durante a vida, pretendeu-se aferir destas, quantas foram vítimas desse tipo de VCM nos últimos 12 meses. Verificou-se que, na sua maioria, 189 (51,2%), foram vítimas de VCM física por parceiro nos últimos 12 meses.

De referir que, quanto à severidade, das 123 mulheres inquiridas que reportaram VCM física, nos últimos 12 meses, em 98 (79,7%) casos o ato foi moderado e em 25 (20,3%) casos foi grave.

De notar que se considerou ato moderado se respondeu afirmativamente a pelo menos uma das questões 38.1.a²⁹ ou 38.2.a e assinalou que não nas seguintes questões 38.3.a e 38.4.a e 38.5.a; considerou-se um ato grave se assinalou que sim em pelo menos uma das seguintes questões 38.3.a, 38.4.a ou 38.5.a.

²⁸ As sub-questões da 38 apresentam-se de forma hierarquizada no que diz respeito à severidade: as duas primeiras referem-se a atos de v. física considerados moderados e as três últimas a atos considerados graves.

²⁹ 38.1.a. Já lhe bofeteou, empurrou, abanou ou puxou o cabelo? / 38.2.a. Já lhe bateu com o punho ou com outra coisa que poderia magoar? / 38.3.a. Já a pontapeou, arrastou ou mordeu? / 38.4.a. Já a esganou ou queimou de propósito? / 38.5.a. Já usou uma pistola, faca ou outra arma contra si?.

FREQUÊNCIA

No que concerne a frequência do ato de VCM física nos últimos 12 meses, podemos verificar que a maioria reportou algumas vezes (1-5x), 59,3%, e 20,3% reportou que os atos ocorreram várias vezes (Tabela 14). De notar que, como referido acima, foi considerado ato de VCM física se respondeu sim a pelo menos uma das cinco questões na pergunta 38. Sendo que em duas dessas questões 19 (15,4%) inquiridas assinalaram que o ato ocorreu algumas vezes (1 a 5 vezes), em 3 dessas questões, 3 (2,4%) inquiridas assinalaram essa mesma opção na frequência nos últimos 12 meses, 1 (0,8%) inquirida assinalou em 4 dessas questões e 1 (0,8%) inquirida assinalou em 5 dessas questões.

Tabela 14 - Número e percentagem de mulheres que indicaram a frequência do ato de VCM física por parceiro nos últimos 12 meses (n=123).

	n	%
FREQUÊNCIA		
Algumas vezes (1-5x)	73	59,3%
Assinalou 2x Algumas vezes (1-5x)	19	15,4%
Assinalou 3x Algumas vezes (1-5x)	3	2,4%
Assinalou 4x Algumas vezes (1-5x)	1	0,8%
Assinalou 5x Algumas vezes (1-5x)	1	0,8%
Várias vezes (+6)	25	20,3%
Não resposta	1	0,8%

Relativamente às diferenças encontradas nas características estatisticamente relevantes, a maioria das que não reportaram são de Oio (63,5%) enquanto que as que reportaram são na sua maioria de Cacheu (52,8%) ($p=0,048$); em ambas as regiões, grande parte é Mandinga mas nas que não reportaram seguiu-se a etnia Manjaca (23,1%) e Mansonca (11,5%); e nas que reportaram seguiu-se a etnia Balanta (32,5%) e a etnia Manjaca (14,6%) ($p<0,001$); as que não reportaram, na sua maioria não frequentaram a escola (67,3%) e as que reportaram, na sua maioria, frequentaram a escola (64,2%) ($p<0,001$) (Tabela 15).

Tabela 15 - Distribuição percentual das seguintes características sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=175) no grupo de mulheres que não reportaram VCM física por parceiro nos últimos 12 meses e nas que reportaram.

	NÃO REPORTARAM Nos últimos 12 meses n=52 (29,7%)	REPORTARAM Nos últimos 12 meses n=123 (70,3%)	p*
Idade	17,3% [40, 44] anos 17,3% [45, 49] anos 13,5% [20, 24] anos	26,0% [25, 29] anos 16,3% [30, 34] anos 15,4% [20, 24] anos	0,067
Região	63,5% Oio 36,5% Cacheu	52,8% Cacheu 47,2% Oio	0,048
Etnia	51,9% Mandinga 23,1% Manjaca 11,5% Mansonca	34,1% Mandinga 32,5% Balanta 14,6% Manjaca	<0,001**
Religião	75,0% muçulmana 15,4% nenhuma	55,3% muçulmana 19,5% cristã	0,158
Escolaridade	67,3% sem escolaridade	64,2% com escolaridade	<0,001
Nível de escolaridade	11,5% 1º ciclo 5,8% ensino secundário	23,5% 1º ciclo 9,2% ensino secundário	0,009
Estado marital	90,4% casamento étnico 0,0% casamento civil	76,4% casamento étnico 1,6% divorciada/separada	0,202**

*Teste de independência do qui-quadrado; ** Teste Exacto do qui-quadrado.

Violência Sexual

No que concerne à VCM sexual, considerou-se que a mulher inquirida foi vítima desse tipo de violência se respondeu positivamente a, pelo menos, uma das sub-questões da questão 39, e considera-se que esta tenha sido vítima de VCM sexual por parceiro, sendo esta inquirida se foi submetida durante a vida, e se sim, se aconteceu nos últimos 12 meses.

Das 507 mulheres inquiridas que têm ou já tiveram parceiro, 463 (91,3%) responderam negativamente a todas as questões associadas a violência sexual e 44 (8,7%) reportaram ter sofrido de violência sexual por parceiro. Destas que reportaram VCM sexual, 63,6% são de Oio e 36,4% são de Cacheu (Gráfico 22). Se analisarmos os dados no universo de cada região, verificamos que as mulheres inquiridas em Oio reportaram mais sofrer de violência sexual, 11,7% das inquiridas, do que as de Cacheu, 6,0%, sendo essa diferença estatisticamente significativa ($p=0,022$).

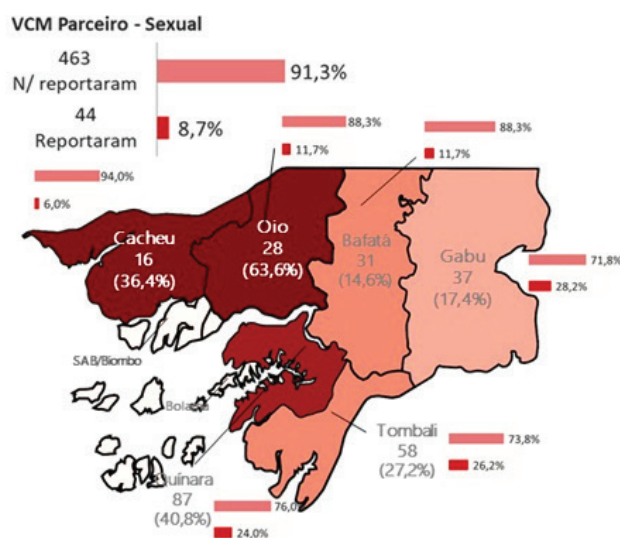


Gráfico 22 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram ser vítimas de VCM sexual por parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=507).

Das 44 mulheres que reportaram violência sexual pelo parceiro durante a vida, pretendeu-se aferir quantas destas foram vítimas desse tipo de VCM nos últimos 12 meses. Verificou-se que na sua maioria 42 (95,5%) foram vítimas de VCM sexual por parceiro nos últimos 12 meses.

FREQUÊNCIA

No que diz respeito à frequência do ato de VCM sexual por parceiro, nos últimos 12 meses, podemos verificar que grande parte reportou que este ocorreu várias vezes (mais de 6), 35,7%, e 16,7% reportou que o ato ocorreu algumas vezes (de 1 a 5) (Tabela 16). De notar que, como referido acima, foi considerado ato de VCM sexual, se respondeu sim a pelo menos uma das três questões na pergunta 39. Em duas dessas questões, 7 (16,7%) inquiridas assinalaram que o ato ocorreu algumas vezes (de 1 a 5x), em 3 dessas questões, 5 (11,9%) inquiridas assinalaram essa mesma opção na frequência nos últimos 12 meses.

Tabela 16 - Número e percentagem de mulheres que indicaram a frequência do ato de VCM sexual por parceiro nos últimos 12 meses (n=42).

	n	%
FREQUÊNCIA		
Algumas vezes (1-5x)	15	35,7%
Assinalou 2x Algumas vezes (1-5x)	7	16,7%
Assinalou 3x Algumas vezes (1-5x)	5	11,9%
Várias vezes (+6)	13	31,0%
Não resposta	2	4,8%

Relativamente às características que distinguem as mulheres que reportaram das que não reportaram, há diferenças estatisticamente significativas no que se refere às idades – todas as que não reportaram (2; 4,5%) encontram-se na faixa etária entre os 40 e os 54 anos e, das que reportaram (42; 95,5%), todas se encontram na faixa etária entre os 20 e os 39 anos ($p=0,005$). Também se verificaram diferenças no que concerne ao estado civil: entre as mulheres que não reportaram ($n=2$) – 100% viúva N – e as que reportaram ($n=42$) – 78,6% estão em um casamento étnico ($p=0,003$) (Tabela 17).

Tabela 17 - Distribuição percentual das seguintes características sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=44) no grupo de mulheres que não reportaram VCM sexual por parceiro nos últimos 12 meses e nas que reportaram.

	NÃO REPORTARAM Nos últimos 12 meses n=2 (4,5%)	REPORTARAM Nos últimos 12 meses n=42 (95,5%)	p*
Idade	50,0% [40, 44] anos 50,0% [50, 54] anos	38,1% [25, 29] anos 23,8% [20, 24] anos 14,3% [35, 39] anos	0,005
Região	100,0% Oio 0,0% Cacheu	61,9% Oio 38,1% Cacheu	0,526
Etnia	100,0% Mandinga	45,2% Balanta 33,3% Mandinga 11,9% Manjaca	0,498
Religião	100,0% muçulmana	47,6% muçulmana 19,0% cristã	0,814
Escolaridade	50,0% com escolaridade	73,8% com escolaridade	1,000
Nível de escolaridade	50,0% 1º ciclo 0,0% ensino secundário	24,4% 3º ciclo 14,6% ensino secundário	1,000
Estado marital	100,0% viúva	78,6% casamento étnico 2,4% viúva	0,003

*Teste de independência do qui-quadrado

DENÚNCIA ÀS AUTORIDADES/PROCURAR AJUDA

Na sua maioria, 51,1%, a vítima não contou a ninguém sobre o comportamento do seu parceiro e 32,2% pediu ajuda a familiares; 6,9% a vizinhos, 5,7% a amigos (Tabela 18).

Tabela 18 - Número e percentagem de mulheres inquiridas vítimas de algum tipo de violência por parceiro no que concerne à denúncia às autoridades e/ou a procura de ajuda (n=348).

	Denúncia (n=348)	
	n	%
1. Ninguém	178	51,1%
2. Familiares	112	32,2%
3. Amigos	20	5,7%
4. Vizinhos	24	6,9%
6. Médico/profissional de saúde	0	0,0%
8. Chefe de tabanca	0	0,0%
10. Outros*	10	2,9%
NR	4	1,1%

* Combossa, primo do marido, sogra, cunhado/a

Resumindo, das 507 mulheres elegíveis para reporte de VCM por parceiro, os casos mais comuns são os de **violência psicológica (56,6%)** e os de **violência física (34,5%)** (Gráfico 23).

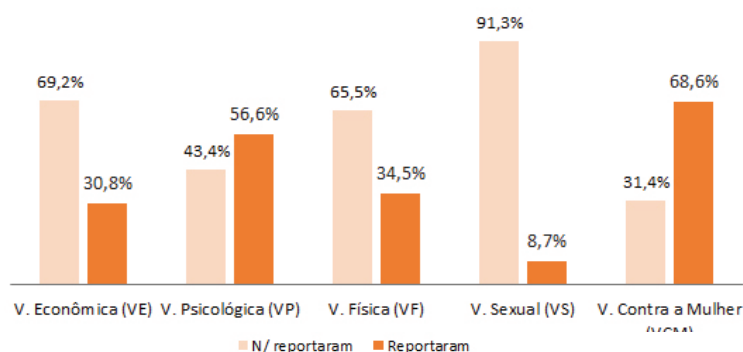


Gráfico 23 - Percentagem de mulheres inquiridas vítimas de VCM por parceiro nos seus diferentes domínios (n=507).

Em suma, no que se refere à Violência Contra a Mulher por parceiro, das 507 mulheres elegíveis para esta parte do questionário, 348 (68,6%) reportaram ter sofrido de, pelo menos, um tipo de VCM (Gráfico 23). Deste total, cerca de 52,9% são de Cacheu e 47,1% são de Oio (Gráfico 24). Se analisarmos os dados no universo de cada região, verificamos que as mulheres inquiridas, tanto em Cacheu como em Oio, apresentam um reporte na ordem dos 69%, respetivamente, 68,7% em Cacheu e 68,6% em Oio, não sendo essa diferença estatisticamente significativa ($p=0,933$).

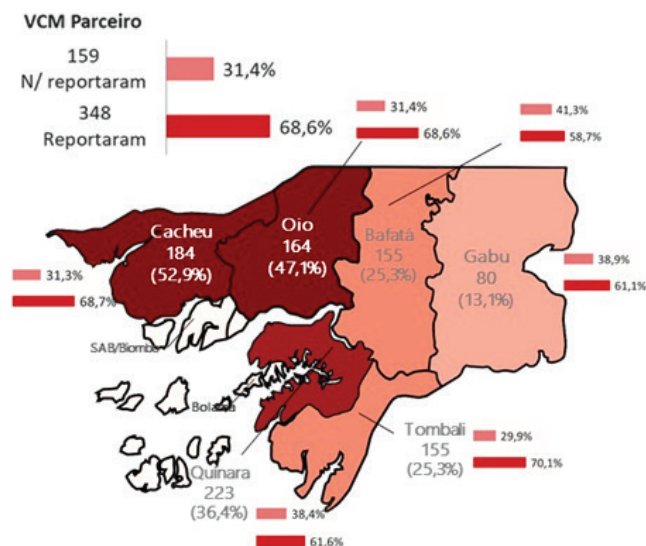


Gráfico 24 - Percentagem de mulheres inquiridas vítimas de VCM por parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=507).

Das 348 mulheres que reportaram serem vítimas de violência por parceiro (Gráfico 25),

- 41,4% reportou ter sofrido apenas de um tipo de violência por parceiro: 18,1% reportou só violência económica, 18,1% violência física, 63,9% violência psicológica;
- 34,2% reportou 2 tipos de violência: 0% violência sexual e económica e 1,7% violência física e sexual (a combinação com menor reporte) e a violência física com a violência psicológica (com maior reporte) 48,7%;
- 17,2%, ou seja, 60 mulheres, reportaram serem vítimas de combinações de 3 tipos de violência, sendo a que foi reportada com mais frequência, foi a combinação entre a violência física, a psicológica e a económica (78,3%);
- 7,2% reportou sofrer da combinação dos 4 tipos de violência – física, sexual, psicológica e económica.

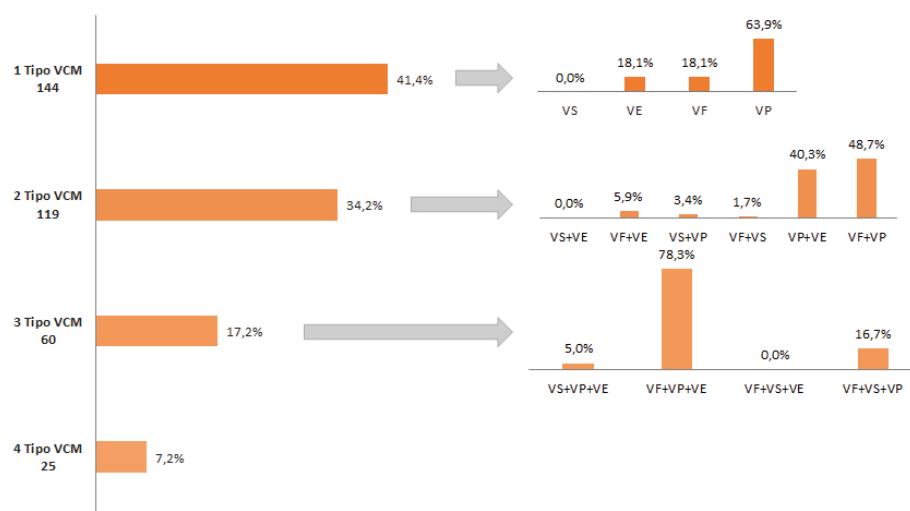


Gráfico 25 - Percentagem de mulheres inquiridas por número de tipo de VCM por parceiro reportados (n=348).

Um dos objetivos específicos do estudo foi caracterizar o perfil da vítima de violência. No entanto, se analisarmos as características sociodemográficas das mulheres que não reportaram e das que reportaram serem vítimas de violência por parceiro, verificamos que são muito semelhantes,

quer ao nível da etnia, em que predomina a etnia Mandinga, seguida da Balanta e da Manjaca. Ao nível da religião, a maioria das mulheres inquiridas são muçulmanas, vítimas ou não; a maioria já frequentou a escola e está num casamento étnico (Tabela 19). O mesmo acontece na distribuição por região, em que as percentagens das que reportaram e das que não reportaram são semelhantes. Concluimos, portanto, que não é possível destacar um perfil de vítima.

Tabela 19 - Distribuição percentual das seguintes caraterísticas sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=507) no grupo de mulheres que não reportaram VCM por parceiro e nas que reportaram.

	NÃO REPORTARAM Nos últimos 12 meses n=159 (31,4%)	REPORTARAM Nos últimos 12 meses n=348 (68,6%)	p*
Idade	25,2% [20, 24] anos 21,4% [25, 29] anos 12,6% [30, 34] anos	21,3% [20, 24] anos 19,8% [25, 29] anos 13,5% [30, 34] anos	0,025
Região	52,8% Cacheu 47,2% Oio	52,9% Cacheu 25,3% Oio	0,093
Etnia	42,8% Mandinga 21,4% Balanta 20,1% Manjaca	32,8% Mandinga 27,0% Balanta 20,1% Manjaca	-
Religião	61,0% muçulmana 19,5% cristã	52,6% muçulmana 22,4% cristã	0,415
Escolaridade	61,0% com escolaridade	64,7% com escolaridade	0,428
Nível de escolaridade	19,5% 3º ciclo 9,4% 2º ciclo	18,3% 3º ciclo 13,0% 2º ciclo	0,835
Estado marital	64,8% casamento étnico 0,0% divorciada/ separada	69,5% casamento étnico 0,9% casamento civil	0,476**

*Teste de independência do qui-quadrado

As mulheres com faixas etárias compreendidas entre os 40 e os 59 anos de idade reportaram maiores taxas de VCM por parceiro, sendo as mulheres mais novas as que menos reportaram, 51,2% e as com idades entre os 18 e os 19 anos as que menos reportaram, seguidas num mais baixo reporte as mulheres com idades compreendidas entre os 20 e 24 anos (64,9%), sendo estas diferenças estatisticamente significativas ($p=0,025$) (Gráfico 26). Quanto à região, tanto as mulheres de Cacheu como as de Oio têm um reporte na ordem dos 69% ($p=0,093$). As mulheres da etnia Mansonca foram as que reportaram menos VCM por parceiro, 45,5%, e a Fula e a Mancanha as que mais reportaram, 85% e 84,2 respetivamente. As mulheres animistas foram as que reportaram maior VCM por parceiro, 100%, e as mulheres com outra religião são as que apresentaram menor reporte, 62,5%, seguindo-se a Mandinga (62,6%) ($p=0,415$). Aproximadamente dois terços das mulheres inquiridas que frequentaram a escola reportaram VCM, bem como as mulheres que não frequentaram a escola ($p=0,428$). Quanto ao estado civil, em que a todas as mulheres divorciadas/separadas reportaram VCM por parceiro, 100%, e as mulheres solteiras, mas que estão ou estiveram numa relação, foram as que menos reportaram VCM por parceiro, 64,0% ($p=0,476$). Em nenhuma destas caraterísticas se verificaram diferenças estatisticamente significativas, à exceção da faixa etária ($p=0,025$).

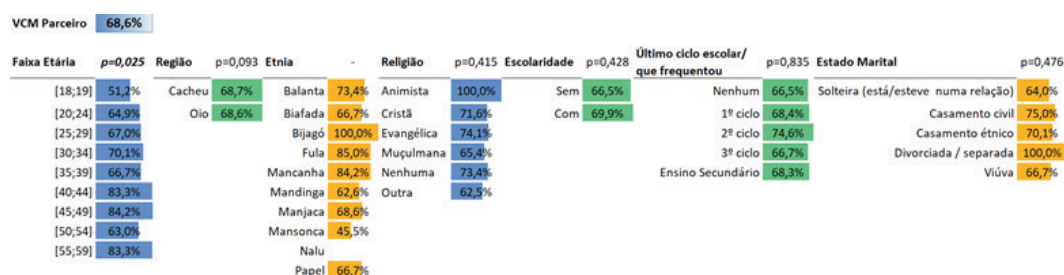


Gráfico 26 - Percentagem de mulheres inquiridas que sofreram de VCM por parceiro (n=507) no total de mulheres inquiridas dentro das seguintes caraterísticas sócio-demográficas: faixa etária, região, etnia, religião, escolaridade, último ciclo escolar que frequentou e estado civil.

3.3. VCM POR NÃO PARCEIRO

Violência Física

Foi considerada vítima de VCM Física por não parceiro, a inquirida que respondeu positivamente a, pelo menos, uma das alíneas da pergunta 42 do inquérito (ver em anexo). Das 522 mulheres inquiridas, 309 (59,2%) responderam negativamente a todas as questões associadas à violência física e 213 (40,8%) reportaram ter sofrido de violência física por não parceiro. Deste total, 53,5% são de Cacheu e 46,5% de Oio (Gráfico 27). Na VCM por não parceiro, como referido previamente no presente relatório, só se teve em conta a violência física e a sexual, uma vez que a psicológica e económica só são consideradas havendo um relacionamento. Se analisarmos os dados no universo de cada região, verificamos que as mulheres inquiridas em Cacheu reportaram valores semelhantes a Oio, respetivamente, 41,0% das inquiridas e 40,6%, não sendo essa diferença estatisticamente significativa ($p=0,920$).

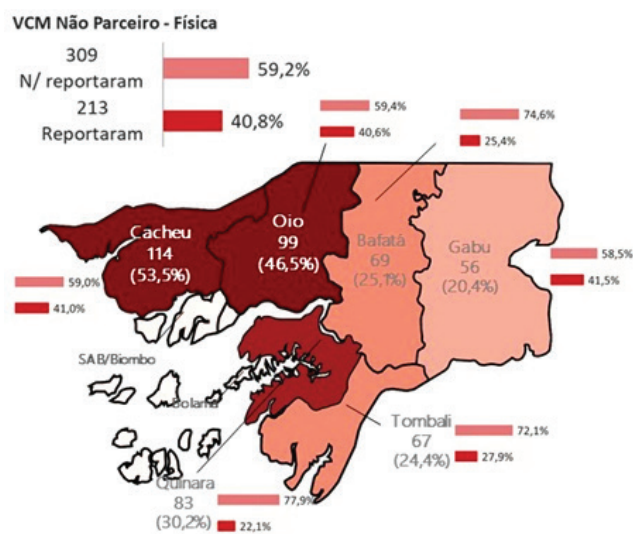


Gráfico 27 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram ser vítimas de VCM física por não parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=522).

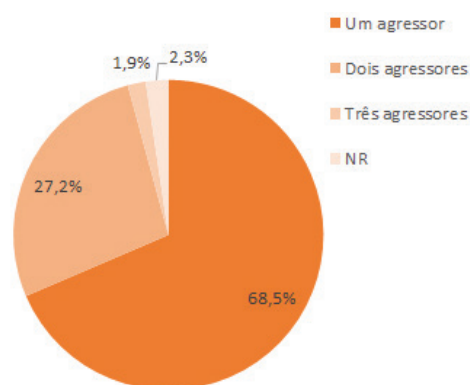


Gráfico 28 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram o tipo de relação com o agressor por VCM física por não parceiro (n=213).

No que se refere à relação com o agressor, podemos verificar que, das 213 inquiridas que reportaram violência física, na sua maioria, 68,5% (146) indicou apenas um agressor, sendo que 27,2% (58) das mulheres assinalaram dois agressores e 1,9% (4) assinalou três agressores; 2,3% (5) não responderam (Gráfico 28).

RELAÇÃO ENTRE A VÍTIMA E O AGRESSOR

Quanto ao elo de relação entre a vítima de VCM por não parceiro e o agressor 1, maioritariamente, na violência física por não parceiro, esta tem origem no seio familiar, 89,4%, sendo destacado o pai – 25,7% – e, de seguida, outro membro masculino da família com 26,7%, e a mãe, em 17% dos casos (Gráfico 29). O mesmo se verifica quanto ao agressor 2, cujo elo de relação é maioritariamente familiar, 63,4%, destacando-se outro membro da família masculino com 24,4% e de seguida a madrasta, 14,6%. De notar que o agressor 1 foi o agressor identificado pelas inquiridas como o mais grave (“sério” - palavra utilizada no questionário - ver na questão 44) e o agressor 3 assinalado como o menos grave (caso tenham sido assinalados mais do que um).

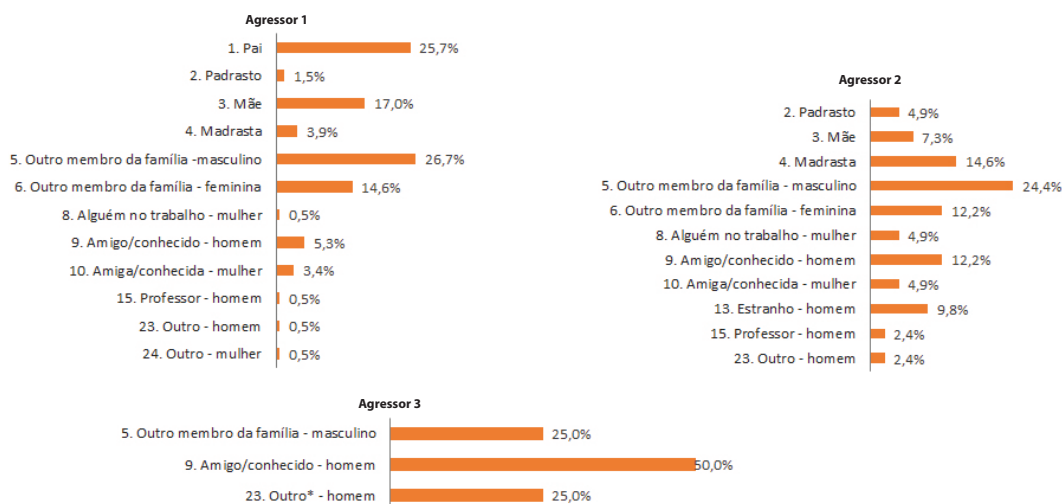


Gráfico 29 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram qual o elo de relação com o agressor da qual foram vítima de violência física por não parceiro (n=213).

Relativamente à agregação das respostas múltiplas dadas num máximo de 3 agressores (em conjugação desde agressor 1 ao agressor 3) no que diz respeito à violência por não parceiro, temos um total de 251 respostas onde são considerados os diferentes níveis de relação com o agressor (nos 3 diferentes casos). Na tabela que se segue pode ver-se a distribuição percentual da relação com mesmo:

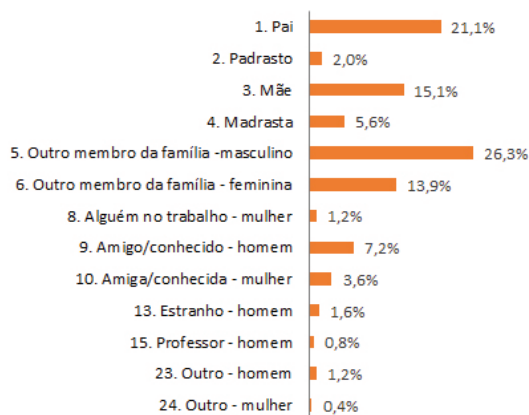


Gráfico 30 – Distribuição percentual de mulheres inquiridas da relação com os múltiplos agressores da qual foram vítima de violência física por não parceiro (n=213).

FREQUÊNCIA

Quanto à frequência de ocorrência do ato de violência física por não parceiro, desde os 15 anos, na sua grande maioria, as inquiridas reportaram que este ocorre entre 1 a 5 vezes (algumas vezes): 82,6% no que respeita o agressor 1; 88,7% o agressor 2; e 100% o agressor 3. O número de agressores corresponde a episódios de agressão por diferentes agressores (exemplo: Agressor 1: Pai; Agressor 2: Amigo /conhecido). Quanto a acontecerem episódios nos últimos 12 meses, na sua maioria, não foram reportados (Gráfico 31).

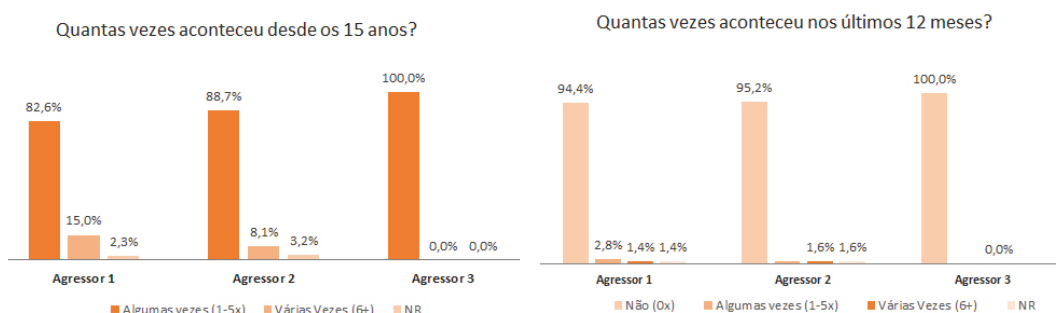


Gráfico 31 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram qual a frequência que o ato de violência física ocorreu desde os 15 anos e nos últimos 12 meses (n=213).

SEVERIDADE

Relativamente aos ferimentos, resultantes do ato de violência física por não parceiro, quanto ao agressor 1 (n=208 respostas), 41,8% das inquiridas reportaram ferimentos moderados e 11,5% reportou ferimentos graves, 46,2% reportou sem ferimentos, 0,5% não respondeu; quanto ao agressor 2 (n=62 respostas): 33,9% reportaram ferimentos moderados, 8,1% reportaram ferimentos graves e 58,1% reportou sem ferimentos; quanto ao agressor 3 (n=4 respostas): 25% reportou ter sofrido ferimentos moderados e 75% reportou não ter sofrido ferimentos (Gráfico 32). Na sua maioria, esses ferimentos não ocorreram no último ano (Gráfico 32).

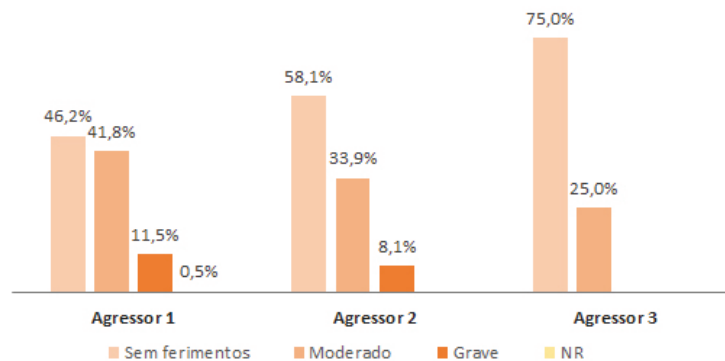


Gráfico 32 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram qual a severidade dos ferimentos que resultaram do ato de violência física (n=213).

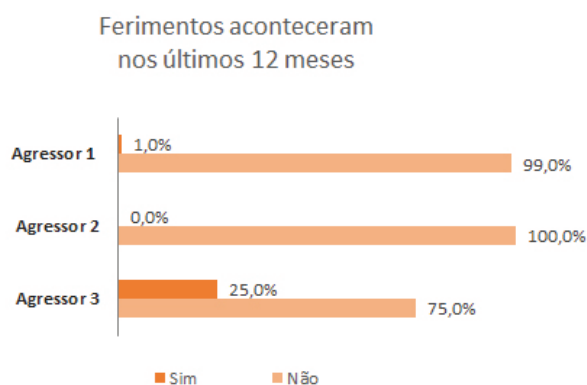


Gráfico 33 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram se os ferimentos resultantes ocorreram nos últimos 12 meses (n=213).

DENÚNCIA ÀS AUTORIDADES/PROCURA DE AJUDA

Na sua grande maioria, as vítimas contaram aos seus familiares sobre o comportamento do seu agressor, agressor 1 (42,3%); agressor 2 (53,2%) e agressor 3 (50%) (Tabela 20); seguido por uma grande percentagem que não contou a ninguém sobre o comportamento do seu agressor: agressor 1 (47,9%); agressor 2 (37,1%) e agressor 3 (25,0%) .

Tabela 20 - Número e percentagem de mulheres inquiridas vítimas de violência física por não parceiro no que concerne a denúncia às autoridades e/ou a procura de ajuda (n=213).

	Agressor 1 (n=213)		Agressor 2 (n=62)		Agressor 3 (n=4)	
	n	%	n	%	n	%
1. Ninguém	102	47,9%	23	37,1%	1	25,0%
2. Familiares	90	42,3%	33	53,2%	2	50,0%
3. Amigos	10	4,7%	3	4,8%	-	-
4. Vizinhos	3	1,4%	2	3,2%	-	-
5. Polícia	-	-	-	-	1	25,0%
6. Médico/profissional de saúde	2	0,9%	1	1,6%	-	-
8. Chefe de tabanca	-	-	-	-	-	-
NR	6	2,8%	-	-	-	-

LOCALIZAÇÃO

De modo a tomar conhecimento da localização do ato, se este ocorreu no contexto de casa, na vizinhança, na estrada, nos espaços públicos, local de trabalho, escola, entre outros, foi colocada a questão diretamente à vítima de onde aconteceu o ato de violência. Pela análise da tabela 21,

podemos verificar que, na maioria das situações, ocorreu em casa do agressor: 55,4% no caso do agressor 1 e 41,9% no caso do agressor 2; de seguida foi referido que ocorreu na casa da vítima, 30%, agressor 1, 21% agressor 2 e 25% agressor 3.

Tabela 21 - Número e percentagem de mulheres inquiridas vítimas de violência física por não parceiro no que concerne a localização onde ocorreu o ato violento (n=213).

	Agressor 1 (n=213)		Agressor 2 (n=62)		Agressor 3 (n=4)	
	n	%	n	%	n	%
1. Em sua casa	64	30,0%	13	21,0%	1	25,0%
2. Em casa do agressor	118	55,4%	26	41,9%	-	-
3. Em casa de outra pessoa	10	4,7%	7	11,3%	1	25,0%
4. Estrada ou beco	3	1,4%	6	9,7%	-	-
5. Em espaços públicos	3	1,4%	6	9,7%	-	-
6. No local de trabalho	-	-	-	-	-	-
7. Na escola	6	2,8%	3	4,8%	-	-
8. No transporte público	-	-	-	-	-	-
9. Num bar ou discoteca	1	0,5%	-	-	-	-
10. Na horta, na bolanha ou no mato	2	0,9%	1	1,6%	2	50,0%
NR	6	2,8%	-	-	-	-

Violência Sexual

Foi considerada vítima de VCM Sexual por não parceiro, se a inquirida respondeu positivamente à questão 48 do inquérito. Das 522 mulheres inquiridas, a maioria, 502 (96,2%) responderam negativamente e 20 (3,8%) reportaram ter sofrido de violência sexual por não parceiro. Deste total, cerca de 55% são de Oio e 45% são de Cacheu (Gráfico 34). Se analisarmos os dados no universo de cada região, verificamos que as mulheres inquiridas em Oio reportaram mais violência sexual por não parceiro, 4,5% das inquiridas, do que as de Cacheu (3,2%), não sendo essa diferença estatisticamente significativa ($p=0,450$).

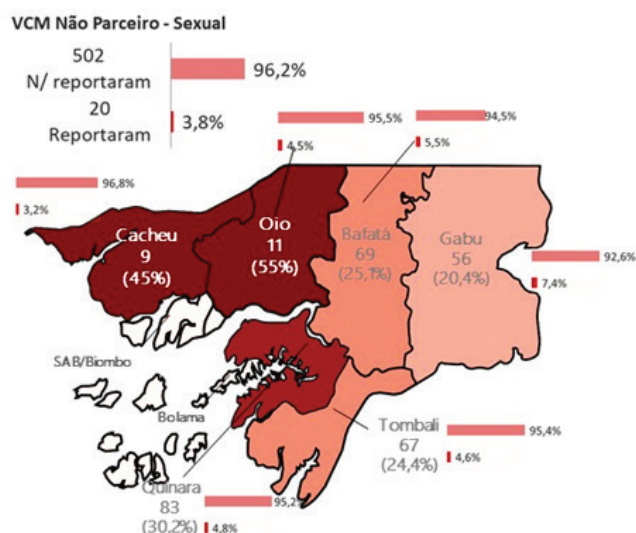


Gráfico 34 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram ser vítimas de VCM sexual por não parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=522).

RELAÇÃO COM O AGRESSOR

Quanto ao elo de relação com o agressor, na violência sexual, por não parceiro, 40% das inquiridas não respondeu sobre o elo de ligação com o agressor. Das que responderam, reportaram que os atos de violência sexual por não parceiro, na sua maioria, ocorrem no seio familiar, 45%, sendo destacado outro membro da família masculino – 40%; e o próprio pai em 5% dos casos. Fora do seio familiar, em 10% o ato de violência sexual foi realizado por amigo/conhecido homem e em 5% dos casos por um homem estranho (Gráfico 35).

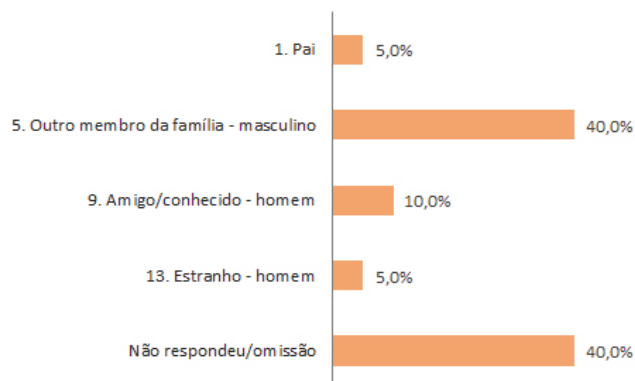


Gráfico 35 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram qual o elo de relação com o agressor do qual foram vítimas de violência sexual por não parceiro (n=20).

FREQUÊNCIA

Quanto à frequência, em 5% das vezes, desde os 15 anos da inquirida, este tipo de violência foi realizado várias vezes (mais de 6 vezes), e nos últimos 12 meses, ocorreu em 35% dos casos (Gráfico 36).

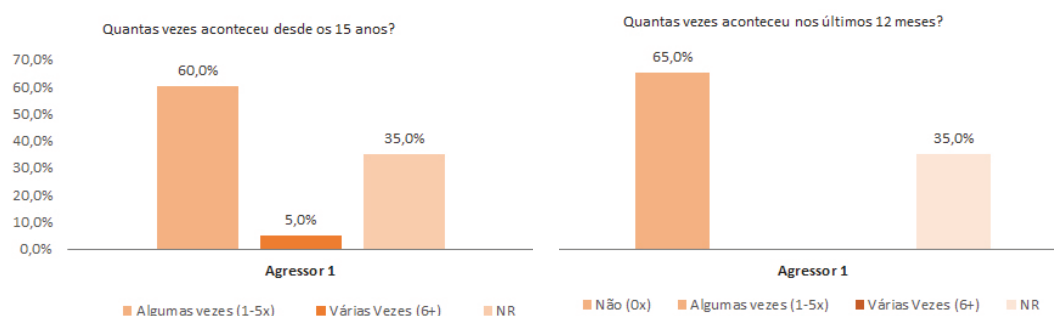


Gráfico 36 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram qual a frequência que o ato de violência física ocorreu desde os 15 anos e nos últimos 12 meses (n=20).

Tentativa de violação sexual

Para além de tudo o que foi questionado, inquiriu-se à mulher se, desde os 15 anos, alguma vez alguém a tinha tentado forçar a realizar um ato sexual que não queria. Das 522 mulheres inquiridas, 18 (3,4%) responderam afirmativamente a esta questão.

RELAÇÃO COM O AGRESSOR

Quanto ao elo de relação com o agressor, nesta situação de tentativa isolada de violação sexual, 50% dos casos foi reportado ter decorrido dentro do seio familiar, tendo sido uma tentativa por parte de um membro da família homem; e fora do seio familiar, a destacar em 22,2% por amigo/conhecido homem, em 5,6% dos casos por um homem estranho e em 16,7% por outro homem (Gráfico 37).

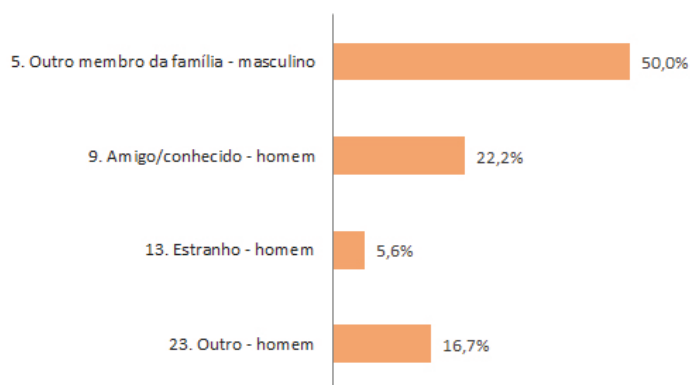


Gráfico 37 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram qual o elo de relação com o agressor da qual houve tentativa de violação sexual por não parceiro (n=18).

DENÚNCIA ÀS AUTORIDADES/PROCURA DE AJUDA

Em grande parte, a vítima não contou a ninguém sobre o comportamento do seu agressor - 38,9%; em 33,3% dos casos denunciou/procurou ajuda junto de familiares, 5,6% a amigos e 5,6% à polícia (Tabela 22).

Tabela 22 - Número e percentagem de mulheres inquiridas vítimas de violência física por não parceiro no que concerne denúncia às autoridades e/ou a procura de ajuda (n=18).

	Agressor 1 (n=18)	
	n	%
1. Ninguém	7	38,9%
2. Familiares	6	33,3%
3. Amigos	1	5,6%
5. Polícia	1	5,6%
NR	1	16,7%

LOCALIZAÇÃO

Pela análise da tabela 23, podemos verificar que as tentativas de violação sexual decorreram em grande parte na casa do agressor, 38,9%, seguida pela ocorrência na casa das vítimas, 22,2%.

Tabela 23 - Número e percentagem de mulheres inquiridas vítimas de violência física por não parceiro no que concerne a localização onde ocorreu a tentativa de violação sexual (n=18).

	Agressor 1 (n=18)	
	n	%
1. Em sua casa	4	22,2%
2. Em casa do agressor	7	38,9%
4. Estrada ou beco	1	5,6%
5. Em espaços públicos	1	5,6%
9. Num bar ou discoteca	1	5,6%
10. Na horta, na bolanha ou no mato	2	11,1%
NR	2	11,1%

Resumindo, das 522 mulheres inquiridas, 213 (40,8%) reportaram ter sido vítimas de violência física por não parceiro e 20 (3,8%) reportaram terem sido vítimas de violência sexual por não parceiro (Gráfico 38).

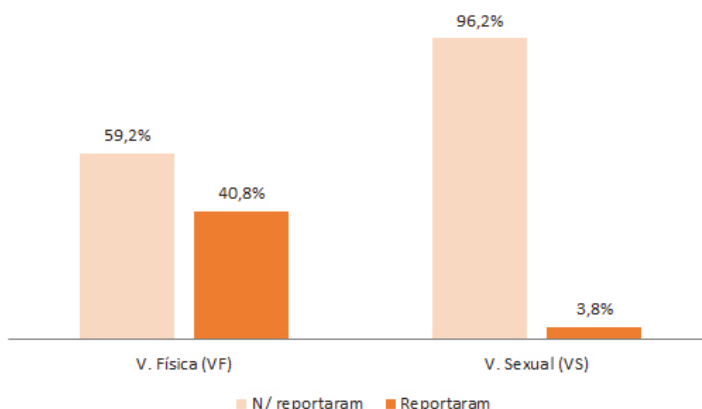


Gráfico 38 - Percentagem de mulheres inquiridas vítimas de VCM por não parceiro nos seus diferentes domínios (n=522).

Foi considerado VCM por não parceiro, se reportou, pelo menos um tipo de VCM acima descrita: física e/ou sexual. Das 522 mulheres inquiridas, 222 (42,5%) reportaram ter sofrido de pelo menos um tipo de VCM por não parceiro. Deste total, cerca de 53,6% são de Cacheu e 46,4% são de Oio (Gráfico 39). Se analisarmos os dados no universo de cada região, verificamos que as mulheres inquiridas em Cacheu reportaram ter sofrido de violência em 42,8% dos casos em tudo semelhante às mulheres inquiridas de Oio cujo reporte foi de 42,2%, essa diferença não é estatisticamente significativa ($p=0,891$).

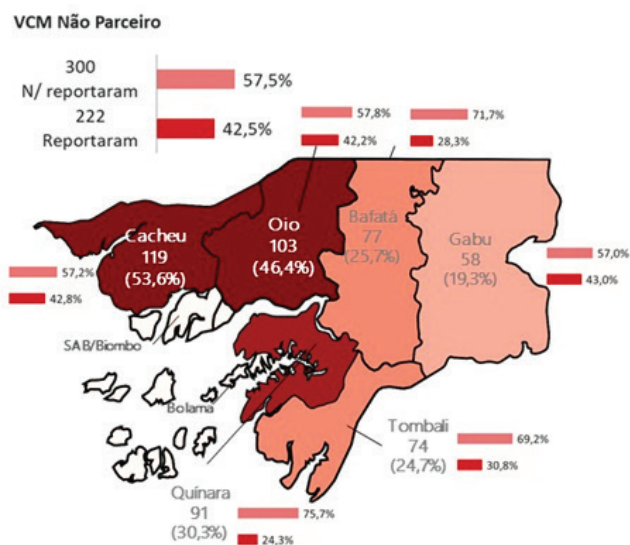


Gráfico 39 - Percentagem de mulheres inquiridas vítimas de VCM por não parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=522).

Das 222 mulheres que reportaram serem vítimas de violência por não parceiro (Gráfico 40),

- 211 (95%) mulheres reportaram serem vítimas de um tipo de VCM, destacando-se a violência física, com cerca de 95,7% e 4,3% reportou a violência sexual;
- 11 (5%) de mulheres reportou os dois tipos de violência, física e sexual.

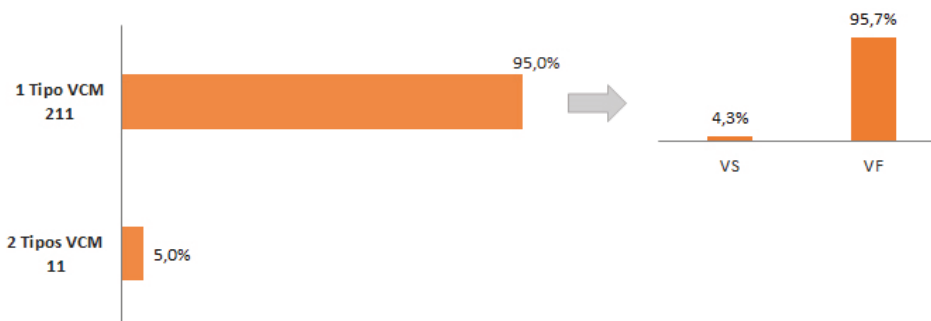


Gráfico 40 - Percentagem de mulheres inquiridas por número de tipo de VCM por não parceiro reportados (n=222).

No quadro dos dados levantados, não é possível caracterizarmos o perfil da vítima de violência contra a mulher por não parceiro, uma vez que não se verificam diferenças estatisticamente significativas (Tabela 24).

Tabela 24 - Distribuição percentual seguintes caraterísticas sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=522) no grupo de mulheres que não reportaram VCM por não parceiro e nas que reportaram.

	NÃO REPORTARAM n=300 (57,5%)	REPORTARAM n=222 (42,5%)	p*
Idade	21,7% [25, 29] anos 20,7% [20, 24] anos	24,8% [20, 24] anos 17,6% [25, 29] anos	0,295
Região	53,0% Cacheu 47,0% Oio	53,6% Cacheu 46,4% Oio	0,891
Etnia	37,0% Mandinga 25,3% Balanta 16,3% Manjaca	34,7% Mandinga 26,1% Manjaca 25,2% Balanta	0,126
Religião	55,3% muçulmana 22,0% cristã	55,0% muçulmana 20,3% cristã	0,908**
Escolaridade	64,3% com escolaridade	64,0% com escolaridade	0,931
Último ciclo escolar frequentado	36,8% nenhum 18,2% 3º ciclo 16,5% ensino secundário	36,2% nenhum 19,5% 3º ciclo 17,2% ensino secundário	0,457
Estado marital	68,7% casamento étnico 23,7% solteira (mas está/esteve numa relação)	62,6% casamento étnico 29,3% solteira (mas está/esteve numa relação)	0,019**

*Teste de independência do qui-quadrado; **Teste Exacto do qui-quadrado.

As mulheres mais novas foram as que mais reportaram VCM por não parceiro, 55,8% nas mulheres com idades entre os 18 e os 19 anos e 47,0% das mulheres com idades entre os 20 e 24 anos; juntamente com as mulheres mais velhas com idades compreendidas entre os 55 e os 59 anos, das quais 55,6% reportaram (p=0,295) (Gráfico 41). Foram reportados aproximadamente os mesmos níveis de VCM por não parceiro em Cacheu (42,8%) e em Oio (42,2%) (p=0,891). As mulheres inquiridas que referiram professar a religião evangélica são as que reportaram maiores valores de VCM por não parceiro, 50%, seguidas por aquelas que referiram professar outra religião, as animistas foram as que menos reportaram (25%) (p=0,908). A etnia Manjaca e a etnia Balanta foram as que mais reportaram sofrer de VCM por não parceiro, 54,2% e 42,4%, respetivamente. Quanto à frequência ou não da escola, não se encontraram diferenças significativas (p=0,931). As mulheres solteiras que nunca estiveram numa relação foram as que mais reportaram VCM por não parceiro (73,3%), seguindo-se as mulheres divorciadas/separadas e as que estão num casamento civil as que não reportaram (0%). Em todas estas caraterísticas não se encontraram diferenças estatisticamente significativas, exceptuando o estado civil.

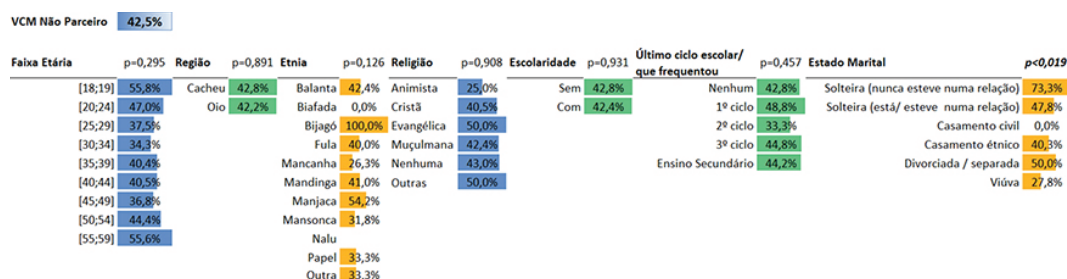


Gráfico 41 - Percentagem de mulheres inquiridas que sofreram de VCM por não parceiro (n=522) dentro das seguintes caraterísticas sócio-demográficas: faixa etária, região, etnia, religião, escolaridade, último ciclo escolar que frequentou e estado civil.

3.4. VCM POR PARCEIRO E/OU NÃO PARCEIROS

Foi considerada a VCM por parceiro e/ou não parceiro para as inquiridas que reportaram pelo menos um tipo de VCM acima descrita de VCM por parceiro, respetivamente, económica, psicológica, física ou sexual, e/ou VCM por não parceiro: física ou sexual. Das 522 mulheres inquiridas, 117 (22,4%) não reportaram ter sofrido de qualquer tipo de VCM e 405 (77,6%) reportaram ter sofrido de, pelo menos, um tipo de VCM. Das 405 mulheres inquiridas que reportaram algum tipo de VCM, cerca de 52,6% são de Cacheu e 47,4% são de Oio (Gráfico 42). Se analisarmos os dados no universo de cada região, verificamos que as mulheres inquiridas em Oio reportaram mais violência, 78,7% das inquiridas, do que as de Cacheu (76,6%), não sendo essa diferença estatisticamente significativa ($p=0,572$).

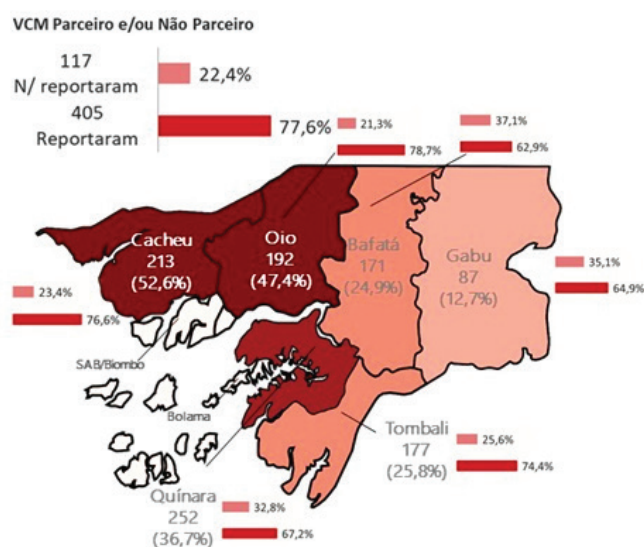


Gráfico 42 - Percentagem de mulheres inquiridas vítimas de VCM por parceiro e/ou não parceiro no global e nas diferentes regiões alvo de estudo (n=522).

Das 405 mulheres que reportaram serem vítimas de qualquer tipologia de VCM (Gráfico 43),

- 183 (45,2%) mulheres reportaram serem vítimas de, pelo menos, um tipo de VCM por parceiro;
- 57 (14,1%) mulheres reportaram serem vítimas de, pelo menos, um tipo de VCM por não parceiro;
- 165 (40,7%) de mulheres reportou ter sofrido de ambos os VCM (parceiro e não parceiro).

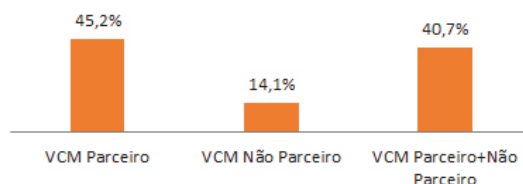


Gráfico 43 - Percentagem de mulheres inquiridas que reportaram algum tipo de VCM parceiro e/ou não parceiro reportados (n=405).

No que concerne as características sócio-demográficas consideradas para desagregação, a análise comparativa entre VCM não reportada versus reportada, pode verificar-se que grande parte das inquiridas se encontra na faixa etária entre os 20 e os 24 anos (25,6% vs 21,5%), seguida pela faixa

etária dos 25 aos 29 anos (21,4% vs 19,5%) ($p=0,477$). São maioritariamente de Cacheu (55,6% vs 52,6%) ($p=0,572$), de etnia Mandinga (45,3% vs 33,3%), religião muçulmana (63,2% vs 52,8%) ($p=0,213$), com escolaridade (57,3% vs 66,2%) ($p=0,077$), e encontram-se num casamento étnico (65% vs 66,4%) ($p=0,917$). Não se verificam, portanto, diferenças estatisticamente significativas ($p>0,05$) (Tabela 25).

Tabela 25 - Distribuição percentual seguintes características sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=522) no grupo de mulheres que não reportaram VCM (parceiro e/ou não parceiro) e nas que reportaram.

	NÃO REPORTARAM n=117 (22,4%)	REPORTARAM n=405 (77,6%)	p^*
Idade	25,6% [20, 24] anos 21,4% [25, 29] anos	21,5% [20, 24] anos 19,5% [25, 29] anos	0,477
Região	55,6% Cacheu 44,4% Oio	52,6% Cacheu 47,4% Oio	0,572
Etnia	45,3% Mandinga 19,7% Balanta 19,7% Manjaca	33,3% Mandinga 26,9% Balanta 20,7% Manjaca	-
Religião	63,2% muçulmana 17,9% cristã	52,8% muçulmana 22,2% cristã	0,213
Escolaridade	57,3% com escolaridade	66,2% com escolaridade	0,077
Último ciclo escolar frequentado	42,7% nenhum 18,8% 3º ciclo 11,1% 1º ciclo	34,7% nenhum 18,7% 3º ciclo 12,2% 2º ciclo	0,396
Estado marital	65,0% casamento étnico 26,5% solteira (mas está/esteve numa relação)	66,4% casamento étnico 25,9% solteira (mas está/esteve numa relação)	0,917**

*Teste de independência do qui-quadrado; **Teste exacto do qui-quadrado.

O reporte de VCM, por parceiro e/ou não parceiro nas diferentes faixas etárias, foi superior a 60% em cada uma delas, e apesar de ser mais elevado nas faixas etárias entre os 20 e os 44 anos, essa diferença não foi estatisticamente significativa ($p=0,182$) (Gráfico 44). Foram reportados maiores níveis de VCM por parceiro e/ou não parceiro em Tombali (74,4%) e em Quínara (67,2%) ($p=0,042$) no Relatório da Situação da Mulher publicado em 2021. As mulheres inquiridas muçulmanas são as que reportaram maiores valores de VCM por parceiro e/ou não parceiro, 52,8%, seguidas por aquelas que referiram não professar a religião cristã, 22,2%; sendo as animistas as que menos reportaram (1%) ($p=0,213$). Em todas estas características, as diferenças indicadas não foram estatisticamente significativas. As mulheres das etnias Mandinga e Balanta foram as que mais reportaram sofrer de VCM por parceiro e/ou não parceiro, 33,3% e 26,9%, respetivamente. Tanto as mulheres que frequentaram a escola como as que não frequentaram na sua maioria reportaram sofrer ou ter sofrido de alguma tipologia de violência por parceiro ou não (66,2% de cada grupo). As mulheres num casamento étnico foram as que reportaram mais VCM (66,4%) e as que são divorciadas e num casamento civil, não se verificando diferenças significativas ($p=0,917$).

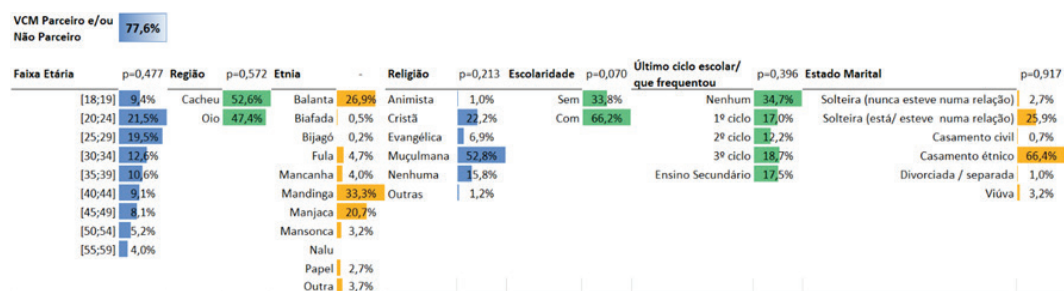


Gráfico 44 – Percentagem de mulheres inquiridas que sofreram de VCM por parceiro (n=405) dentro das seguintes características sóciodemográficas: faixa etária, região, etnia, religião, escolaridade, último ciclo escolar que frequentou e estado civil.

3.5. EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES DE VCM

Percepções sobre a MGF

De modo a aferir/averiguar o conhecimento e a opinião das mulheres inquiridas quanto à prática da mutilação genital feminina, foi colocado um conjunto de questões apresentadas e posteriormente analisadas (Tabela 26). A maioria das 522 mulheres inquiridas refere que já ouviu falar de mutilação – 95,6%. Cerca de dois terços acredita que esta prática é exigida pela religião (73,4%). Cerca de 9 em 10 mulheres considera que esta prática não deve continuar (87%). Aproximadamente 87,5% não considera que as meninas possam ter algum benefício se forem mutiladas.

Tabela 26 - Número e percentagem de mulheres inquiridas no que concerne as suas percepções relativamente à prática de “circuncisão feminina”³⁰(n=522).

	Não		Sim		Não resposta/ omissão	
	n	%	n	%	n	%
Em alguns países, existe uma prática em que um a rapariga pode ter parte dos seus órgãos genitais externos cortados.						
54.1. Já ouviu falar de circuncisão feminina / excisão (fanado de mulher)?	23	4,4%	499	95,6%	0	0,0%
54.2. Acredita que esta prática é exigida pela religião?	122	23,4%	383	73,4%	17	3,3%
54.3. Considera que esta prática deve continuar?	454	87,0%	51	9,8%	17	3,3%
54.4. As meninas poderão ter algum benefício se forem circuncisadas?	457	87,5%	48	9,2%	17	3,3%

Das 48 que consideram que as meninas poderão ter algum benefício se forem submetidas à MGF, 20 (41,7%) referem o benefício de obterem dinheiro e/ou bens materiais (Tabela 27).

Tabela 27 - Número e percentagem de mulheres inquiridas que considera que as meninas poderão ter algum benefício se forem circuncisadas e indicação da razão (n=48).

	Benefícios que meninas poderão receber por serem circuncisadas (n=48)	
	n	%
Respeito	1	2,1%
Religião	2	4,2%
Dinheiro e/ou Bens matérias (roupas, presentes, galinhas)	20	41,7%
Bons conselhos	1	2,1%
Tradição/Lei	4	8,3%
Limpeza tradicional (corporal, islâmica)	1	2,1%
Facilidade no parto	4	8,3%
Ter filhos	1	2,1%
Outros	6	12,5%
Bom casamento/Bom marido	3	6,3%
NR	5	10,4%

³⁰ Este termo foi o usado no questionário já anteriormente aplicado no Estudo 1 e por esse motivo não alterámos. Porém, reconhecemos que, ao assemelhar-se à circuncisão masculina que é inócua, retira a gravidade da situação, não sendo o termo mais adequado até do ponto de vista dos direitos humanos.

MGF da inquirida

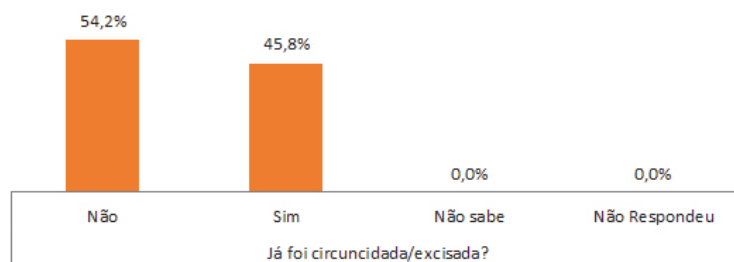


Gráfico 45 - Percentagem de mulheres inquiridas alvo de circuncisão/excisão genital (n=522).

Quanto à mutilação genital feminina, o inquérito continha uma questão, perguntando diretamente às mulheres se tinham sido alvo dessa prática. No total das 522 mulheres inquiridas, 239 (45,8%) indicaram que sim (Gráfico 45). Das mulheres inquiridas que já foram mutiladas: na sua esmagadora maioria são muçulmanas, 98,3% ($p = <0,001$); quanto à distribuição geográfica, a maioria das mulheres são de Oio, 61,5% ($p < 0,001$), da etnia Mandinga, 67,4% ($p < 0,001$), não frequentaram a escola (53,6%), tendo frequentado o 1º ciclo (14%) e na sua maioria estão num casamento étnico 79,1% ($p < 0,001$) (Tabela 28). Todas estas características definem um perfil da mulher que passa pela experiência da mutilação genital, nas regiões alvo de estudo, por serem estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Tabela 28 - Distribuição percentual seguintes caraterísticas sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado civil (n=522) no grupo de mulheres que não foram excisadas e as que foram.

	NÃO FOI EXCISADA n=283 (54,2%)	FOI EXCISADA n=239 (45,8%)	p*
Idade	23,3% [20, 24] anos 21,2% [25, 29] anos 11,7% [30, 35] anos	21,3% [20, 24] anos 18,4% [25, 29] anos 14,2% [30, 35] anos	0,885
Região	65,7% Cacheu 34,3% Oio	61,5% Oio 38,5% Cacheu	<0,001
Etnia	44,2% Balanta 28,3% Manjaca 9,5% Mandinga	67,4% Mandinga 11,3% Manjaca 7,5% Fula	<0,001
Religião	38,2% cristã 27,6% nenhuma	98,3% muçulmana 1,3% cristã	<0,001**
Escolaridade	79,2% com escolaridade	53,6% sem escolaridade	<0,001
Último ciclo escolar frequentado	23,9% ensino secundário 23,2% 3º ciclo 21,4% nenhum	54,2% nenhum 14,0% 1º ciclo 8,5% ensino secundário	<0,001
Estado marital	55,1% casamento étnico 34,6% solteira (mas está/esteve numa relação)	79,1% casamento étnico 15,9% solteira (mas está/esteve numa relação)	<0,001**

*Teste de independência do qui-quadrado; **Teste exacto do qui-quadrado.

Face aos dados apresentados (Gráfico 46), também é de realçar que, no universo das mulheres inquiridas, entre os 18 e os 59 anos, não se verifica a diminuição da incidência na prática, ou seja, a ocorrência é semelhante entre as diferentes gerações apresentadas. Note-se que a prática da mutilação genital feminina é uma prática nefasta decretada como ilegal desde 2011 na Guiné-Bissau (Lei 14/2011). De referir, ainda, que a idade mínima reportada foi de 3 anos numa mulher inquirida que tem neste momento 18 anos, pelo que as mulheres mais jovens inquiridas, teriam cerca de 4 anos naquele ano de 2011, do que se pode depreender que, ou sofreram a prática antes dessa idade, ou clandestina e ilegalmente.

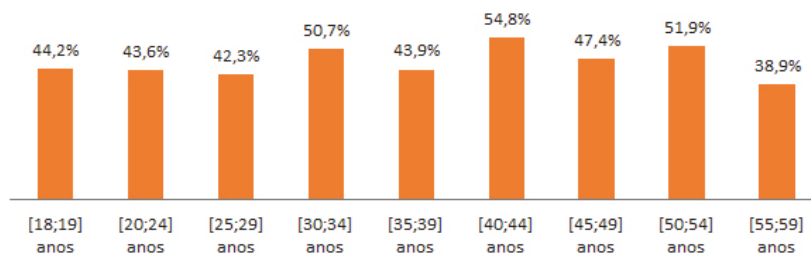


Gráfico 46 - Percentagem de mulheres inquiridas alvo de circuncisão/excisão genital, por faixa etária

Das 239 mulheres que referiram terem sido alvo de MGF, em 55,2% dos casos alguma parte do órgão genital foi removido, em 37,2% dos casos a área genital foi cortada sem remoção de alguma parte e 8,8% reportou que a sua área genital foi cosida (Tabela 29). Relativamente à idade em que ocorreu a mutilação, a maioria não se lembra/não sabe, 65,2%, e, das que responderam, a idade variou entre 3 e 17 anos.

Tabela 29 - Número e percentagem de mulheres inquiridas no que concerne questões sobre a circuncisão feminina (n=239).

	Não		Sim		Não resposta/ omissão	
	n	%	n	%	n	%
55.1. Alguma parte do órgão genital foi removida?	105	43,9%	132	55,2%	2	0,8%
55.2. A área genital foi cortada sem remoção de nenhuma parte?	149	62,3%	89	37,2%	1	0,4%
55.3. A sua área genital foi cosida?	217	90,8%	21	8,8%	1	0,4%

Na sua maioria, quem realizou a mutilação foi a Fanateca (excisora tradicional) em 69,9% das mulheres que foram mutiladas (Tabela 30). De salientar que nenhuma mulher referiu que a mutilação foi realizada por um profissional de saúde.

Tabela 30 - Número e percentagem de mulheres inquiridas que indicou quem realizou a mutilação (n=239).

	Quem realizou a mutilação (n=239)	
	n	%
1. Profissional de saúde	0	0,0%
2. Fanateca (excisora tradicional)	167	69,9%
3. Parteira tradicional	1	0,4%
Mãe	1	0,4%
5. Não sabe	18	7,5%
6. Não se lembra	52	21,8%

MGF das filhas

Das 522 mulheres inquiridas, 355 (68%) afirmaram ter filhas, em média cerca de 1,5 filhas ($\pm 1,5$), variando entre nenhuma e um máximo de 9 filhas. 166 mulheres (31,8%) indicaram não ter nenhuma menina, 138 (26,4%) têm uma filha, 92 (17,6%) referiram ter duas filhas, 57 (10,9%) mulheres referiram ter três filhas e 68 (13%) tiveram quatro ou mais filhas (Tabela 31). Das 355 mulheres que indicaram ter filhas, 84 (23,6%) referiram que elas foram submetidas à mutilação. E em todos os casos, foi a Fanateca que realizou a mutilação (100%).

Tabela 31 - Número e percentagem de mulheres inquiridas que indicou se tem filhas e se estas foram ou não mutiladas (n=522).

	n	%
Você tem quantas filhas?		
0	166	31,8%
1	138	26,4%
2	92	17,6%
3	57	10,9%
≥4	68	13,0%
57. Alguma das suas filhas foi circuncisada?		
Não	249	69,9%
Sim	84	23,6%
Se sim, quem realizou a circuncisão		
Fanateca	84	100,0%
NR	23	6,4%

Das 84 mães que referiram que as suas filhas foram mutiladas, 58 (67,4%) referiu que alguma parte do órgão genital lhes foi removida, 18 (20,9%) que a área genital foi cortada sem nenhum tipo de remoção e 5 (5,8%) que a sua área genital foi cosida (Tabela 32). 25 mulheres (29,1%) referiram que têm pelo menos uma filha que não foi mutilada.

Tabela 32 - Número e percentagem de mulheres inquiridas no que concerne questões sobre a mutilação feminina das filhas que foram mutiladas (n=84).

	Não		Sim		Não resposta/ omissão	
	n	%	n	%	n	%
57.2. Alguma parte do órgão genital foi removida?	28	32,6%	58	67,4%	0	0,0%
57.3. A área genital foi cortada sem remoção de alguma parte?	68	79,1%	18	20,9%	0	0,0%
57.4. A área genital foi cosida?	81	94,2%	5	5,8%	0	0,0%
57.6. Tem alguma filha que não seja circuncisada?	61	70,9%	25	29,1%	0	0,0%

ATITUDE EM RELAÇÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

No que se refere à atitude face à violência doméstica, das 522 mulheres inquiridas, 42,9% (224 mulheres) referiram concordarem que o marido tem razão em bater ou espancar em pelo menos uma das seguintes circunstâncias³¹:

- (1) Se ela sai sem o dizer (24,7% concordam com esta atitude negativa face à violência);
- (2) Se ela não toma conta das crianças (24,9% concordam com esta atitude negativa);
- (3) Se ela discute com ele (30,3%);
- (4) Se ela recusar a ter relações sexuais com ele (23,0%) e
- (5) Se ela queima a comida (2,9%) (Gráfico 47).

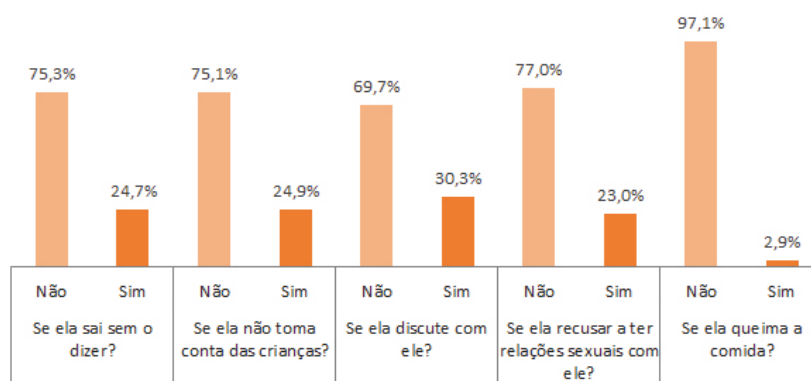


Gráfico 47 - Percentagem de mulheres inquiridas por respostas às perguntas relacionadas com a atitude face a violência doméstica (n=522).

Relativamente às 522 mulheres que concordam e que não concordam com a violência doméstica nas situações acima descritas, a percentagem é muito semelhante, cerca de 50% para cada uma das opiniões. As mulheres que concordam com pelo menos uma das práticas de violência doméstica mencionadas, à semelhança das que não concordam, encontram-se, sobretudo, entre os 20 e os 24 anos (24,2% vs. 20,1%), sendo maioritariamente de Oio (50,4% vs 44,0%). Com diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) podemos referir que, as mulheres que concordam são, na sua grande parte de Mandinga (47,3%), têm escolaridade (51,8%) mais baixa do que as que não concordam (73,5%), tendo frequentado um nível de ensino mais baixo (15,8% 3º ciclo vs 24,1% ensino secundário) e encontram-se, na sua maioria, num casamento étnico quando comparado com as que não concordam (78,1% vs 57,0%) (Tabela 33).

³¹ MICS 6 2018-19 – Inquérito de Indicadores Múltiplos na Guiné-Bissau

Tabela 33 - Distribuição percentual seguintes características sócio-demográficas: região, etnia, religião, frequência escolar e estado marital (n=522) no grupo de mulheres que não concordam que o marido deva bater ou espancar em nenhuma das circunstâncias acima enumeradas e no grupo das mulheres que concordam.

	NÃO CONCORDAM n=298 (57,1%)	CONCORDAM n=224 (42,9%)	p*
Idade	24,2% [20, 24] anos 20,1% [25, 29] anos 11,7% [30, 34] anos	20,1% [20, 24] anos 19,6% [25, 29] anos 14,3% [30, 34] anos	0,821
Região	56,0% Cacheu 44,0% Oio	50,4% Oio 23,0% Cacheu	0,142
Etnia	28,5% Balanta 27,5% Mandinga 20,8% Manjaca	47,3% Mandinga 21,0% Balanta 20,1% Manjaca	<0,001
Religião	46,3% muçulmana 26,2% cristã	67,0% muçulmana 14,7% cristã	<0,001**
Escolaridade	73,5% com escolaridade	51,8% com escolaridade	<0,001
Último ciclo escolar frequentado	24,1% ensino secundário 21,0% 3º ciclo	15,8% 3º ciclo 2,0% 2º ciclo	<0,001
Estado marital	57,0% casamento étnico 32,9% solteira (mas está/esteve numa relação)	78,1% casamento étnico 17,0% solteira (mas está/esteve numa relação)	<0,001**

*Teste de independência do qui-quadrado; **Teste exato do qui-quadrado.

Após análise da percepção e atitude face à violência, considerou-se pertinente compreender, das mulheres que concordam e que não concordam “que o marido lhes bata ou espanque”, mediante as situações acima enumeradas, que percentagem sofreu de qualquer um dos tipos de violência.

Assim podemos verificar que, as mulheres que concordam com a violência doméstica, comparadas com as que não concordam, apresentam percentagens superiores de VCM (83,9% vs 72,8%; p=0,003).

Ao nível da VCM por parceiro, é estatisticamente significativo nos casos de violência psicológica, (64,4% vs 50,7%; p=0,002) e violência física (41,1% vs 29,5%; p=0,007). No que se refere à VCM por não parceiro, não se verificaram diferenças significativas nem na violência física (44,2% vs 38,3%; p=0,171), nem na violência sexual (4% vs 3,7%; p=0,847) (Tabela 34). Daqui podemos depreender que existe uma relação direta entre o facto das mulheres concordarem com a violência e serem vítimas dela no que concerne a violência praticada por parceiro.

Tabela 34 - Distribuição percentual dos diferentes tipos de VCM por parceiro e/ou não parceiro (n=522) no grupo de mulheres que não concordam que o marido deva bater ou espancar em alguma das circunstâncias acima enumeradas e no grupo das mulheres que concordam.

	NÃO CONCORDAM n=298 (57,1%)	CONCORDAM n=224 (42,9%)	p*
VCM Parceiro- Económica	29,2%	32,9%	0,370
VCM Parceiro- Psicológica	50,7%	64,4%	0,002
VCM Parceiro- Física	29,5%	41,1%	0,007
VCM Parceiro- Sexual	6,6%	11,4%	0,056
VCM Parceiro	63,5%	75,3%	0,005
VCM Não Parceiro- Física	38,3%	44,2%	0,172
VCM Não Parceiro- Sexual	3,7%	4,0%	0,847
VCM Não Parceiro	39,9%	46,0%	0,166
VCM	72,8%	83,9%	0,003

*Teste de independência do qui-quadrado

DENÚNCIA ÀS AUTORIDADES

Das 522 mulheres inquiridas, 405 reportaram ter sofrido de VCM Parceiro e/ou Não parceiro. Destas, 377 (93,1%) não reportou o incidente nem à polícia e nem às autoridades locais e 18 não responderam (4,4%). Apenas 10 (2,5%) mulheres inquiridas reportou algum dos incidentes à polícia e autoridades locais. No gráfico que se segue encontra-se a distribuição em número da atitude das autoridades face à denúncia. E podemos verificar que em 4 casos a autoridade deu um aviso ao homem, em 3 casos prendeu o homem, e em apenas 1 caso prestou proteção à inquirida, um outro sugeriu serviços à inquirida e em outro caso realizou um relatório (Gráfico 48).

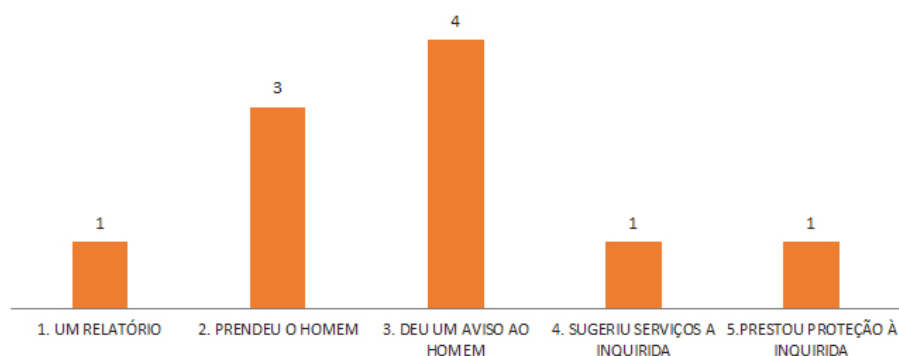


Gráfico 48 - Número de mulheres inquiridas que denunciaram às autoridades algum dos incidentes de violência reportados e respetivas atitudes das autoridades face à denúncia (n=10).

Das 377 mulheres que não reportaram nenhum dos incidentes à polícia ou autoridades locais, apresenta-se, no gráfico 49, as razões pelas quais não fizeram esse reporte. Na sua maioria, por acharem demasiado insignificante/não suficientemente grave ou porque não lhes ocorreu (121 mulheres) ou por resolveram elas mesmas ou envolverem um amigo assunto de família (117 mulheres).



Gráfico 49 - Número de mulheres inquiridas que não denunciaram às autoridades algum dos incidentes de violência reportados e as respetivas razões (n=377).

Das 10 mulheres que responderam afirmativamente à apresentação e denúncia, em 30% dos casos foram apresentadas acusações contra o agressor, em 40% dos casos estas acusações levaram a uma condenação em tribunal e em 70% dos casos, as mulheres consideraram que a polícia poderia ter feito mais alguma coisa para ajudá-las (Tabela 35).

Tabela 35 - Número e percentagem de mulheres inquiridas no que concerne questões sobre a apresentação de denúncia/acusação (n=10).

	Não		Sim		Não resposta/ omissão	
	n	%	n	%	n	%
63.c. Alguma vez foram apresentadas acusações contra ele (eles) como resultado de algum dos incidentes?	5	50,0%	3	30,0%	2	20,0%
63.2. Estas acusações levaram a uma condenação em tribunal?	4	40,0%	4	40,0%	2	20,0%
63.4. Há mais alguma coisa que a polícia devesse ter feito para ajudá-la?	3	30,0%	7	70,0%	-	-

As mesmas mulheres foram questionadas também sobre o que consideram que poderia ter sido feito pelas autoridades para as ajudarem de forma mais eficaz:

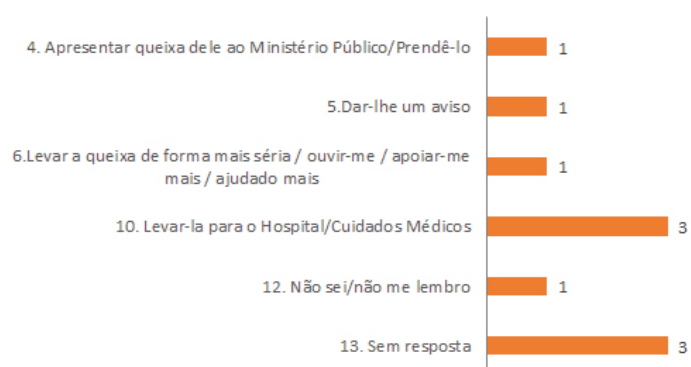


Gráfico 50 - Número de mulheres inquiridas que acham que a polícia devia ter feito mais alguma coisa para ajudá-la (n=10).

Quanto ao nível de satisfação com a forma como a polícia lidou com o caso, destas 10 mulheres, 2 (20%) mostraram-se insatisfeitas/muito insatisfeitas, 4 (40%) satisfeitas, 2 (20%) muito satisfeitas e 2 (20%) não responderam.

CONHECIMENTO DE SERVIÇOS DE APOIO À VÍTIMA

No que se refere ao conhecimento de serviços de apoio a vítimas de VCM, apenas 26 (5,0%) mulheres referiram ter conhecimento de alguma agência ou serviço que preste apoio a mulheres com experiência de situações de violência (Gráfico 51). Das que conhecem, a agência/serviço mais indicado foi a Liga Guineense de Direitos Humanos, 69,2%, seguida pelo Centro de Acesso à Justiça – CAJ – em 50,0% dos casos e 23,1% referiu ter conhecimento da AMIC – Associação dos Amigos da Criança. Das 4 mulheres que referiram outras, na sua maioria, 50,0% (2 mulheres) referiu a Cruz Vermelha, 1 referiu a polícia e uma outra o conselho das mulheres.

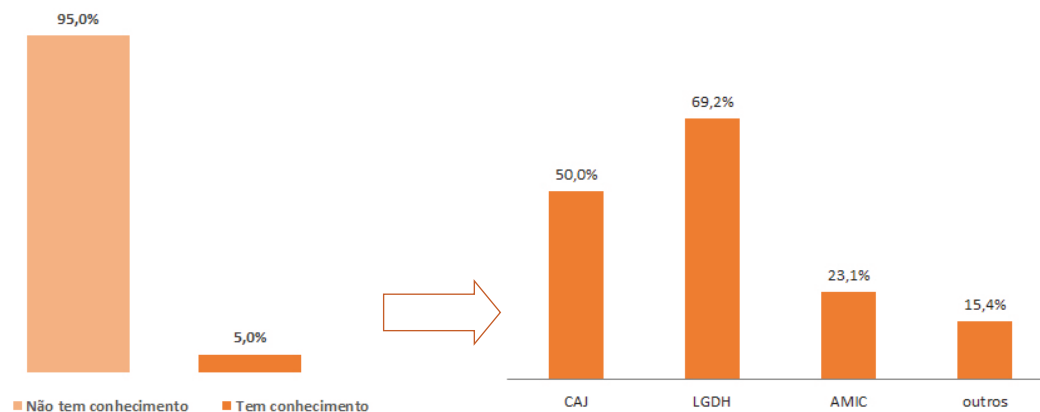


Gráfico 51 - Percentagem de mulheres inquiridas que referem ter ou não conhecimento de alguma agência ou serviço que preste apoio a mulheres com experiência de situações de violência (n=522) e se sim quais agências ou serviços (n=26).

3.6. CONCLUSÃO DA ENTREVISTA

No final da entrevista, as inquiridas foram questionadas sobre como se sentiam. Na sua maioria, após a entrevista, as mulheres inquiridas sentiram-se bem/melhor após falarem destes temas sobre VCM, 91,0% (Gráfico 52), 1,8% referiu que se sentiu na mesma ou nenhuma diferença e 0,5% referiu sentir-se mal/pior.

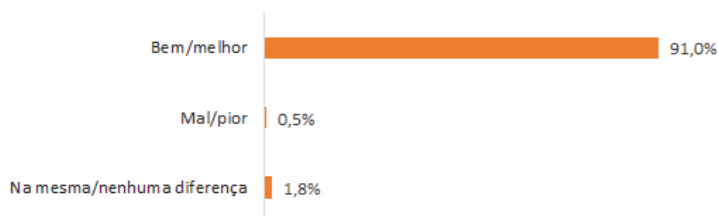


Gráfico 52 - Percentagem de mulheres inquiridas que referem como se sentiram após entrevista e após falar destas coisas (n=522).

Como mencionado na metodologia, as inquiridoras detiveram consigo um questionário com um conjunto de perguntas fictícias para aplicarem caso fossem interrompidas por alguém, de forma a assegurar a confidencialidade das informações prestadas e a segurança da inquirida. Das 522 inquiridas, houve a necessidade de recorrer a esse conjunto de perguntas em 0,2% dos casos (1 inquirida).

Para além disso, em 521 inquéritos foi registado e considerado válido/legível o registo de tempo da entrevista (hora de início e hora de fim). Em média, o tempo necessário para responder ao inquérito foi de aproximadamente 32 minutos, tendo variado aproximadamente entre os 5 minutos e as 2 horas.

Foi ainda solicitada autorização à inquirida para ser contactada pela supervisora da inquiridora, de forma a avaliar o processo de aplicação do inquérito. Das 522 inquiridas, 20 (3,8%) não autorizaram e 502 (96,2%) autorizaram serem contactadas para serem alvo de um breve questionário de supervisão à aplicação do inquérito.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

4.1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Processo de Inquirição e Perfil das Inquiridas

O inquérito abrangeu 522 mulheres, com cobertura nas regiões de Oio e Cacheu. A metodologia utilizada assegurou confidencialidade e segurança, com apenas um caso (0,2%) exigindo a aplicação de perguntas fictícias para proteger a inquirida.

A maioria das entrevistas decorreu sem incidentes e 91% das mulheres relataram sentir-se bem ou melhor após a entrevista, refletindo o potencial terapêutico da escuta qualificada.

A taxa de aceitação para supervisão externa (96,2%) demonstra a confiança estabelecida pelas entrevistadoras e a solidez metodológica do processo.

A duração média de 32 minutos por inquérito revela um equilíbrio entre profundidade das informações e respeitabilidade do tempo e espaço das entrevistadas.

Principais desafios enfrentados pelas mulheres Inquiridas

Violência com Base no Género

77,6% das mulheres reportaram ter sido vítimas de, pelo menos, um tipo de violência com base no género (VCM), sendo os principais perpetradores os próprios parceiros íntimos.

A violência psicológica e física praticada por parceiros destacou-se, com percentagens alarmantes, sendo significativamente mais reportada entre mulheres que concordam com práticas de violência doméstica (64,4%).

A aceitação social da violência ainda é elevada: 42,9% das mulheres consideram justificável que o marido agrida a mulher em determinadas situações.

Mutilação Genital Feminina (MGF)

45,8% das inquiridas foram submetidas à MGF, com prevalência ainda mais elevada entre mulheres muçulmanas (98,3%), da etnia Mandinga (67,4%) e com baixa escolaridade.

A prática continua a ocorrer entre gerações mais jovens, mesmo após a promulgação da Lei 14/2011 (legislação que trata da proibição e combate à Mutilação Genital Feminina), o que evidencia uma aplicação ineficaz da legislação e tolerância cultural contínua.

23,6% das mulheres com filhas relataram que estas foram igualmente excisadas, sempre por Fanteas, demonstrando a perpetuação da prática por via tradicional e clandestina.

Baixo nível de denúncia e conhecimento de apoios

Apenas 2,5% das vítimas de VCM reportaram o incidente às autoridades, refletindo a baixa confiança nos mecanismos formais de proteção. Entre as que denunciaram, 70% consideraram que a polícia poderia ter feito mais.

Apenas 5% das mulheres conhecem serviços de apoio à vítima, demonstrando um hiato profundo entre as necessidades das mulheres e os serviços disponíveis ou acessíveis.

4.2. RECOMENDAÇÕES

Fortalecimento do enquadramento jurídico e aplicação da Lei

Reforçar a aplicação efetiva da Lei 14/2011, com especial atenção às regiões onde a prática da MGF ainda é prevalente.

Disseminar a lei 6/2014 que tornou a VD um crime público e capacitar técnicos da saúde, justiça, educação sobre a mesma.

Criar e fortalecer mecanismos que nos serviços multisetoriais assegurem a aplicação da lei 6/2014.

Criar e aplicar penalizações consistentes e dissuasoras para perpetradores de violência baseada no género, em especial violência doméstica e sexual.

Estabelecer canais seguros, confidenciais e acessíveis para denúncia de violência, com formação contínua das autoridades para acolhimento humanizado.

Políticas públicas de prevenção e sensibilização

Desenvolver campanhas comunitárias sustentadas e culturalmente sensíveis de consciencialização sobre os danos da MGF e da violência doméstica, com envolvimento de líderes comunitários, religiosos e tradicionais.

Integrar a temática da igualdade de género, direitos humanos e saúde reprodutiva no currículo escolar, promovendo uma mudança geracional de mentalidades.

Ampliar os serviços de apoio psicológico e jurídico gratuitos às vítimas, garantindo presença em zonas rurais e vulneráveis.

Empoderamento das mulheres e raparigas

Apostar em programas de literacia e capacitação económica feminina, como forma de reduzir a dependência financeira e ampliar o poder de decisão das mulheres sobre as suas vidas.

Incentivar a denúncia com proteção efetiva para vítimas e testemunhas, através de serviços de apoio psicossocial, abrigo temporário e apoio jurídico.

Monitorização e investigação contínua

Apoiar estudos regulares de monitorização sobre a prevalência da VCM e MGF, com recolha sistemática de dados desagregados por idade, região, etnia, religião e escolaridade.

Investir em formação contínua de inquiridoras e equipas técnicas, promovendo a escuta ativa, a segurança da vítima e a qualidade dos dados recolhidos.

4.3. REFLEXÕES E CAMINHOS FUTUROS

A elevada prevalência da VBG e a persistência da MGF, mesmo após a criminalização, indicam que a lei por si só não é suficiente. É essencial atuar sobre os determinantes culturais, sociais e económicos que perpetuam essas práticas.

O ciclo de violência está intimamente ligado à aceitação social da violência, ao silêncio institucional e à ausência de alternativas reais para as mulheres.

É necessário construir uma resposta multisectorial e comunitária, que una o setor da saúde, justiça, educação e proteção social com as organizações da sociedade civil.

O empoderamento das mulheres começa pela escuta e pelo reconhecimento da sua experiência como legítima e transformadora. Este relatório é uma etapa crucial nesse caminho, dando visibilidade, voz e legitimidade às mulheres guineenses.

A análise da situação da mulher na Guiné-Bissau evidencia uma realidade marcada por desigualdades sociais, culturais e económicas. Apesar de avanços pontuais, muitas mulheres ainda enfrentam desafios significativos no acesso à educação, à saúde, à participação política e aos seus direitos fundamentais.

Fatores como o patriarcado enraizado, a persistência de práticas tradicionais nefastas, como o casamento precoce / forçado e a mutilação genital feminina, bem como a limitada presença feminina em cargos de decisão, contribuem para a manutenção de um cenário de vulnerabilidade e exclusão.

É fundamental reconhecer o papel das organizações da sociedade civil, movimentos feministas e organismos internacionais que têm promovido iniciativas importantes para o empoderamento das mulheres guineenses. No entanto, é necessário um comprometimento mais efetivo do Estado, por meio de políticas públicas inclusivas, investimentos em educação e saúde, e a promoção da igualdade de género como um princípio transversal em todas as áreas.

Espera-se que este relatório contribua para a ampliação do debate sobre os direitos das mulheres na Guiné-Bissau e reforce a urgência de ações concretas e sustentadas que promovam uma sociedade mais justa, equitativa e igualitária para todas e todos.

5.

ANEXOS

ANEXO I - INQUÉRITO PORTUGUÊS

Mindjoria Pa Mindjer ,e
Mindjor Pa Tudo Djintis

Projeto financiado por: :

Implementado por:



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

DATA DO INQUÉRITO ____ / ____ / ____

Hora de Início da Entrevista: ____ (h): ____ (min)

IDENTIFICAÇÃO DA INQUIRIDORA

Olá, O meu nome é **(DIZER O SEU NOME)**, Inquiridora em colaboração com a FEC. Estamos a efetuar um estudo nas regiões de Oio e Cacheu que pretende recolher informações atualizadas sobre as experiências de vida e segurança das mulheres da Guiné Bissau.

0. CONSENTIMENTO – (OBRIGATÓRIO LER À INQUIRIDA) (PÁG.1)

Gostaria de lhe fazer perguntas sobre aspetos importantes da vida de uma mulher. Alguns dos tópicos podem ser difíceis de discutir, mas muitas mulheres têm considerado útil ter a oportunidade de falar. Não tem de responder a perguntas que não queira. Quero assegurar-lhe que todas as suas respostas serão mantidas estritamente privadas, anónimas e não serão ditas a ninguém sendo apenas utilizados os dados no âmbito do estudo.

Tem alguma pergunta?

1.Não

☐

2.Sim

☐

Concorda em ser entrevistada?

1.Não

☐

2.Sim

☐

SE A RESPOSTA FOR **NÃO** REGISTRAR A RAZÃO,
AGRADECER E IR EMBORA

APENAS CONTINUAR COM A ENTREVISTA SE A RESPOSTA FOR SIM CONCORDO

É muito importante que falemos em privado. É uma boa hora e lugar para fazer a entrevista, ou há outro lugar onde gostaria de ir?
(VERIFICAR A PRESENÇA DE OUTROS. NÃO CONTINUAR ATÉ QUE TENHA PRIVACIDADE)



PROJETO "MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)"

Inquérito nº ____

I. CARATERÍSTICAS PESSOAIS DA INQUIRIDA (PÁG.2)

1.	Idade (em anos)		2.	Ano de Nascimento:		Não Sei	☐
3.	Local de Residência:	3.1. Tabanca		3.2. Região		3.3. Sector	
4.	Etnia (INDICAR APENAS UMA)	4.1.FULA 4.2.BALANTA 4.3.BIAFADA 4.4.MANDINGA 4.5.NALU 4.6.MANJACO	☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐	4.7.PAPEL 4.8.BIJAGÓ 4.9.MANCANHA 4.10.OUTRA 4.11.SE OUTRA INDIQUE, QUAL	☐ ☐ ☐ ☐ 		
5.	Religião (INDICAR APENAS UMA)	5.1.NENHUMA 5.2.MUÇULMANA 5.3.CRISTÃ 5.4.EVANGÉLICA 5.5.ANIMISTA 5.6.OUTRA	☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐	5.6.1. SE OUTRA INDIQUE QUAL,			
6.	Registo de Nascimento	1.Não	☐	2.Sim	☐		
7.	Tem alguma deficiência?	1.Não	☐	2.Sim	☐		
				7.1. SE SIM, INDIQUE QUAL A CAUSA			

EDUCAÇÃO

8.	Alguma vez frequentou a escola	1.Não	☐	2.Sim	☐	SE SIM, INDIQUE:
		8.1. Idade com que entrou na escola _____ anos				
		8.2. Que idade tinha quando deixou a escola? _____ anos				
		8.3. Qual foi último ano escolar/classe que frequentou? _____				
9.	Qual a língua que mais fala no seu dia-a-dia?					
10.	Compreende português?	1.Não	☐	2.Sim	☐	
11.	Sabe ler português?	1.Não	☐	2.Sim	☐	
12.	Compreende crioulo?	1.Não	☐	2.Sim	☐	
13.	Sabe ler crioulo?	1.Não	☐	2.Sim	☐	



PROJETO "MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)"

Inquérito nº ____

ATIVIDADE ECONÓMICA

14. Trabalha por conta própria (sozinha ou em sociedade)?

1. Não ☐ 2. Sim ☐

14.1. Recebe rendimentos?

1. Não ☐ 2. Sim ☐

14.2. Dinheiro

1. Não ☐ 2. Sim ☐

14.3. Bens Géneros

1. Não ☐ 2. Sim ☐

15. Trabalha para outros?

1. Não ☐ 2. Sim ☐

15.1. Recebe rendimentos?

1. Não ☐ 2. Sim ☐

15.2. Dinheiro

1. Não ☐ 2. Sim ☐

15.3. Bens Géneros

1. Não ☐ 2. Sim ☐

16. Tem outras fontes de rendimento?

1. Não ☐ 2. Sim ☐

16.1 SE SIM, INDIQUE QUAIS

17. Gere os seus próprios rendimentos?

1. Não ☐ 2. Sim ☐

18. Tem conta bancária?

1. Não ☐ 2. Sim ☐

ESTADO MARITAL / RELAÇÃO (MARCAR APENAS UMA OPÇÃO)

19. Qual o seu estado marital hoje?

1. SOLTEIRA ☐

(NUNCA TEVE UMA RELAÇÃO)

2. SOLTEIRA ☐

(MAS ESTÁ OU JÁ ESTEVE PELO MENOS NUMA RELAÇÃO)

3. CASAMENTO CIVIL ☐

4. CASAMENTO ÉTNICO ☐

4.1. CASAMENTO POLIGÂMICO ☐

Se marcou X:

4.1.1. COMBOSSA ☐

4.1.2. HERDADA ☐

4.1.3. OUTRA ☐

SE OUTRA, QUAL

5. DIVORCIADA / SEPARADA ☐

6. VIÚVA ☐

7. OUTRO ☐

SE OUTRO, QUAL

20. Agregado familiar composto por (indicar o número)

____ Adultos

____ mulheres

____ homens

____ Crianças

____ femininas

____ masculinas

____ TOTAL



PROJETO "MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)"

Inquérito nº ____

CASAMENTO PRECOCE e/ou FORÇADO

21. Que idade tinha quando casou a 1ª vez?	anos	Não sei ☐
22. Qual a idade do marido quando casaram?	anos	Não sei ☐
23. Quem decidiu o casamento?		
24. Tem filhas?	1.Não ☐	2.Sim ☐
24.1. SE SIM, algumas das suas filhas já casou?	1.Não ☐	2.Sim ☐
SE SIM INDIQUE:		
24.2. Com que idade?	anos	
24.3. Quem decidiu o casamento?		
25. Acha que as mulheres devem decidir...:		
25.1. ...se querem casar?	1.Não ☐	2.Sim ☐
25.2. SE SIM, a partir de que idade (em anos)?		
25.3. ...quando querem casar?	1.Não ☐	2.Sim ☐
25.4. ...com quem querem casar?	1.Não ☐	2.Sim ☐

FECUNDIDADE E SAÚDE REPRODUTIVA

26. Já teve relações sexuais?	1.Não ☐	2.Sim ☐
SE SIM INDIQUE:		
26.1. Que idade tinha na 1ª relação sexual que teve?	anos	
26.2. Qual era o seu relacionamento com a pessoa com quem teve a 1ª relação sexual?	1.MARIDO ☐ 2.NAMORADO ☐ 3.ENCONTRO CASUAL ☐ 4.OUTRO ☐ SE OUTRO, QUAL?	
27. Já alguma vez engravidou?	1.Não ☐	2.Sim ☐
SE SIM, INDIQUE:		
27.1. Que idade tinha a 1ª vez que engravidou?	anos	
27.2. Alguma vez deu à luz?	1.Não ☐	2.Sim ☐
27.3. Quantos nascidos vivos tiveram até hoje?		
27.4. Está grávida neste momento?	1.Não ☐	2.Sim ☐



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

28. Neste momento, utiliza algum método para evitar uma gravidez? 1.Não ☐ 2.Sim ☐

SE A RESPOSTA FOR **SIM**, INDIQUE QUAL OU QUAIS OS MÉTODOS UTILIZADOS,

SE **NÃO** AVANÇAR PARA A QUESTÃO 29.

NÃO SUGERIR A RESPOSTA. SE MAIS DE UM MÉTODO, ASSINALE TODOS QUE FOREM MENCIONADOS

- | | | |
|--|---|---|
| 28.1. ESTERILIZAÇÃO FEMININA ☐ | 28.2. PRESERVATIVO MASCULINO ☐ | 28.3. ABSTINÊNCIA PERIÓDICA /TABELAS ☐ |
| 28.4. ESTERILIZAÇÃO MASCULINA ☐ | 28.5. PRESERVATIVO FEMININO ☐ | |
| 28.6. DIU ☐ | 28.7. DIAFRAGMA ☐ | 28.8. COITO INTERROMPIDO ☐ |
| 28.9. INJEÇÕES ☐ | 28.10. ESPERMICIDAS ☐ | 28.11. ERVAS TRADICIONAIS ☐ |
| 28.12. PÍLULAS ☐ | 28.13. MÉTODO DE ALEITAMENTO MATERNAL E DE AMENORREIA (MAMA) ☐ | 28.14. OUTRO ☐ |
- SE OUTRO, ESPECIFICAR _____

29. Tem oportunidade de planejar e decidir quando quer engravidar? 1.Não ☐ 2.Sim ☐

ACESSO AOS MÍDIAS E UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

- | | | |
|--|--------------------------------|--------------------------------|
| 30. Costuma ouvir rádio? | 1.Não ☐ | 2.Sim ☐ |
| 31. Costuma ver televisão? | 1.Não ☐ | 2.Sim ☐ |
| 32. Costuma utilizar computador? | 1.Não ☐ | 2.Sim ☐ |
| 33. Costuma utilizar internet? | 1.Não ☐ | 2.Sim ☐ |
| 34. Tem telemóvel próprio? | 1.Não ☐ | 2.Sim ☐ |
| | | ↓ |
| 34.1. Em caso de necessidade consegue ter acesso a um telemóvel? | 1.Não ☐ | 2.Sim ☐ |



PROJETO "MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)"

Inquérito nº ____

II. VCM POR PARCEIRO (PÁG.4)

(SE NUNCA TEVE UM PARCEIRO PASSAR PARA 42)

LER À INQUIRIDA: Quando duas pessoas se casam ou vivem juntas, geralmente partilham momentos bons e menos bons. Gostaria agora de lhe fazer algumas perguntas sobre algumas situações que são verdadeiras para muitas mulheres. Estas questões são sobre como o seu atual (ou mais recente) marido/parceiro a trata (ou tratou). Se alguém nos interromper, mudarei o tema da conversa.

ECONÓMICA	FREQUÊNCIA			
	a. Aconteceu		b. Aconteceu nos Últimos 12 meses	
	1. Não	2. Sim	1. Não	2. Sim
35. Diria que geralmente é verdade que ele:				
35.1. A impediu de ter acesso aos recursos financeiros da família?	☐	☐	☐	☐
35.2. A impediu de ter acesso a propriedade (terreno, casa) ou bens duráveis (roupas, aparelhos eletrônicos, carro, moto)?	☐	☐	☐	☐
35.3. A impediu de trabalhar e/ou estudar?	☐	☐	☐	☐
35.4. A impediu de tomar decisões que se relacionam com dinheiro?	☐	☐	☐	☐
35.5. Não cumpriu com as suas responsabilidades económicas na família? (como contribuir para as despesas da casa, alimentação ou educação do agregado familiar)	☐	☐	☐	☐
35.6. A obrigou a trabalhar (contra a sua vontade) para trazer dinheiro para casa ou ficou com o dinheiro que você ganhou contra a sua vontade?	☐	☐	☐	☐
PSICOLÓGICA				
36. Diria que geralmente é verdade que ele				
(COMPORTAMENTO CONTROLADOR)				
36.1. A isolou, impedindo de ver ou falar com familiares ou amigos?	☐	☐	☐	☐
36.2. A vigiou, para saber onde vai e com quem convive?	☐	☐	☐	☐
36.3. A ignorou ou tratou com indiferença?	☐	☐	☐	☐
36.4. Se zangou por falar com outro homem?	☐	☐	☐	☐
36.5. A acusou injustamente de ser infiel?	☐	☐	☐	☐
36.6. Exigiu que lhe pedisse permissão para ter acesso a cuidados de saúde?	☐	☐	☐	☐
37. As próximas questões são sobre situações que aconteceram a muitas mulheres e que o seu atual/mais recente parceiro lhe poderá ter feito também.				
37.1. A insultou ou fez sentir mal sobre si própria?	☐	☐	☐	☐
37.2. A menosprezou (minimizou) ou humilhou na frente de outras pessoas?	☐	☐	☐	☐
37.3. A assustou ou intimidou?	☐	☐	☐	☐
37.4. Ameaçou bater ou retirar os seus filhos?	☐	☐	☐	☐



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

37.5. Ameaçou usar uma pistola, faca ou outra arma contra si?

☐
☐
☐
☐

FÍSICA	FREQUÊNCIA							
	a. Aconteceu		b. Aconteceu nos Últimos 12 meses		c. Se sim, indique a frequência		d. Aconteceu antes dos Últimos 12 meses	
	1.Não	2.Sim	1.Não	2.Sim	1.Algumas vezes (1-5x)	2.Várias Vezes (6+)	1.Sim	2.Não
38. Diria que o seu marido/parceiro:								
38.1. Já lhe bofeteou, empurrou, abanou ou puxou o cabelo?	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
38.2. Já lhe bateu com o punho ou com outra coisa que poderia magoar?	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
38.3. Já a pontapeou, arrastou ou mordeu?	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
38.4. Já a esganou ou queimou de propósito?	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
38.5. Já usou uma pistola, faca ou outra arma contra si?	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
39. SEXUAL	1.Não	2.Sim	1.Não	2.Sim	1.Algumas vezes (1-5x)	2.Várias Vezes (6+)	1.Sim	2.Não
39.1. Alguma vez o seu marido/parceiro a forçou a ter relações sexuais quando não queria?	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
39.2. Alguma vez teve relações sexuais com o seu marido/parceiro por medo do que ele poderia fazer?	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
39.3. Alguma vez o seu marido/parceiro a forçou a ter alguma relação sexual que para si era degradante ou humilhante?	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

CASO TENHA RESPONDIDO **SIM** EM ALGUMA QUESTÃO ENTRE O NÚMERO O 35 E 39 RESPONDA ÀS PERGUNTAS 40 E 41.

CASO TODAS AS RESPOSTAS TENHAM SIDO **NÃO** PASSAR À PERGUNTA 42.



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

SEVERIDADE	a. Aconteceu		b. Aconteceu nos Últimos 12 meses	
	1.Não	2.Sim	1.Não	2.Sim
40. Como resultado de um ou mais atos acima referidos qual foi a severidade dos ferimentos?				
40.1. Cortes superficiais, hematomas leves ou dores?	☐	☐	☐	☐
40.2. Entorse ou queimadura?	☐	☐	☐	☐
40.3. Dente ou osso partido ou ferimento interno?	☐	☐	☐	☐
40.4. Aborto espontâneo?	☐	☐	☐	☐
40.5. Precisava de cuidados médicos ou de ser hospitalizada mas não teve acesso a eles?	☐	☐	☐	☐
40.6. Teve acesso a tratamento médico?	☐	☐	☐	☐

DENÚNCIA ÀS AUTORIDADES/PROCURAR AJUDA

41. Contou a alguém sobre comportamento do seu parceiro?

(SE NECESSÁRIO RELEMBRAR A VIOLÊNCIA ACIMA RELATADA) NÃO LER A LISTA MAS AJUDAR TIPO ‘MAIS ALGUÉM?’ MARCAR TODOS OS QUE FOREM REFERIDOS

- 1. NINGUÉM ☐
- 2. FAMILIARES ☐
- 3. AMIGOS ☐
- 4. VIZINHOS ☐
- 5. POLÍCIA ☐
- 6. MÉDICO/PROF DE SAÚDE ☐
- 7. ENTIDADE RELIGIOSA ☐
- 8. CHEFE DE TABANCA ☐
- 9. ONG/ORGANIZAÇÃO DE MULHERES/ATIVISTAS DE DH ☐
- 10. OUTROS ☐

SE OUTRO(S), INDIQUE QUAL(IS)



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

III. VCM POR NÃO PARCEIROS (PÁG.7)

LER À INQUIRIDA: Quando duas pessoas se casam ou vivem juntas, geralmente partilham momentos bons e maus. Gostaria agora de lhe fazer algumas perguntas sobre como o seu atual (ou mais recente) marido/parceiro a trata (ou tratou). Se alguém nos interromper, mudarei o tema da conversa.

PARA AS MULHERES QUE JÁ FORAM PARCEIRAS NUMA RELAÇÃO:
Estas questões são sobre pessoas que **não** o seu marido/Parceiro (s)

FÍSICA	Frequência	
	a. Aconteceu	
	1.Não	2.Sim
42. Desde os 15 anos de idade, alguma vez alguém:		
42.1. Já lhe bofeteou, empurrou, abanou ou puxou o cabelo?	☐	☐
42.2. Já lhe atirou algo que poderia magoar?	☐	☐
42.3. Já lhe bateu com o punho ou com outra coisa que poderia magoar?	☐	☐
42.4. Já a pontapeou, arrastou ou mordeu?	☐	☐
42.5. Já a esganou ou queimou de propósito?	☐	☐
42.6. Já usou uma pistola, faca ou outra arma contra si?	☐	☐



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

SE RESPONDER PELO MENOS UM SIM NA PERGUNTA 42, RESPONDER À PERGUNTA 43,
SE RESPONDER NÃO A TODAS AS OPÇÕES AVANÇAR PARA A PERGUNTA 48

43. RELAÇÃO COM AGRESSOR	a. Aconteceu		PERGUNTAR APENAS PARA OS MARCADOS ANTERIORMENTE				
	1.Não	2.Sim	b. Quantas vezes isto aconteceu desde os 15 anos?		c. Quantas vezes isto aconteceu nos últimos 12 meses?		
			1.Algumas vezes (1-5x)	2.Várias vezes (6+)	0.Não (0x)	1.Algumas vezes (1-5x)	2.Várias vezes (6+)
1. PAI	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. PADRASTO	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. MÃE	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4. MADRASTA	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
5. OUTRO MEMBRO DA FAMÍLIA MASCULINO	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
6. OUTRO MEMBRO DA FAMÍLIA FEMININA	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
7. ALGUÉM NO TRABALHO HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
8. ALGUÉM NO TRABALHO - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
9. AMIGO/CONHECIDO - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
10. AMIGA/CONHECIDA - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
11. CONHECIDO RECENTE - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
12. CONHECIMENTO RECENTE - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
13. ESTRANHO - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
14. ESTRANHO - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
15. PROFESSOR - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
16. PROFESSORA - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
17. MÉDICO/PESSOAL DE SAÚDE - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
18. MÉDICO/PESSOAL DE SAÚDE - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
19. LÍDER RELIGIOSO - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
20. LÍDER RELIGIOSO - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
21. POLÍCIA/ MILITAR - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
22. POLÍCIA/ MILITAR - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
23. OUTRO-HOMEM (ESPECIFICAR) _____	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
24. OUTRA-MULHER (ESPECIFICAR) _____	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

PREENCHER APENAS SE REFERIU **ALGUM AGRESSOR** NA TABELA ACIMA NA PERGUNTA 43. SE **NÃO** PASSAR PARA A PERGUNTA 48.

INDICAR EM FRENTE TODOS OS AGRESSORES QUE FORAM MENCIONADOS EM 43.
SE FOREM MAIS DE 3, PERGUNTAR QUAIS FORAM OS MAIS SÉRIOS.

SEVERIDADE	INSERIR O NÚMERO DO AGRESSOR INDICADO NA PERGUNTA 43 →	a. AGRESSOR 1		b. AGRESSOR 2		c. AGRESSOR 3	
		1.Não	2.Sim	1.Não	2.Sim	1.Não	2.Sim
44. Como resultado de um ou mais atos acima referidos qual foi a severidade dos ferimentos?							
44.1. Teve cortes, arranhões, pisaduras leves ou dores	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
44.2. Teve ferimentos nos olhos ou ouvidos, entorses, deslocções ou queimaduras	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
44.3. Teve ferimentos graves, ossos partidos, dentes partidos, ferimentos internos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
45. Os ferimentos aconteceram nos últimos 12 meses?	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
DENÚNCIA ÀS AUTORIDADES/PROCURAR AJUDA		a. AGRESSOR 1		b. AGRESSOR 2		c. AGRESSOR 3	
46. Contou a alguém sobre comportamento do agressor?							
1. NINGUÉM		☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. FAMILIARES		☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. AMIGOS		☐	☐	☐	☐	☐	☐
4. VIZINHOS		☐	☐	☐	☐	☐	☐
5. POLÍCIA		☐	☐	☐	☐	☐	☐
6. MÉDICO/PROF DE SAÚDE		☐	☐	☐	☐	☐	☐
7. ENTIDADE RELIGIOSA		☐	☐	☐	☐	☐	☐
8. CHEFE DE TABANCA		☐	☐	☐	☐	☐	☐
9. ONG/ORGANIZAÇÃO DE MULHERES/ATIVISTAS DE DH		☐	☐	☐	☐	☐	☐
10. OUTROS		☐	☐	☐	☐	☐	☐
10.1. SE OUTROS, INDIQUE QUAL(S)							
LOCALIZAÇÃO		a. AGRESSOR 1		b. AGRESSOR 2		c. AGRESSOR 3	
47. Onde aconteceu?							
1. EM SUA CASA		☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. EM CASA DO AGRESSOR		☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. EM CASA DE OUTRA PESSOA		☐	☐	☐	☐	☐	☐
4. ESTRADA OU BECO		☐	☐	☐	☐	☐	☐
5. EM ESPAÇOS PÚBLICOS		☐	☐	☐	☐	☐	☐
6. NO LOCAL DE TRABALHO		☐	☐	☐	☐	☐	☐
7. NA ESCOLA		☐	☐	☐	☐	☐	☐
8. NO TRANSPORTE PÚBLICO		☐	☐	☐	☐	☐	☐



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

9.NUM BAR OU DISCOTECA	☐	☐	☐
10.NA HORTA, NA BOLANHA OU NO MATO	☐	☐	☐

LER À INQUIRIDA: Agora gostaria de lhe perguntar sobre outras experiências indesejadas que pode ter tido.

Mais uma vez, quero que pense em qualquer pessoa, homem ou mulher. Lembre-se de incluir pessoa que conheceu assim como estranhos. (PARA AS MULHERES QUE JÁ TIVERAM UM PARCEIRO ADICIONAR SE NECESSÁRIO: EXCETO O SEU MARIDO/PARCEIRO.)

SEXUAL	Frequência	
	a. Aconteceu	
	1.Não	2.Sim
48. Desde os 15 anos de idade, alguma vez alguém:		
A forçou a ter relações sexuais quando não queria.	☐	☐
Se necessário: definimos a relação sexual como sexo oral, penetração anal ou vaginal.		
SE RESPONDER SIM NA PERGUNTA 48, RESPONDER À PERGUNTA 49,		
SE RESPONDER NÃO AVANÇAR PARA A PERGUNTA 50		

Quem lhe fez isto?	PERGUNTAR APENAS PARA OS MARCADOS ANTERIORMENTE						
	a. Aconteceu		b. Aconteceu desde os 15 anos?		c. Aconteceu nos últimos 12 meses?		
	1.Não	2.Sim	1.Algumas vezes (1-5x)	2.Várias Vezes (6+)	0.Não (0x)	1.Algumas vezes (1-5x)	2.Várias Vezes (6+)
	49. RELAÇÃO COM AGRESSOR						
1. PAI	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. PADRASTO	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. MÃE	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4. MADRASTA	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
5. OUTRO MEMBRO DA FAMÍLIA MASCULINO	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
6. OUTRO MEMBRO DA FAMÍLIA FEMININA	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
7. ALGUÉM NO TRABALHO HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
8. ALGUÉM NO TRABALHO - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
9. AMIGO/CONHECIDO - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
10. AMIGA/CONHECIDA - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
11. CONHECIDO RECENTE - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
12. CONHECIDO RECENTE - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
13. ESTRANHO - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
14. ESTRANHO - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
15. PROFESSOR - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
16. PROFESSORA - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
17. MÉDICO/PESSOAL DE SAÚDE - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
18. MÉDICO/PESSOAL DE SAÚDE - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
19. LÍDER RELIGIOSO - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
20. LÍDER RELIGIOSO - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
21. POLÍCIA/ MILITAR - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
22. POLÍCIA/ MILITAR - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

23. OUTRO-HOMEM (ESPECIFICAR) ____	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
24. OUTRA-MULHER (ESPECIFICAR) ____	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Frequência

a. Aconteceu

50. Para além de tudo o que mencionou, pode dizer-me se, desde os 15 anos, alguma vez:

Alguém tentou forçá-la a realizar um ato sexual que não queria, tentou forçá-la a ter relações sexuais (o que não ocorreu), tocou-lhe sexualmente, ou fez qualquer outra coisa sexual que não quisesse

1. Não

2. Sim

☐

☐

SE RESPONDER **SIM** NA PERGUNTA 50, RESPONDER À PERGUNTA 51,
SE RESPONDER **NÃO** a 48 e 50 AVANÇAR PARA A PERGUNTA 54; SE RESPONDEU **NÃO** A 50 MAS SIM A 48, RESPONDER A 52 E 53.

Quem lhe fez isto?

PERGUNTAR APENAS PARA OS MARCADOS ANTERIORMENTE

SONDAR: MAIS ALGUÉM? UM PARENTE? ALGUÉM NA ESCOLA OU NO TRABALHO? UM AMIGO OU VIZINHO? UM ESTRANHO OU QUALQUER OUTRA PESSOA? NÃO LER A LISTA, APENAS MARCAR OS MENCIONADOS

51. RELAÇÃO COM AGRESSOR

	a. Aconteceu		b. Aconteceu desde os 15 anos?		c. Aconteceu nos últimos 12 meses?		
	1. Não	2. Sim	1. Algumas vezes (1-5x)	2. Várias vezes (6+)	0. Não (0x)	1. Algumas vezes (1-5x)	2. Várias vezes (6+)
1. PAI	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. PADRASTO	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. MÃE	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4. MADRASTA	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
5. OUTRO MEMBRO DA FAMÍLIA MASCULINO	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
6. OUTRO MEMBRO DA FAMÍLIA FEMININA	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
7. ALGUÉM NO TRABALHO HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
8. ALGUÉM NO TRABALHO - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
9. AMIGO/CONHECIDO - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
10. AMIGA/CONHECIDA - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
11. CONHECIDO RECENTE - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
12. CONHECIMENTO RECENTE - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
13. ESTRANHO - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
14. ESTRANHO - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
15. PROFESSOR - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
16. PROFESSORA - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
17. MÉDICO/PESSOAL DE SAÚDE - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
18. MÉDICO/PESSOAL DE SAÚDE - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
19. LÍDER RELIGIOSO - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
20. LÍDER RELIGIOSO - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
21. POLÍCIA/ MILITAR - HOMEM	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
22. POLÍCIA/ MILITAR - MULHER	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
23. OUTRO-HOMEM (ESPECIFICAR) ____	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
24. OUTRA-MULHER (ESPECIFICAR) ____	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

SE RESPONDEU **SIM** À PERGUNTA 48 e/ou **50** CONTINUE PARA A PERGUNTA **52**,

SE RESPONDEU **NÃO** AVANCE PARA A PERGUNTA **54**

DENÚNCIA ÀS AUTORIDADES/PROCURAR AJUDA

52. Contou a alguém sobre comportamento destes agressores?

SE NECESSÁRIO RELEMBRAR A VIOLÊNCIA ACIMA RELATADA).

NÃO LER A LISTA MAS AJUDAR TIPO ‘MAIS ALGUÉM? MARCAR TODOS OS QUE FOREM REFERIDOS

INSERIR O NÚMERO DO AGRESSOR INDICADO NA PERGUNTA 51

a. AGRESSOR 1

b. AGRESSOR 2

c. AGRESSOR 3

1. NINGUÉM

☐
☐
☐

2. FAMILIARES

☐
☐
☐

3. AMIGOS

☐
☐
☐

4. VIZINHOS

☐
☐
☐

5. POLÍCIA

☐
☐
☐

6. MÉDICO/PROF DE SAÚDE

☐
☐
☐

7. ENTIDADE RELIGIOSA

☐
☐
☐

8. CHEFE DE TABANCA

☐
☐
☐

9. ONG/ORGANIZAÇÃO DE MULHERES/ATIVISTAS DE DH

☐
☐
☐

10. OUTROS

☐
☐
☐

10.1. SE OUTROS, INDIQUE QUAL(S)

LOCALIZAÇÃO

a. AGRESSOR 1

b. AGRESSOR 2

c. AGRESSOR 3

53. Onde aconteceu?

1. EM SUA CASA

☐
☐
☐

2. EM CASA DO AGRESSOR

☐
☐
☐

3. EM CASA DE OUTRA PESSOA

☐
☐
☐

4. ESTRADA OU BECO

☐
☐
☐

5. EM ESPAÇOS PÚBLICOS

☐
☐
☐

6. NO LOCAL DE TRABALHO

☐
☐
☐

7. NA ESCOLA

☐
☐
☐

8. NO TRANSPORTE PÚBLICO

☐
☐
☐

9. NUM BAR OU DISCOTECA

☐
☐
☐

10. NA HORTA, NA BOLANHA OU NO MATO

☐
☐
☐



PROJETO "MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)"

Inquérito nº ____

IV. EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÕES DE VCM (PÁG.10)

MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA

PERCEPÇÕES

54. Em alguns países, existe uma prática em que uma rapariga pode ter parte dos seus órgãos genitais externos cortadas.

54.1. Já ouviu falar de circuncisão feminina / excisão (fanado de mulher)?

1.Não

2.Sim

54.2. Acredita que esta prática é exigida pela religião?

1.Não

2.Sim

54.3. Considera que esta prática deve continuar?

1.Não

2.Sim

54.4. As meninas poderão ter algum benefício se forem circuncisadas?

1.Não

2.Sim

SE SIM, qual?

CIRCUNCISÃO DA INQUIRIDA

55. Já foi circuncisada / excisada?

1.Não

2.Sim

SE SIM:

Agora gostaria de lhe perguntar o que lhe foi feito nesse momento.

55.1. Alguma parte do órgão genital foi removida?

1.Não

2.Sim

55.2. A área genital foi cortada sem remoção de nenhuma parte?

1.Não

2.Sim

55.3. A sua área genital foi cosida?

1.Não

2.Sim

55.4. Que idade tinha quando foi circuncisada?

NÃO SABE

NÃO SE LEMBRA

55.5. Quem realizou a circuncisão? ☐ 1.PROFISSIONAL DE SAÚDE

☐ 1.1.MÉDICO

☐ 1.2.OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE

1.2.1.ESPECIFICAR

☐ 2.FANATECA (EXCISORA TRADICIONAL)

☐ 3.PARTEIRA TRADICIONAL

☐ 4.OUTRO TRADICIONAL

ESPECIFICAR

☐ 5. NÃO SABE

☐ 6. NÃO SE LEMBRA



PROJETO "MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)"

Inquérito nº ____

CIRCUNCISÃO DAS FILHAS

56. Só para confirmar (PERGUNTA 24), você tem ____ filhas, correto?

SE NENHUMA FILHA SEGUIR PARA A PERGUNTA 58

57. Alguma das suas filhas foi circuncisada?

1. Não ☐

2. Sim ☐

SE SIM:

Agora gostaria de lhe perguntar o que lhe foi feito à sua filha que foi circuncisada mais recentemente.

57.1. Quem realizou a circuncisão?

57.2. Alguma parte do órgão genital foi removida?

1. Não ☐

2. Sim ☐

57.3. A área genital foi cortada sem remoção de alguma parte?

1. Não ☐

2. Sim ☐

57.4. A área genital foi cosida?

1. Não ☐

2. Sim ☐

57.5. Que idade tinha a sua filha?

anos

57.6. Tem alguma filha que não seja circuncisada?

1. Não ☐

2. Sim ☐

57.7. Pretende que alguma das suas filhas seja circuncisada no futuro?

1. Não ☐

2. Sim ☐

ATITUDE EM RELAÇÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Às vezes o marido fica chateado ou com raiva por causa de algumas ações que a sua esposa faz.

Na sua opinião, isto justifica que o marido bata a mulher, nas seguintes situações:

58. Se ela sai sem o dizer?

1. Não ☐

2. Sim ☐

59. Se ela não toma conta das crianças?

1. Não ☐

2. Sim ☐

60. Se ela discute com ele?

1. Não ☐

2. Sim ☐

61. Se ela recusar a ter relações sexuais com ele?

1. Não ☐

2. Sim ☐

62. Se ela queima a comida?

1. Não ☐

2. Sim ☐



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

DENÚNCIA ÀS AUTORIDADES / PROCURA DE AJUDA

63. **Você ou outra pessoa reportou algum dos incidentes que falamos à polícia ou a outras autoridades judiciais?** 1. Não ☐ 2. Sim ☐ 3. Não Sei/Não me Lembro ☐ 4. Sem Resposta ☐

SE A RESPOSTA FOR **NÃO**

Por que não reportou qualquer incidente?

(MARCAR TODOS OS QUE SE APLICAM)

SEM LER AS OPÇÕES)

- | | |
|---|--------------------------|
| 1. RESOLVEU ELA MESMA / ENVOLVEU UM AMIGO ASSUNTO DE FAMÍLIA | ☐ |
| 2. DEMASIADO INSIGNIFICANTE / NÃO SUFICIENTEMENTE GRAVE / NUNCA LHE OCORREU | ☐ |
| 3. PENSEI QUE A POLÍCIA NÃO IRIA FAZER NADA | ☐ |
| 4. PENSEI QUE A POLÍCIA NÃO PODIA FAZER NADA | ☐ |
| 5. MEDO DO AGRESSOR | ☐ |
| 6. VERGONHA / PENSEI QUE A CULPA ERA MINHA | ☐ |
| 7. NÃO QUERIA QUE NINGUÉM SOUBESSE | ☐ |
| 8. NÃO QUERIA QUE O AGRESSOR TIVESSE SIDO PRESO / PROBLEMAS COM A POLÍCIA | ☐ |
| 9. NINGUÉM IA ACREDITAR EM MIM | ☐ |
| 10. MEDO DE PERDER OS FILHOS | ☐ |
| 11. FAZ PARTE DO MEU TRABALHO/ VEM COM O TRABALHO | ☐ |
| 12. REPORTOU A OUTRA PESSOA | ☐ |
| (ESPECIFICAR) _____ | ☐ |
| 13. OUTROS | ☐ |
| (ESPECIFICAR) _____ | ☐ |
| 14. NÃO SEI/NÃO ME LEMBRO | ☐ |
| 15. RECUSOU RESPONDER /SEM RESPOSTA | ☐ |

SE A RESPOSTA FOR **SIM**

O que a autoridade fez?

(MARCAR TODOS OS QUE SE APLICAM)

- | | |
|--|--------------------------|
| 1. UM RELATÓRIO | ☐ |
| 2. PRENDEU O HOMEM | ☐ |
| 3. DEU UM AVISO AO HOMEM | ☐ |
| 4. SUGERIU SERVIÇOS À INQUIRIDA | ☐ |
| 5. PRESTOU PROTEÇÃO À INQUIRIDA | ☐ |
| 6. DEU SEGUIMENTO AO PROCEDIMENTO JUDICIAL | ☐ |
| 7. A POLÍCIA NÃO FEZ NADA | ☐ |
| 8. OUTRA COISA | ☐ |
| (ESPECIFICAR) _____ | ☐ |
| 9. NÃO SEI/NÃO ME LEMBRO | ☐ |
| 10. RECUSOU RESPONDER /SEM RESPOSTA | ☐ |

SE **SIM** NA PERGUNTA 63 RESPONDER ÀS PERGUNTAS 63.1. a 63.4.

- 63.1. **Alguma vez foram apresentadas acusações contra ele (eles) como resultado de algum dos incidentes?**

1. Não ☐ 2. Sim ☐ 3. Não Sei/Não me Lembro ☐ 4. Sem Resposta ☐

- 63.2. **Estas acusações levaram a uma condenação em tribunal?**

1. Não ☐ 2. Sim ☐ 3. Não Sei/Não me Lembro ☐ 4. Sem Resposta ☐

- 63.3. **Está satisfeita com a forma como a polícia lidou com o caso?**

1. Muito satisfeito ☐ 2. Satisfeito ☐ 3. Insatisfeito ☐ 4. Muito insatisfeito ☐ 5. Sem Resposta ☐



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

63.4. Há mais alguma coisa que a polícia devesse ter feito para ajudá-la?

1. Não ☐ 2. Sim ☐

SE A RESPOSTA FOR **SIM**, INDIQUE O QUE, SE **NÃO** AVANÇAR PARA A QUESTÃO 64.

MARCAR TODOS QUE SE APLICAM SEM LER OPÇÕES

- | | |
|--|--------------------------|
| 1. INFORMÁ-LA, NO DIA DA DENÚNCIA, SOBRE OS PRÓXIMOS PASSOS | ☐ |
| 2. DAR INFORMAÇÕES SOBRE PROCEDIMENTOS LEGAIS OU SERVIÇOS DE APOIO À VÍTIMA | ☐ |
| 3. RESPONDER MAIS RAPIDAMENTE | ☐ |
| 4. APRESENTAR QUEIXA DELE AO MINISTÉRIO PÚBLICO / PRENDÊ-LO | ☐ |
| 5. DAR-LHE UM AVISO | ☐ |
| 6. LEVAR A QUEIXA DE FORMA MAIS SÉRIA / OUVIR-ME / APOIAR-ME MAIS / AJUDADO MAIS | ☐ |
| 7. LEVÁ-LO PARA LONGE /FORA DE CASA/DAR-LHE UMA ORDEM PARA QUE NÃO SE APROXIMASSE DE MIM | ☐ |
| 8. LEVAR A INQUIRIDA PARA UMA CASA DE ABRIGO | ☐ |
| 9. PROTEGÊ-LA / AJUDAR-A A SAIR DE CASA | ☐ |
| 10. LEVAR-LA PARA O HOSPITAL / CUIDADOS MÉDICOS | ☐ |
| 11. OUTROS | ☐ |

ESPECIFICAR

12. NÃO SEI/NÃO ME LEMBRO

☐
☐

13. RECUSOU RESPONDER /SEM RESPOSTA

64. Tem conhecimento de alguma agência ou serviço que preste apoio a mulheres com experiência de situações de violência?

1. Não ☐ 2. Sim ☐

SE A RESPOSTA FOR **SIM**, INDIQUE QUAL OU QUAIS CONHECE, SE **NÃO** AVANÇAR PARA A QUESTÃO 65.

- | | |
|--|--------------------------|
| 1. Centro de acesso à justiça (CAJ) | ☐ |
| 2. Liga guineense dos direitos humanos | ☐ |
| 3. Espaços informais de acolhimento – AMIC | ☐ |
| 4. OUTROS (DIZER QUAL) | <input type="text"/> |

65. Para além das pessoas já mencionadas, alguma vez falou com alguém sobre o que aconteceu, com:

(LER E MARCAR TODOS OS QUE SE APLICAM)

- | | | |
|--|---------------------------------|---------------------------------|
| 65.1. Familiares imediatos | 1. Não ☐ | 2. Sim ☐ |
| 65.2. Amigos/vizinhos | 1. Não ☐ | 2. Sim ☐ |
| 65.3. Colega de escola ou trabalho | 1. Não ☐ | 2. Sim ☐ |
| 65.4. Chefe de tabanca | 1. Não ☐ | 2. Sim ☐ |
| 65.5. Líder religioso | 1. Não ☐ | 2. Sim ☐ |
| 65.6. Médico/Enfermeira ou outro profissional de saúde | 1. Não ☐ | 2. Sim ☐ |
| 65.7. OUTRA PESSOA | 1. Não ☐ | 2. Sim ☐ |



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

(ESPECIFICAR) _____

V. CONCLUSÃO DA ENTREVISTA (PÁG.11)

REVER O INQUÉRITO

Já terminamos a entrevista.

66. Há alguma coisa que lhe tenha acontecido e que eu não tenha perguntado? 1.Não ☐ 2.Sim ☐

66.1. Se **SIM** ...

67. Tem algum comentário, ou há mais alguma coisa que gostaria de acrescentar? 1.Não ☐ 2.Sim ☐

67.1. Se **SIM** ...

68. Perguntei-lhe sobre muitas coisas difíceis. Como é que falar destas coisas a fez sentir?

(ESCREVA QUALQUER RESPOSTA ESPECÍFICA DADA PELO RESPONDENTE)

- 1.BEM/MELHOR ☐
2.MAL/PIOR ☐
3.NA MESMA/NENHUMA DIFERENÇA ☐

CONCLUSÃO 1 – SE A INQUIRIDA REVELOU PROBLEMAS/VIOLÊNCIA

Gostaria de lhe agradecer muito por nos ajudar. Sei que estas questões podem ter sido difíceis de responder, mas só ao ouvir as próprias mulheres é que podemos realmente compreender as suas experiências de violência.

Pelo que nos disse, posso dizer que teve momentos muito difíceis na sua vida. Ninguém tem o direito de tratar outra pessoa dessa forma. No entanto, pelo que me disse, posso ver também que é forte e sobreviveu a circunstâncias difíceis.

Aqui está o contato do serviço de apoio às mulheres e aconselhamento jurídico. Por favor, contate-os se quiser falar sobre a sua situação com alguém. Os seus serviços são gratuitos e guardam tudo o que disser em privado. Pode ir sempre que se sentir pronta, agora ou mais tarde.

CONCLUSÃO 2 – SE A INQUIRIDA NÃO REVELOU PROBLEMAS/VIOLÊNCIA

Gostaria de lhe agradecer muito por nos ajudar. Sei que estas perguntas podem ter sido difíceis de responder, mas só ao ouvir as próprias mulheres é que podemos compreender as experiências das mulheres na vida.

Caso ouça falar de outra mulher que precise de ajuda, aqui está o contato do serviço de apoio às mulheres e aconselhamento jurídico. Por favor contate-os se você ou alguma das suas amigas ou parentes precisarem de ajuda. Estes serviços são gratuitos e manterão tudo o que lhes disser em privado.



PROJETO "MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOÊNCIA BASEADA NO GÉNERO (VBG)"

Inquérito nº ____

Hora de Fim da Entrevista: ____ (h): ____ (min)

INQUIRIDORA DEVE DIZER:

"A minha supervisora poderá querer falar consigo, para saber se eu desempenhei um bom trabalho. Dá a sua autorização para ela falar consigo?"

1. Não ☐ 2. Sim ☐

VI. PARA A INQUIRIDORA (PÁG.12)

64. ALGUÉM ESTEVE PRESENTE NA ENTREVISTA?

1. Não ☐

2. Sim ☐

Se **SIM**, INDIQUE:

64.1. QUANTAS PESSOAS

64.2. QUEM ERAM

64.3. IDADES APROXIMADAS

65. DEPAROU-SE COM ALGUMA DIFICULDADE EM OBTER PRIVACIDADE?

1. Não ☐

2. Sim ☐

65.1. SE **SIM**, POR FAVOR, ESPECIFIQUE

66. TEM A IMPRESSÃO DE QUE AS RESPOSTAS ERAM VERDADEIRAS?

1. Não ☐

2. Sim ☐

66.1. SE **NÃO**, POR FAVOR, ESPECIFIQUE

67. DETECTOU ALGUM PROBLEMA ESPECÍFICO COM A REDAÇÃO DAS PERGUNTAS?

1. Não ☐

2. Sim ☐

67.1. SE **SIM**, POR FAVOR, INDIQUE COM QUE PERGUNTAS

68. CONSIDERA QUE FALTA ALGUMA PERGUNTA?

1. Não ☐

2. Sim ☐

68.1. SE **SIM**, POR FAVOR, ESPECIFIQUE

69. QUAISQUER OUTROS COMENTÁRIOS



PROJETO “MINDJORIA PA MINDJER, I MINDJOR PA TUDU DJINTIS - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER E PREVENÇÃO COMUNITÁRIA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO (VBG)”

Inquérito nº ____

--

ANEXO II - ACORDO DE CONFIDENCIALIDADE



"Mindjoria pa Mindjer, i Mindjor pa tudo Djintis-Characterização da Situação da Mulher e Prevenção Comunitária da Violência Baseada no Género"

ACORDO DE CONFIDENCIALIDADE

Estudo "Mindjoria pa Mindjer, i Mindjor pa tudo Djintis-Characterização da Situação da Mulher e Prevenção Comunitária da Violência Baseada no Género"

Eu, abaixo assinado, declaro que concordo participar do estudo acima mencionado e declaro a minha intenção de executar as responsabilidades que me foram atribuídas enquanto Supervisor, sinceramente e da melhor maneira possível.

Concordo manter em sigilo todos os documentos ou informações, verbais ou escritas, que me sejam divulgadas. As informações devem ser usadas apenas para os fins que me foram fornecidos e não devem ser divulgadas a terceiros.

Após a conclusão da minha colaboração, retornarei prontamente todas as informações e materiais que me foram dados e não reterei cópias impressas ou eletrónicas de qualquer informação ou documento escrito fornecido.

POSIÇÃO: Supervisor no Estudo "Mindjoria pa Mindjer, i Mindjor pa tudo Djintis-Characterização da Situação da Mulher e Prevenção Comunitária da Violência Baseada no Género"

NOME: _____

ASSINADO: _____

LOCAL E DATA: _____ / _____ / _____

ANEXO III - INQUÉRITO SATISFAÇÃO DA VIDA



“Mindjoria pa Mindjer, i Mindjor pa tudu Djintis – Caracterização da Situação da Mulher e Prevenção Comunitária da Violência Baseada no Género (VBG)”

Inquérito nº ____

SATISFAÇÃO DA VIDA

LER À INQUIRIDA: Nmistiba fasiu gossi algun purguntas simple sobre felicidade ku contentamento.

(CIRCULE O NÚMERO DE ACORDO COM A RESPOSTA DADA PELA ENTREVISTADA)

1. Purmeru, nes momento bu pudi fala si bu sta muto feliz, um bocadu feliz, nin feliz nin infeliz, um bocadu infeliz, muto infeliz?

1. Muito feliz 2. Um pouco feliz 3. Nem feliz nem infeliz 4. Um pouco infeliz 5. Muito infeliz

2. Gossi, Nmistiba fassiu algun purgunta sobre si bu sta contenti na diferentes kussas. Pa cada caso, i tem cinco respostas: contan, di fabur, pa cada purgunta, se bu sta muto contenti, um bocadu contenti, nin contenti nin discontenti um bocadu discontenti o muto discontenti.

2.1 bu contenti ku bu vida na família?

1. Muito satisfeita 2. Pouco satisfeita 3. Nem satisfeita nem satisfeita 4. Pouco insatisfeita 5. Muito insatisfeita

2.2. bu contenti ku amigos ku bu tene?

1. Muito satisfeita 2. Pouco satisfeita 3. Nem satisfeita nem satisfeita 4. Pouco insatisfeita 5. Muito insatisfeita

3. Bu contenti ku bu escola?

0. Não vai à escola

1. Muito satisfeita 2. Pouco satisfeita 3. Nem satisfeita nem satisfeita 4. Pouco insatisfeita 5. Muito insatisfeita

4. Bu contenti ku tarbadju ku bu tene e tempo?

0. Não vai à escola

1. Muito satisfeita 2. Pouco satisfeita 3. Nem satisfeita nem satisfeita 4. Pouco insatisfeita 5. Muito insatisfeita

5. Bu contenti ku bu saúde?

1. Muito satisfeita 2. Pouco satisfeita 3. Nem satisfeita nem satisfeita 4. Pouco insatisfeita 5. Muito insatisfeita

6. Bu contenti ku kau nunde ku bu mora?

1. Muito satisfeita 2. Pouco satisfeita 3. Nem satisfeita nem satisfeita 4. Pouco insatisfeita 5. Muito insatisfeita

7. Bu contenti manera ku guintis ku perto bo ta tratau?

1. Muito satisfeita 2. Pouco satisfeita 3. Nem satisfeita nem satisfeita 4. Pouco insatisfeita 5. Muito insatisfeita

8. Bu contenti ku bu kurpu manera ki sta/aparência física?

1. Muito satisfeita 2. Pouco satisfeita 3. Nem satisfeita nem satisfeita 4. Pouco insatisfeita 5. Muito insatisfeita

9. Bu contenti ku bu vida manera ku tudu na bai?

1. Muito satisfeita 2. Pouco satisfeita 3. Nem satisfeita nem satisfeita 4. Pouco insatisfeita 5. Muito insatisfeita



“Mindjoria pa Mindjer, i Mindjor pa tudu Djintis – Caracterização da Situação da Mulher e Prevenção Comunitária da Violência Baseada no Género (VBG)”

Inquérito nº ____

10. Bu contenti ku ke ku bu ta ganha es tempo?

0. Não vai à escola

1. Muito satisfeita

2. Pouco satisfeita

3. Nem satisfeita nem satisfeita

4. Pouco insatisfeita

5. Muito insatisfeita

11. Si no compara ku ano pasadu, na es memo tempo sin, bu na fala ba kuma bu vida mindjoria, i sta igual o i piora?

1. Melhorou

2. Mais ou menos a mesma

3. Piorou

12. dentro de um ano a partir de momento, bu pensa bu vida na mindjoria, na continua na memu o i na piora?

1. Melhorará

2. Continuará na mesma

3. Piorará



DIÁRIO DE CAMPO DA INQUIRIDORA

Região / Tabanca
Inquiridora
Contato

Supervisora
Contato

[illegible]

Financiado por:

CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Implementado por:



Em parceria com:





“Mindjoria pa Mindjer, i Mindjor pa tudu Djintis – Caracterização da Situação da Mulher e Prevenção Comunitária da Violência Baseada no Género (VBG)”

DATA	HORA	SLAICINI	GRUPO	ESTADO	N.º	Supervisão autorizada	OBSERVAÇÕES

Observações

ANEXO V - QUESTIONÁRIO DA SUPERVISORA



“Mindjoria pa Mindjer, i Mindjor pa tudu Djintis – Caracterização da Situação da Mulher e Prevenção Comunitária da Violência Baseada no Género (VBG)”

QUESTIONÁRIO DA SUPERVISORA

Nome da Supervisora:

Data e hora da visita de supervisão: ____ : ____ ____ / ____ / ____

Nome da Inquiridora:

Data de aplicação do Inquérito: ____ / ____ / ____

PEDIR QUE A MULHER QUE FOI SELECIONADA SEJA ENTREVISTADA

Foi recentemente entrevistada por uma inquiridora local (ASC) que colabora com a FEC. Trabalho para a mesma organização, e sou responsável pela supervisão das inquiridoras da região de “_____”. Como parte do meu trabalho, tenho de saber por algumas das mulheres que foram entrevistadas se as nossas inquiridoras estão a fazer bem o seu trabalho. Como a entrevista foi privada, não sei nada sobre si ou sobre o que discutiu com ela, e o seu nome não será usado em nenhum lugar do estudo. Neste sentido, se não se importar, gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre o bom desempenho da nossa inquiridora. Estas só vão demorar alguns minutos.

Por favor, seja honesta no seu feedback, pois isso irá ajudar-nos a garantir que tratamos bem as participantes e que realizamos um bom estudo.

- Tem alguma pergunta a fazer?
- Posso continuar?
- Este é um bom local para conduzir a entrevista? Há um lugar mais privado onde podemos conduzir a entrevista?

1. No início da entrevista, a inquiridora (PODE USAR O NOME DELA) explicou o objetivo do estudo (APRENDER MAIS SOBRE EXPERIÊNCIAS DE VIDA E SEGURANÇA DAS MULHERES DA COMUNIDADE) e perguntou-lhe se queria ou não ser entrevistado?
☐ SIM ☐ NÃO
2. Havia mais alguém consigo enquanto estava a ser entrevistada? Sondar: estava presente alguma criança? _____
☐ SIM (ANOTAR QUEM ESTAVA PRESENTE. SE HAVIA CRIANÇAS, ANOTAR A IDADE) ☐ NÃO
3. Qual foi o assunto da entrevista? SONDAR: lembra-se de algum outro assunto de que tenha falado? (ASSINALAR TODAS AS RESPOSTAS DADAS E ANOTAR QUAISQUER OUTRAS RESPOSTAS)
☐ Violência
☐ Comportamento do parceiro
☐ Outros: _____
4. A inquiridora falou consigo sobre a sua relação com o seu marido/parceiro?
☐ Sim ☐ Não ☐ N/A (PODE NÃO TER PARCEIRO)



“Mindjoria pa Mindjer, i Mindjor pa tudu Djintis – Caracterização da Situação da Mulher e Prevenção Comunitária da Violência Baseada no Género (VBG)”

5. No final da entrevista, o entrevistador ofereceu-lhe uma folha de informação?
☐ Sim ☐ Não
6. Em geral, acha que a entrevista foi uma boa ou má experiência? Porquê?
7. Aconteceu-lhe alguma coisa boa ou má, ou a outra pessoa, mais tarde, como resultado da entrevista?
Por favor, explique:
8. Há algum feedback que eu deva transmitir à inquiridora que possa melhorar o seu trabalho?
9. Gostava de dizer mais alguma coisa às pessoas que fazem este estudo?

Obrigado pelo seu tempo para nos dar o seu feedback sobre o estudo. Utilizaremos as suas opiniões para garantir que a recolha de informação seja de boa qualidade e que possa ser utilizada para ajudar a melhorar os serviços para as mulheres.

6.

BIBLIOGRAFIA

1. World Health Organisation, Multi-country study on women's health and domestic violence against women - Initial results on prevalence, health outcomes and women's responses (2005) disponível em:
<https://www.who.int/reproductivehealth/publications/violence/24159358X/en/>
2. United Nations, Guideline for producing statistics on Violence against Women, New York (2014), disponível em:
https://unstats.un.org/unsd/gender/docs/guidelines_statistics_vaw.pdf
3. United Nations, Report of the Friends of the Chair of the United Nations Statistical Commission on the indicators on violence against women (2009), disponível em:
<https://unstats.un.org/unsd/statcom/doc09/2009-13-GenderStats-E.pdf>
4. Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde, IIº Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva (2005), disponível em:
<https://www.ine.cv/dircv/index.php/catalog/20>
5. United Nations, Report of the Expert Group Meeting on Measuring Violence against Women (2009), disponível em:
<http://mdgs.un.org/unsd/demographic/meetings/vaw/docs/Item12.pdf>
6. Pereira, Ana Cristina. Desafios – Direitos das Mulheres na Guiné-Bissau. ACEP (2012), disponível em:
https://issuu.com/acep_ongd/docs/desafios_direitosmulheres_vdigital/126
7. Roque, Sílvia e Negrão, Sara. Mulheres e Violências, combater violência: propostas para a Guiné-Bissau. IMVF (2009), disponível em:
https://issuu.com/imvf/docs/manualmulhereseviolenciasgb_final/3
8. EUROPEAN UNION AGENCY FOR FUNDAMENTAL RIGHTS, Violência contra as mulheres: um inquérito à escala da União Europeia – síntese dos resultados (2014), disponível em:
<https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2014/11/Viol%C3%A0ncia-contra-as-mulheres-um-inqu%C3%A9rito-%C3%A0-escala-da-UE.pdf>
9. Unicef, Relatório aos Indicadores Múltiplos na Guiné-Bissau 6 (2018-19), disponível em:
https://mics.unicef.org/news_entries/172/JUST-RELEASED:-GUINEA-BISSAU-2018-19-DATA-SETS,-SURVEY-FINDINGS-AND-SNAPSHOTS
10. Unicef, Relatório aos Indicadores Múltiplos na Guiné-Bissau 4 (2014), disponível em:
https://www.unicef.org/infobycountry/files/unicef_MICS_Guinea-Bissau_2014.pdf

PROMOTOR:



PARCEIRO:



FINANCIADOR:

